



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGEL
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PETRÔNIO PORTELA/TERESINA- PI
CEP: 64.049-550- FONE: (86) 3215-5942

Área de Concentração: Estudos Linguísticos
Linha de Pesquisa: Variação Linguística, Oralidade e Letramento

**NA FALA DE NÓS NÃO SE USA NOSSO: UMA ANÁLISE VARIACIONISTA DO
POSSESSIVO DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NA COMUNIDADE
BAIXIO/SÃO JOSÉ DO PIAUÍ-PI**

Mestranda: Valdisnéia Lucia De Sousa
Orientadora: Prof^ª. Dra. Iveuta de Abreu Lopes

TERESINA-PI

2019

VALDISNÉIA LUCIA DE SOUSA

**NA FALA DE NÓS NÃO SE USA NOSSO: UMA ANÁLISE VARIACIONISTA DO
POSSESSIVO DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NA COMUNIDADE
BAIXIO/SÃO JOSÉ DO PIAUÍ-PI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí – Campus Ministro Petrônio Portella, como requisito parcial à obtenção do título de mestres em letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Orientadora: Prof^a. Dra. Iveuta de Abreu
Lopes

Instituição: Universidade Federal do
Piauí/UFPI

TERESINA-PI

2019

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Serviço de Processamento Técnico

S725n Sousa, Valdisnéia Lucia de.
Na fala de nós não se usa nosso : uma análise variacionista do possessivo de primeira pessoa do plural na comunidade Baixo/São José Do Piauí-PI / Valdisnéia Lucia de Sousa. – 2019.
118 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.
“Orientadora: Prof. Dr. Iveuta de Abreu Lopes”.

1. Sociolinguística. 2. Variação Linguística. 3. Língua e Sociedade. I. Título.

CDD 401.9

À VOVÓ,

Maria Hosana (*in memoriam*), minha segunda mãe,
pelo amor que me dedicaste e pelas mãos que me
seguraram sempre que ia cair.

AGRADECIMENTOS

Levando-se em consideração que este trabalho é o resultado de uma longa jornada, por onde passaram diferentes pessoas, eu não poderia deixar de agradecê-las.

Agradeço primeiramente a Deus, ser responsável por tudo de bom na minha vida e que permitiu que tudo isso acontecesse. Obrigado Senhor, por ser meu principal socorro nas horas de angústias, me dando equilíbrio e renovando minha força e disposição ao longo da minha caminhada. E por ser, não só durante o curso, mas em todos os momentos, o maior mestre que alguém pode conhecer.

Agradeço às minhas mães, Maria Lúcia e vovó Maria Hozana (*in memoriam*), meus maiores exemplos. Sou grata pela dedicação e cuidado, por cada incentivo e orientação, que foram minha primeira base de educação. Agradeço pelo apoio constante em todas as etapas da minha vida. Nunca teria palavras suficientes para agradecer por tudo, amo vocês!

Ao meu namorado, Brás Junior, melhor companheiro de todas as horas. Agradeço a essa pessoa, com quem partilho a vida, pelo amor, carinho, paciência e pela transmissão de tranquilidade nos momentos mais difíceis. Obrigada pela segurança repassada por meio dos abraços e pelo auxílio na elaboração desse trabalho. Te amo!

Agradeço a toda minha família pelo apoio, em especial a minha prima Luana Batista, pelo auxílio na elaboração dos gráficos, pelas sugestões, bem como pelas palavras de tranquilidade.

Não poderia deixar de agradecer a minha orientadora, professora Dra. Iveuta de Abreu, agradeço pelo empenho dedicado à elaboração deste trabalho. Obrigada pela dedicação, pela disponibilidade, por ouvir minhas considerações e por partilhar comigo seus conhecimentos.

Agradeço ainda ao meu ex-professor e orientador, hoje amigo e minha principal referência no meio acadêmico, professor Luiz Egito. Agradeço pela disponibilidade em me ajudar, pelo paciente trabalho de revisão da dissertação, pelas correções e incentivos. Minha formação, não só acadêmica, jamais teria sido a mesma sem a sua presença, meu muito obrigada!!!

Agradeço a todos os professores do mestrado, pelos conhecimentos compartilhados e por fazerem parte de minha formação. Agradeço ainda por se dedicaram a mim, não somente

por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. Todos terão meus eternos agradecimentos.

Aos meus amigos do mestrado, pelos momentos divididos juntos, especialmente à Keyla, ao Isael, ao Thiago e à Célia, que se tornaram verdadeiros amigos e tornaram mais leve meu trabalho. Obrigada pelo apoio, conselhos, companheirismo e amizade, amizade essa que preservarei eternamente. Foi bom poder contar com vocês!

Enfim, meus sinceros agradecimentos a todos que de alguma forma doaram um pouco de si para a realização desse sonho. Ninguém vence sozinho... OBRIGADA A TODOS!

RESUMO:

Os estudos sociolinguísticos têm demonstrado que uma das características fundamentais das línguas naturais é a possibilidade delas variarem, assim, fenômenos de variação linguística merecem ser estudados e explicitados. O presente trabalho se situa na área da sociolinguística e tem por teoria base a Sociolinguística Variacionista, que encontra em Labov seu principal representante. Temos como tema a abordagem de um aspecto marcante da fala de uma comunidade do interior do Piauí, Baixio, em São José do Piauí, que se trata da substituição do pronome possessivo *nosso* pela expressão *de nós*. Assim, objetivamos investigar o uso da expressão *de nós* na fala dos habitantes da comunidade de Baixio em São José do Piauí-Pi, tendo como objetivos específicos: investigar os fatores que condicionam o uso da expressão *de nós* substituindo o possessivo *nosso* na variedade linguística utilizada pela comunidade Baixio em São José do Piauí-Pi; identificar as variáveis linguísticas e as variáveis sociais que condicionam o uso da expressão *de nós* substituindo o possessivo *nosso* pelos moradores da comunidade; e analisar o contexto morfossintático em que os falantes da comunidade utilizam a expressão *de nós* em substituição ao possessivo *nosso*. Por meio de uma pesquisa prévia, constatamos que as análises que abordam a variação de pronomes centram-se em fenômenos de variação envolvendo o pronome *tu*, o pronome *teu* e o pronome *nós*, desse modo, a realização dessa pesquisa justifica-se, principalmente, por essa lacuna sobre a variação entre *de nós* e *nosso*, além de ela poder contribuir para amenizar o preconceito linguístico, ao mostrar que a variação linguística é algo inerente as línguas naturais. Para a obtenção do *Corpus*, realizamos uma pesquisa de campo, na qual foram feitas gravações com 32 informantes, agrupados em 4 células diferentes, levando-se em consideração a faixa etária, a escolaridade e o sexo/gênero. Essas gravações foram realizadas em duas etapas, inicialmente gravamos situações naturais de comunicação, depois fizemos gravações de falas obtidas por meio de entrevistas. Na teoria, fazemos a contextualização histórica da Língua portuguesa, tratamos sobre a Sociolinguística, a variação linguística, seus diferentes tipos e aspectos nela envolvidos, e tratamos ainda sobre o sistema pronominal do português brasileiro. De modo geral, os resultados mostram que os falantes mais jovens, do sexo/gênero masculino e com escolaridade tendem a utilizar a expressão *de nós* mais que o possessivo *nosso* e mais ainda que uma terceira opção, a forma *da gente*. Quanto aos aspectos sintáticos, a função sintática é determinante para o uso das variantes, a função de objeto indireto e de complemento nominal só podem ser exercidas por termos preposicionados, assim, essas duas funções inibem o uso do pronome *nosso*. No que diz respeito a anteposição e a posposição da variante ao elemento com o qual se relaciona, enquanto a variante *nosso* pode figurar nas duas posições, as formas *de nós* e *da gente* podem aparecer apenas na posição posposta. Analisamos ainda os usos das variantes levando em consideração o paralelismo formal, e notamos que, em sequências em que a noção de posse, no que se refere ao possessivo de primeira pessoa do plural, é transmitida mais de uma vez, as variantes *de nós* e *nosso* são sempre escolhidas para ocupar a primeira posição. Ainda quanto ao paralelismo, o possessivo *nosso* só aparece sendo utilizado isoladamente, como primeiro de uma sequência ou antecedido por ele mesmo, a forma *da gente* só aparece em duas situações, utilizada isoladamente ou antecédida pela expressão *de nós*, esta, por sua vez, figura em todas as posições, excetuando antecédida pela forma *da gente*. Para a realização do trabalho, nos baseamos em autores como, Monteiro (2000), Calvet (2002), Marconi e Lakatos (2003), Tarallo (2003), Mollica (2017), Naro (2004), Bortoni-Ricardo (2004, 2005, 2011), Faraco (2005), Gil (2008), Alkmim (2012), Camacho (2012, 2013), Labov (2008), e outros.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação Linguística. Língua e Sociedade.

ABSTRACT:

Sociolinguistic studies have demonstrated that one of the fundamental characteristics of natural languages is the possibility of them varying, so the phenomena of linguistic variation deserve to be studied and explained. The present work is situated in the area of sociolinguistics and has the Variationist Sociolinguistics as its base theory, which finds in Labov its main representative. We have as a theme the approach of a striking aspect of the speech of a community of the countryside of Piauí, Baixio, in São José do Piauí, which is about the substitution of the possessive pronoun *our* (nosso) by the expression *of us* (de nós). Thus, we aim to investigate the use of the expression *of us* (de nós) in the speech of the inhabitants of the community of Baixio in São José do Piauí-Pi, the specific objectives are: to investigate the factors that condition the use of the expression *of us* (de nós) replacing the possessive *our* (nosso) in the linguistic variety used by the Baixio community in São José do Piauí-Pi; to identify the linguistic variables and social variables that condition the use of the expression *of us* (de nós) replacing the possessive *our* (nosso) by the residents of the community; and to analyze the morphosyntactic context in which the speakers of the community use the expression *of us* (de nós) in substitution for the possessive *our* (nosso). By a previous research, we verified the analyzes that approaches the variation of pronouns focused on phenomena of variation involving the pronoun *you* (tu), the pronoun *your* (teu) and the pronoun *us* (nós), thus, the accomplishment of this research is justified, mainly, by this gap on the variation between *of us* (de nós) and *our* (nosso), and it can contribute to soften the linguistic prejudice by showing that linguistic variation is something inherent in natural languages. In order to obtain our Corpus, we carried out a field research, in which recordings were made with 32 informants, grouped into 4 different cells, taking into account age, schooling and gender. These recordings were performed in two stages, we initially recorded natural communication situations, then recorded speeches obtained through interviews. In theory we make the historical contextualization of the Portuguese Language, discuss the Sociolinguistics, linguistic variation, its different types and aspects involved, we also deal with the pronominal system of Brazilian Portuguese. Overall, the results show that younger, male and literate speakers tend to use the expression *of us* (de nós) more than the possessive pronoun *our* (nosso), and even a third choice, using *of us* (da gente). As for the syntactic aspects, the syntactic function is determinant for the use of variants, the indirect object function and the nominal complement can only be exercised by prepositional terms, thus, these two functions inhibit the use of pronoun *our* (nosso). As regards the preposition and the postponement of the variant to the element which it relates, it has also proved decisive, while the variant *our* (nosso) may appear in the two positions, the uses *of us* (de nós) and *of us* (da gente) can only appear in the postponed position. We also analyze the uses of the variants taking into account the formal parallelism, and we note that in sequences in which the notion of possession, with regard to the possessive of first person plural, is transmitted more than once, the variants *of us* (de nós) and *our* (nosso) are always chosen to take the first position. As far as parallelism is concerned, the possessive *our* (nosso) appears only by being used alone, as the first of a sequence or preceded by itself, *of us* (da gente) appears only in two situations, used alone or preceded by the expression *of us* (de nós), this occurs in all positions, except preceded by *of us* (da gente). In order to carry out the work, we are based on authors such as Monteiro (2000), Calvet (2002), Marconi and Lakatos (2003), Tarallo (2003), Mollica (2004), Naro (2011), Faraco (2005), Gil (2008), Alkmim (2012), Camacho (2012, 2013), Labov (2008) and others.

Keywords: Sociolinguistics. Linguistic Variation. Language and Society.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
2. HISTÓRIA, SOCIOLINGUÍSTICA E VARIAÇÃO	14
2.1. Formação do Português Brasileiro	15
2.2. A Sociolinguística	21
2.3. A Variação Linguística	27
2.3.1. <i>Variação Diastrática</i>	30
2.3.2. <i>Variação Diafásica</i>	30
2.3.3. <i>Variação Diatópica</i>	32
2.3.4. <i>Variação Diacrônica</i>	33
2.3.5. <i>O que varia nas línguas?</i>	34
2.4. O Sistema Pronominal do Português Brasileiro	35
3. A PESQUISA	42
3.1. Procedimentos da Pesquisa de Campo	47
3.1.1. <i>A comunidade de pesquisa</i>	47
3.1.2. <i>Caracterização dos Informantes</i>	47
3.1.3. <i>Instrumentos da Pesquisa e Coleta de Dados</i>	49
3.1.4. <i>Análise dos Dados</i>	51
4. A EXPRESSÃO DE NÓS NA COMUNIDADE BAIXIO	52
4.1. A Expressão De Nós e a Variável Faixa Etária	52
4.2. A Expressão De Nós e a Variável Sexo/Gênero	60
4.3. A Expressão De Nós e a Variável Escolaridade	65
4.4. A Expressão De Nós e o Contexto Morfossintático	71
4.4.1. <i>A Função Sintática</i>	72
4.4.2. <i>A Anteposição e a Posposição</i>	77
4.4.3. <i>O Paralelismo Formal</i>	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88
ANEXOS	95

LISTA DE TABELAS

TABELA 01: Paradigma dos Pronomes Pessoais do Caso Reto do Português.....	37
TABELA 02: Paradigma dos Pronomes Pessoais do Português com a Inserção de Novos Elementos	39
TABELA 03: Quadro dos Informantes com a Variável Escolaridade	48
TABELA 04: Quadro dos Informantes sem a Variável Escolaridade	49
TABELA 05: Realizações das Variantes <i>de nós</i> , <i>nosso</i> e <i>da gente</i> na Variável Anteposição x Posposição.....	78
TABELA 06: Realizações das Variantes <i>de nós</i> , <i>nosso</i> e <i>da gente</i> na Variável Paralelismo Formal.....	81

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Distribuição das variantes <i>de nós</i> , <i>nosso</i> e <i>da gente</i> pela faixa etária 16-25 anos.....	54
FIGURA 02: Distribuição das variantes <i>de nós</i> , <i>nosso</i> e <i>da gente</i> pela faixa etária 26-40 anos.....	55
FIGURA 03: Distribuição das variantes <i>de nós</i> , <i>nosso</i> e <i>da gente</i> pela faixa etária 26-40 anos.....	56
FIGURA 04: Distribuição das variantes <i>de nós</i> , <i>nosso</i> e <i>da gente</i> pela faixa etária acima de 60 anos.....	57
FIGURA 05: Distribuição das variantes <i>de nós</i> , <i>nosso</i> e <i>da gente</i> pelo sexo/gênero masculino.....	62
FIGURA 06: Distribuição das variantes <i>de nós</i> , <i>nosso</i> e <i>da gente</i> pelo sexo/gênero feminino.....	62
FIGURA 07: Distribuição das variantes <i>de nós</i> , <i>nosso</i> e <i>da gente</i> entre informantes com escolaridade.....	68
FIGURA 08: Distribuição das variantes <i>de nós</i> , <i>nosso</i> e <i>da gente</i> entre informantes sem escolaridade.....	68
FIGURA 09: Realizações da variante <i>de nós</i> em relação à função sintática.....	73
FIGURA 10: Realizações da variante <i>nosso</i> em relação à função sintática.....	74
FIGURA 11: Realizações da variante <i>da gente</i> em relação à função sintática.....	74

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objeto de estudo um aspecto peculiar presente na fala dos moradores de Baixio, uma pequena comunidade da cidade de São José do Piauí. Trata-se, pois, da presença da expressão *de nós* substituindo o possessivo de primeira pessoa do plural *nosso*, constituindo assim uma variação linguística que ocorre no nível morfossintático, envolvendo pronomes.

O Baixio é um pequeno povoado marcado por aspectos rurais, e de certo modo, isolado, socialmente e culturalmente, dos centros urbanos. Segundo dados da Secretaria de Saúde da cidade de São José do Piauí- PI, a comunidade em questão é composta por cerca de 700 habitantes, cujas principais atividades de subsistência estão relacionadas à agricultura, à pecuária e a pequenos pontos comerciais.

Graças a Sociolinguística, sabemos que a variação linguística é ocasionada por fatores, em sua maioria de ordem social, assim, esse fenômeno não ocorre de modo arbitrário ou por vontade própria do falante, mas devido a fatores que podem ser próprios do sistema linguístico ou exteriores a este sistema. Assim, com relação ao fenômeno de variação aqui descrito, questionamos: diante das muitas possibilidades de expressar a noção de posse, que fatores motivam o uso da forma *de nós* em concorrência com *nosso* entre os moradores da comunidade Baixio em São José do Piauí-PI?

Alguns trabalhos que têm por objeto a variação pronominal, como os de Ramos, Bezerra e Rocha (2009) e Vitória (2016), por exemplo, mostram que está havendo uma reorganização do sistema pronominal do Português Brasileiro, de modo que formas novas vão sendo incorporadas ao sistema, à medida que outras vão caindo em desuso. Com o presente estudo, iremos constatar se é o caso do que acontece na comunidade Baixio, se a presença da expressão se trata de uma reorganização do sistema pronominal do PB ou se é apenas um fenômeno de variação linguística.

Assim, objetivamos com esse estudo investigar o uso da expressão *de nós* na fala dos habitantes da comunidade de Baixio em São José do Piauí-Pi, para tal, temos como objetivos específicos: investigar os fatores que condicionam o uso da expressão *de nós* substituindo o possessivo *nosso* na variedade linguística utilizada pela comunidade Baixio em São José do Piauí-PI; identificar as variáveis linguísticas e as variáveis sociais que condicionam o uso da expressão *de nós* substituindo o possessivo *nosso* pelos moradores da comunidade; e analisar o contexto morfossintático em que os falantes da comunidade utilizam a expressão *de nós* em substituição ao possessivo *nosso*.

Acerca do que poderemos descobrir, levantamos a hipótese geral de que as variáveis sociais *faixa etária* e *escolaridade* são fatores condicionantes no uso da expressão *de nós* substituindo o possessivo *nosso* na variedade linguística usada pelos moradores do Baixo, ao passo que a variável *sexo/gênero* não influencia de forma significativa nesse uso. Acreditamos ainda que determinados contextos morfossintáticos favorecem o uso da expressão *de nós* no lugar do possessivo *nosso*, ao passo que outros inibem esse uso.

Geralmente, vemos a tendência de pequenas comunidades se constituírem em grupos isolados, que se mantêm “afastados” de comunidades vizinhas, para isso, os indivíduos desses grupos usam alguns traços como identificação, entre os quais a língua, que é um bem cultural e um importante fator de identificação Camacho (2012). Desse modo, para tentar responder ao questionamento em torno do qual gira a pesquisa, levantamos ainda a hipótese de que a presença da expressão *de nós* substituindo o pronome possessivo *nosso* na fala da comunidade Baixo pode estar relacionada à força do dialeto materno, trata-se de uma forma de identificação do grupo pesquisado.

A importância da realização do presente estudo se dá mediante três aspectos, a saber: a existência de lacunas de pesquisa que tenham por objeto de estudo o fenômeno de variação por nós estudado; conhecimentos de aspectos acerca da língua que falamos; e contribuição para que se amenize o preconceito linguístico.

No que diz respeito às lacunas de pesquisa, com base em pesquisas prévias, pudemos constatar que os estudos que tem por objeto a variação de pronomes, geralmente se centram em variações entre *tu* e *você*: Alves (2010), Rocha (2010) e Franceschini e Loregian-Penkall (2015); *teu* e *seu*: Arduin (2005), Lucena (2016); *nós* e *a gente*: Seara (2000), Souza e Botassini (2009), Silva C. (2010), Vianna e Lopes (2012) e Vitória (2016); e ainda encontramos algo mais próximo do nosso objeto de estudo, variações entre *nosso* e *da gente*, no entanto, os trabalhos encontrados mostram o *da gente* como uma variável do *a gente*, já enraizado na língua portuguesa, é o caso dos trabalhos de Ramos, Bezerra e Rocha (2009), Rafael (2010) e Araújo e Almeida (2014).

Segundo Labov (2008, p. 236) “quanto mais se conhece de uma língua, mais se pode descobrir sobre ela”. Assim, a realização da pesquisa se torna relevante nesse sentido, pois ao analisar uma característica peculiar da fala de uma comunidade isolada, que, talvez por esse isolamento, apresenta o uso da forma *de nós* ao invés do pronome possessivo *nosso*, o presente trabalho pode contribuir para o conhecimento de marcas dialetológicas do nosso idioma, já que fornece dados concretos sobre a língua portuguesa em uma comunidade do interior do Piauí.

Além disso, ao que tudo indica, o estudo de variedades ditas não padrão ou não cultas muitas vezes fica relegado a um segundo plano, não há uma tendência em se estudar o dialeto de pequenos grupos, muito menos quando estes se encontram isolados, longe dos grandes centros urbanos. Podemos ver essa tendência expressa em Bortoni-Ricardo (2005, p. 37), quando esta diz que “diferentemente do que ocorre nos Estados Unidos, onde o inglês não padrão é falado por minorias étnicas, no Brasil, os vernáculos e as variedades populares constituem a língua da grande maioria da população. Apesar disto, esses dialetos têm recebido muito pouca atenção”.

Há um número significativo de trabalhos que abordam a relação entre variação linguística e o ensino de língua materna, no entanto não há o esgotamento de estudo sobre o tema, como podemos ver nessa citação:

Apesar dos avanços significativos nas últimas décadas, as implicações decorrentes da correlação entre heterogeneidade linguística e ensino de Língua Portuguesa estão ainda longe de se esgotar. A interface entre a Sociolinguística – especialmente a de cunho variacionista – e o ensino de língua materna tem sido objeto de pesquisadores e de obras de divulgação no cenário nacional (cf. BORTONI-RICARDO, 2004; GORSKI; COELHO, 2006; BAGNO, 2007; 2009, entre outros). Entretanto, apesar dos avanços, sua aplicação empírica, na sala de aula, é incipiente (COAN e FREITAG, 2010, p. 1).

Isso porque, não há ainda um ensino de língua pautado no respeito ao idioleto do aluno, o que faz com que o preconceito linguístico se perpetue. Acreditamos que todo trabalho sociolinguístico, não apenas os que abordam a relação entre variação linguística e ensino de língua portuguesa, contribui para solucionar essa questão, uma vez que reforça a ideia de que a variação linguística é comum nas línguas naturais. Assim, este trabalho ainda é importante por mostrar e registrar um modo diferente de falar de uma pequena comunidade, contribuindo assim, para que, uma vez conhecido, se amenize o preconceito linguístico existente até os dias atuais. Dessa forma, embora não seja um trabalho voltado para a sala de aula, também poderá ajudar os professores, não só os de língua portuguesa, a se conscientizarem sobre a variação linguística, ajudando-os a lidarem de uma forma mais tolerante com os diferentes modos de falar dos seus alunos, compreendendo que estes, na grande maioria das vezes, utilizam uma variedade linguística diferente daquela que é imposta em sala de aula.

Por considerar importante o conhecimento acerca da formação do português brasileiro para a realização da presente pesquisa, já que o modo como se deu essa formação foi um fator importante para a heterogeneidade linguística do nosso idioma, na seção 2.1 da fundamentação teórica, fazemos uma contextualização sócio histórica da língua portuguesa. Assim, tratamos sobre como se deu a chegada da língua portuguesa pelos colonizadores, falamos também sobre

os substratos indígenas e africanos, e ainda sobre as línguas trazidas pelos imigrantes. Para tal, nos baseamos em autores como Bearzoti Filho (2002), Silva R. (2004), Bortoni-Ricardo (2005, 2011), Cardoso (2005), Bolognini e Payer (2005) e outros.

Na seção 2.2 tratamos sobre a Sociolinguística enquanto ciência linguística. Inicialmente, falamos sobre os dois polos dos estudos linguísticos – o formalismo e o funcionalismo –, depois falamos sobre os modelos teóricos que prevaleciam antes da Sociolinguística, posteriormente, discorremos sobre o surgimento dessa ciência, os principais nomes envolvidos nesse surgimento e o seu objeto de estudos. Ainda tratamos sobre a Sociolinguística no Brasil, dando destaque para o grupo de estudos sociolinguísticos do Rio de Janeiro, o PEUL. Nesta seção, citamos teóricos como Neves (1997), Monteiro (2000), Martelotta e Areas (2003), Labov (2008), Alkmim (2012), Camacho (2012), Cezario e Votre (2017), Freitag (2016), Paiva e Gomes (2016), Salomão (2011), Paiva e Silva (2012), Silva E. (2015), entre outros.

Na terceira seção da fundamentação, discorremos sobre uma característica das línguas estudada pela Sociolinguística, a variação linguística. Nela, tratamos sobre o que é o fenômeno da variação, falamos sobre os fatores que ocasionam a heterogeneidade linguística, sobre os diferentes tipos de variação, bem como alguns conceitos presentes nesse fenômeno. Ainda discorremos sobre os níveis linguísticos em que a variação linguística ocorre, citando alguns exemplos. Para a elaboração dessa seção recorremos a autores como Calvet (2002), Mollica (2017), Naro (2004), Faraco (2005), Tarallo (2003), Camacho (2012), bem como a outros autores já citados anteriormente.

Na seção seguinte, tratamos sobre o sistema pronominal do Português Brasileiro. Nesta, falamos sobre a constituição desse sistema, sua reestruturação, bem como os fenômenos de variação e mudança nele presentes. Discorremos ainda sobre a noção de pronome sob a ótica de diferentes enfoques da linguística. Para a sua constituição, citamos autores como Benveniste (1995), Menon (1995), Bechara (2004), Said Ali (2006), Freitag e Lima (2010), Lopes, Rumeu e Carneiro (2013) e outros.

Seguindo temos o capítulo da metodologia, neste capítulo tratamos sobre o conhecimento científico e a pesquisa científica, posteriormente caracterizamos, então, o nosso estudo levando em consideração diferentes critérios, depois passamos para a descrição passo a passo da nossa pesquisa de campo. Para a constituição do capítulo, citamos alguns autores que tratam sobre metodologia científica, como Marconi e Lakatos (2003), Gil (2008), Zanella

(2013) e outros. E por ser uma pesquisa sociolinguística, adotamos alguns pressupostos indicados por Labov (2008) e Tarallo (2005).

Por fim, temos a análise dos dados, neste capítulo, descrevemos e analisamos os dados coletados na comunidade de acordo com as diferentes variáveis selecionadas. Quanto às variáveis, entre as sociais, elegemos a *faixa etária*, o *sexo/gênero* e a *escolaridade* e, entre as linguísticas elegemos fatores de natureza sintática, como a *função sintática*, a *anteposição* e a *posposição* das variantes ao elemento com o qual estabelece relação e o *paralelismo formal*. Na análise, chegamos ao resultado de que, quanto a faixa etária, o uso da expressão *de nós* é favorecido entre falantes das faixas etárias mais jovens, quanto mais jovem, mais uso se faz da expressão. Esse mesmo uso é favorecido entre os homens e entre os informantes com escolaridade.

A expressão *de nós* é usada exercendo mais funções sintáticas que as outras duas variantes, isso porque existe função sintática que só pode ser exercida por elementos preposicionados, o que inibe o uso do possessivo *nosso*. Quanto a anteposição e a posposição, as variantes *de nós* e *da gente* só podem aparecer em posição posposta, ao passo que o possessivo *nosso* é usado tanto em posição posposta, como em posição anteposta. Já em relação ao paralelismo formal, a expressão *de nós* aparece em posição isolada, como primeiro da série, antecedida por ela mesma e ainda antecedida pelo possessivo *nosso*, o que mostra que o fato de o falante usar uma forma linguística diferente, não impede que ele utilize a expressão depois. Caso diferente ocorre com o possessivo *nosso*, que só aparece sendo usado antecedido por ele mesmo, em uso isolado ou como primeiro da série. A forma *da gente* não figura nunca como primeiro de uma série, aparece apenas antecedida pela expressão *de nós* ou em realização isolada.

Após as referências bibliográficas do trabalho, anexamos os termos utilizados para a submissão da pesquisa ao comitê de ética, mostrando que esta está em consonância com os preceitos estabelecidos pelo CEP para pesquisas que envolvem seres humanos. Anexamos arquivos como TCLE, TALE, Termo de Confidencialidade, bem como o questionário que serviu como base para a coleta de dados na fase das entrevistas, entre outros documentos.

2. HISTÓRIA, SOCIOLINGUÍSTICA E VARIAÇÃO

No presente capítulo tratamos de aspectos teóricos considerados importantes para o nosso estudo, assim, falamos sobre a sócio história do português brasileiro, sobre a

sociolinguística, e ainda sobre a variação linguística. Desse modo, fazemos um levantamento de trabalhos realizados por importantes nomes da Linguística, tomando tais estudos como base teórica para a nossa pesquisa.

O capítulo encontra-se dividido em diferentes seções, na primeira seção, tratamos sobre a formação do português brasileiro, como se deu a chegada dos colonizadores, com a língua portuguesa, às nossas terras; a influência das línguas indígenas aqui já existentes e das línguas africanas que aqui chegaram por meio dos escravos negros; falamos também sobre o processo de pidginização da língua portuguesa, fator importante para a heterogeneidade desse idioma; e ainda sobre os imigrantes que para cá vieram e trouxeram diferentes idiomas, o que acabou por influenciar também a língua que ficou conhecida por Português Brasileiro.

Na segunda seção, falamos sobre os estudos que predominavam antes da Sociolinguística, tratamos sobre o surgimento dessa ciência, bem como sobre os principais nomes envolvidos nesse surgimento. Falamos ainda sobre o objeto de estudos da Sociolinguística, sobre o desenvolvimento dessa ciência linguística no Brasil, e, por ser pioneiro nos estudos sociolinguísticos no Brasil, falamos sobre o grupo de estudos do Rio de Janeiro, o PEUL.

Na terceira seção discorreremos sobre uma das características das línguas estudada pela sociolinguística, a variação linguística. Nesta seção, falamos sobre o que é a variação linguística, sobre os fatores condicionantes para a existência desse fenômeno, falamos também sobre os diferentes tipos de variação linguística e ainda sobre os níveis das línguas em que ela ocorre.

A seção 2.4 é destinada a falar sobre os pronomes da língua portuguesa do Brasil, assim, falamos sobre o pronome sob diferentes enfoques linguísticos, falamos também sobre a reestruturação do sistema pronominal brasileiro e ainda abordamos algumas variações e mudanças ocorridas nesse sistema.

2.1. Formação Do Português Brasileiro

Ao tomar-se um objeto como objeto de análise de um estudo, seja este objeto de qualquer natureza, se faz necessário que o pesquisador tenha conhecimento acerca da história de tal objeto, não seria diferente nos estudos que compreendem a língua(gem). Bortoni-Ricardo

ressalta a importância de se levar em consideração aspectos sociais e históricos no estudo da língua, ao dizer que

a língua é, por excelência, uma instituição social e, portanto, ao se proceder a seu estudo, é indispensável que se levem em conta variáveis extralinguísticas – *socioeconômicas e históricas* – que lhe condicionam a evolução e explicam, em parte, sua dialeção regional (horizontal) e social (vertical) (BORTONIRICARDO, 2005, p.31, grifo nosso).

Assim, para a realização do estudo de um fato linguístico que ocorre no português brasileiro – a saber, substituição do possessivo *nosso* pela expressão *de nós* – procedemos ao detalhamento da construção sócio histórica desse idioma.

A língua portuguesa é uma língua românica derivada do latim vulgar, possui cerca de mil anos de existência, levando-se em consideração os primeiros documentos escritos que datam do século XII, aproximadamente. No entanto, a implantação dessa língua no Brasil se deu de forma diversa da de outros países, e não é tarefa fácil tentar mostrar como se deu todo o processo pelo qual passou a língua portuguesa aqui no Brasil, como Silva R. (2004, p.11) afirma:

Passados quase cinco séculos, está ainda por ser reconstruído, com o detalhamento possível, o processo do encontro politicamente assimétrico entre a língua portuguesa, língua de dominação, com muitas línguas autóctones e as diversas línguas aqui chegadas, primeiro africanas, depois as línguas de imigrantes, que tornaram esta área americana, multilíngue de origem, ainda mais complexa linguisticamente.

A língua de dominação, a língua portuguesa, chegou ao Brasil por meio dos colonizadores portugueses, que aqui chegaram por volta do ano 1500. Logo depois iniciou-se o processo de colonização. No entanto, a tentativa de implantar a língua portuguesa em nosso país encontrou resistência, pois aqui já existiam as diversas línguas indígenas. De modo que durante um grande período, a língua que predominou na colônia foi a língua denominada de língua geral, que era uma língua mista (mistura das línguas indígenas), desenvolvida entre os índios e que foi adotada pelos colonizadores, e acrescentada aspectos da língua portuguesa. A língua geral era então uma mistura de línguas indígenas com a língua portuguesa (BORTONIRICARDO, 2011).

Nesse período, o processo de pidginização, compreendido por Bagno (2017, p. 343) como o “processo de constituição de pidgin, que envolve o desenvolvimento de uma variedade simples e funcional quando não se dispõe de nenhum outro meio de comunicação entre falantes de línguas diferentes”, foi acelerado pela chegada das línguas africanas nas terras brasileiras,

que se deu por meio do tráfico dos escravos africanos iniciado em 1538 (SILVA R., 2004). Dos negros que aqui chegavam, alguns dominavam o dialeto crioulo português, que já se instituía na África, e conforme dominassem ou não tal dialeto, eles permaneciam nas cidades ou eram enviados para o interior. Esses escravos, nas cidades ficavam

em contato muito próximo com os brancos, adaptavam-se à língua desses mais rapidamente. No interior, nas fazendas ou nos quilombos, conviviam com outros negros, com mestiços, índios e portugueses. Era a situação propícia para o surgimento de um pidgin. [...] Tal pidgin sofria influência diversificadora em duas frentes: por um lado, havia sempre, exceto nos locais mais isolados, uma constante e crescente influência portuguesa. Por outro, o grupo africano, que já não era homogêneo nas suas origens, renovava-se constantemente, pois o tráfico negreiro durou três séculos. Assim, leva recém-chegadas de negros conviviam com negros e mestiços que já estavam no Brasil há mais de uma geração (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 32).

Esse processo de pidginização ocorreu pelo fato de haver uma preocupação por parte dos dominantes em não deixar em um mesmo território negros vindos de uma mesma comunidade. Assim, vindos de diversas regiões e sem uma língua comum, o pidgin surgia para garantir a comunicação entre os escravos. Houaiss (1985) *apud* Silva R. (2004, p. 18) trata sobre esse fato ao dizer que “pelo tipo de escolha a que eram submetidos desde os portos negros até sua localização, como mão de obra no Brasil, os negros foram selecionados negativamente, a fim de que não se adensassem em um ponto qualquer, étnica, cultural e linguisticamente”.

Bearzoti Filho (2002) ainda nos diz que, em um certo momento, os afrodescendentes passaram a se reconhecer como grupos constituintes da sociedade brasileira. De modo que esses grupos começaram a organizar-se e a serem capazes de entrar em uma luta social e resistência cultural, e assim passaram a existir os falares crioulos. Nesse momento, floresceu as línguas gerais de base africana (pidgins, que eram constituídos, em sua maioria, de traços das línguas africanas, com aspectos da língua portuguesa), que eram usadas inclusive para a comunicação secreta entre os escravos.

Conforme aumentava o número de falantes dos pidgins, o uso da língua geral gradualmente diminuía, e embora o seu uso predominasse, e vigorasse até meados do século XVIII, ela acaba entrando em decadência. Além do aumento dos falantes dos pidgins, outros fatores contribuíram para a decadência da língua geral, entre os quais, o fato da população indígena decrescer rapidamente por conta da guerra, da escravidão e de epidemias (BEARZOTI FILHO, 2002).

Cardoso ainda afirma que

a língua geral só entra em decadência na segunda metade do século XVIII. Com a criação de um decreto que proibia o uso da língua geral (1758) e com a expulsão dos jesuítas (1759) – principais defensores da língua geral –, a língua portuguesa passa a ser oficial em toda a extensão do território (CARDOSO, 2005, p. 175).

Ainda com o declínio da língua geral, permanecia o processo de pidginização, que só foi interrompido com o crescimento da população portuguesa. Esse aumento se deu por conta do que foi denominado *ciclo do ouro*, ciclo que se iniciou após a descoberta de ouro e metais preciosos nas terras brasileiras. Nesse período acredita-se que tenha chegado ao Brasil um número entre 500 a 800 mil portugueses para as regiões sudeste e centro da colônia. Além do ciclo do ouro, teve também o ciclo do gado, e esses dois fatos constituíram fatores determinantes para o aumento considerável da imigração de portugueses.

A língua trazida pelos portugueses possuía maior prestígio frente as outras “línguas” que aqui já existiam ou que aqui se formaram, esse fato, juntamente com o aumento dos falantes da língua portuguesa, acabou por interromper a evolução dos pidgins, o que acabou aumentando a disponibilidade da língua dominante entre as comunidades que tinham por língua as variedades pidginizadas (BEARZOTI FILHO, 2002; BORTONI-RICARDO, 2011).

Silva R. (2004, p. 21) citam também alguns fatos que contribuíram para a tentativa de implementação de um ideal linguístico homogeneizador, que fez tender para o português europeu. A autora cita dois fatores: “a presença da corte portuguesa no Rio e dos muitos portugueses que com ela abandonaram Portugal e a independência subsequente que teve a boa intenção de tornar o ensino universal e obrigatório”.

Todos os fatores elencados anteriormente acabaram contribuindo para o triunfo da língua portuguesa, que acabara se tornando a língua oficial do Brasil. Vale ressaltar, porém, que essa língua continuou a sofrer influência de aspectos das línguas indígenas e africanas, que continuavam a ser usadas, embora por um número menor de falantes.

O conhecimento desse processo de pidginização é para nós importante, pois ele explica a presença de variedades linguísticas em comunidades rurais diferentes daquelas padronizadas e/ou presentes no ambiente urbano. Como afirma Bortoni-Ricardo (2011) com a inibição do processo de pidginização, os falantes dessas variedades pidginizadas acabaram por desenvolver variedades populares do português brasileiro, como exemplo dessas variedades temos o dialeto caipira. Tais variedades se mantiveram preservadas nas áreas interioranas, isoladas da influência padronizadora das cidades.

Dessa forma, o que podemos constatar é que aspectos, que acabam por diferenciar e colocar em oposição as variedades linguísticas utilizadas no ambiente urbano e no ambiente rural, não são explicáveis por fatores da atualidade, mas a explicação está desde a constituição do português brasileiro após 1500, quando aqui chegou esse idioma. Isso porque, o modo de implantação da língua portuguesa se deu de modo diferente nos dois ambientes, rural e urbano.

A implantação da língua portuguesa no Brasil esclarece muito mais do que a oposição existente entre o falar urbano e o falar rural, ela dá conta de explicar o porquê do nosso idioma ser tão heterogêneo, pois como pudemos observar, desde a sua implantação nas terras brasileiras, ele foi marcado pela heterogeneidade.

Assim, alguns autores, como Silva A. (20-), ao tratar sobre a constituição do português brasileiro, falam sobre os três elementos culturais que interagiram nessa formação, que foram: o próprio colonizador, que impôs sua língua, juntamente com sua religião, alguns aspectos de sua cultura e comportamentos aos demais povos que aqui habitavam; o segundo elemento é o indígena, que já possuía sua língua, e esta funcionou como substrato daquela trazida pelos colonizadores; e o negro foi considerado o terceiro elemento, que aqui chegou para trabalhar nas fazendas como escravo, e contribuiu para a formação da língua, que acabou adquirindo elementos do léxico africano.

Além da influência indígena e africana, a língua portuguesa do Brasil ainda sofreu influência das chamadas línguas dos imigrantes. Silva R. (2004) aponta para essa questão ao dizer que houve fenômenos que favoreceram uma diversificação linguística regional, um desses fatores foi a chegada dos imigrantes nas terras brasileiras, estes vieram de vários pontos e, conseqüentemente, com diversas línguas.

Cardoso (2005) também compartilha dessa ideia da influência imigrante, ao dizer que o Brasil após a independência é influenciado por diversas culturas, como a francesa, já que a França era o grande centro da Europa. Nesse período vários imigrantes europeus aqui chegaram dando a sua contribuição cultural e linguística.

Fato é que “na história brasileira, a representação dos imigrantes, ao lado dos indígenas, dos africanos e do colonizador português, teve um lugar significativo como parte da constituição do povo brasileiro” (BOLOGNINI e PAYER, 2005, p. 2). Concordamos com as autoras e ainda afirmamos que assim como a imigração foi um importante fato na constituição do povo brasileiro, as línguas trazidas pelos imigrantes foram significativas na constituição do

português brasileiro. Assim, Voltamos a questão apontada anteriormente por Silva A. (20-), e diríamos que na constituição da língua portuguesa não três, mas quatro elementos interagiram: o colonizador, os indígenas, os africanos e os imigrantes, que aqui chegaram e trouxeram seus costumes, ideologias, culturas, bem como suas línguas.

Segundo Bolognini e Payer (2005) a introdução das línguas estrangeiras em nosso país por meio dos imigrantes ocorreu durante séculos, e em diferentes períodos históricos. Inicialmente, durante o Império, a imigração se deu de modo esparso. No entanto, de 1887 até 1930 foi o período que houve o grande movimento de imigração nas terras brasileiras, esse crescimento do movimento de imigração decorreu das

condições sócio históricas propícias nos dois lados do Atlântico, intermediadas pelas Companhias de Navegação e de Imigração. Do lado dos países de origem dos imigrantes, na Europa e na Ásia, a imigração era favorecida pelo início da industrialização, que causou empobrecimento da população e escassez de terras para agricultura. Do lado brasileiro, o governo republicano e os fazendeiros de café viram na imigração uma solução para diversos problemas, no momento em que o trabalho escravo era eliminado; elementos populacionais eram necessários ao povoamento de áreas de fronteiras territoriais e habitadas por indígenas, e o chamado caldeamento da raça projetou-se entre as questões nacionais de identificação do povo brasileiro (BOLOGNINI e PAYER, 2005, p. 2).

Como dissemos, os imigrantes que aqui chegaram e, conseqüentemente, trouxeram inúmeros idiomas para o Brasil, vieram em variados momentos da história e motivados por diferentes fatores: os imigrantes árabes chegaram ainda durante o Império, com a ajuda de D. Pedro II, e em 1880, novo grupo de libaneses imigrou para o Rio de Janeiro; os espanhóis vieram após a união política entre Portugal e Espanha. Durante o grande fluxo, os imigrantes espanhóis instalaram-se no Brasil atraídos pelo café e, mais tarde, também pela indústria e siderurgia; com relação aos holandeses, dois períodos merecem destaque – o século XVII, quando houve a tentativa de colonização do país por parte dos holandeses em meados do século XX, quando houve imigração oficial, com a compra de um grande lote de terras, estima-se que entre dez e trinta mil imigrantes falantes de holandês tenham vindo para as terras brasileiras (BOLOGNINI; PAYER, 2005).

Os falantes de alemão chegaram em diferentes períodos: entre 1824 e 1830, entraram no Brasil cerca de 5 mil falantes de alemão, devido os problemas econômicos nos países de origem, e motivados pela propaganda de imigração; entre 1847 e 1854 entraram cerca de 2,7 mil. A imigração desses falantes foi interrompida durante 14 anos, devido à revolução dos Farrapos e à proibição de imigração na Alemanha em 1859, proibição que foi revogada em 1896. Até o início da Segunda Guerra Mundial, há o registro da entrada de cerca de 300 mil

falantes de alemão no país, somando-se seus descendentes, considera-se que até 1935 havia um total aproximado de 1,2 milhão desses falantes no país. Os Falantes de italiano migraram da Europa para a América principalmente durante o grande fluxo, em número aproximado de 57 milhões de indivíduos. Os registros de imigração disponíveis, indicam que entraram no Brasil 1.401.335 imigrantes italianos. Por fim, outra língua trazida para o Brasil foi o japonês, que pode ser definido como o resultado da combinação dos dialetos das diferentes regiões do Japão (BOLOGNINI; PAYER, 2005).

Desse modo, vemos que a língua portuguesa do Brasil teve influência das mais variadas línguas. Podemos ver assim, que o que chamamos aqui de “português”, pode ser visto na verdade como um conjunto, onde estão misturadas diversas línguas que aqui chegaram de diversas formas e em diferentes momentos da história. Assim, se torna compreensível o fato dessa língua ser marcada por fenômenos variáveis.

2.2. A Sociolinguística

Muitas são as teorias que tem como objeto de estudos a língua(gem), essa variedade de teorias faz com que este objeto seja tomado e analisado de diferentes formas. Uma forma de agrupamento dessas teorias se dá a partir da divisão de duas grandes correntes dos estudos linguísticos: o formalismo e o funcionalismo. No primeiro, a língua é considerada um objeto autônomo, que independe de seu uso em situações comunicativas, de modo que, a análise da forma linguística é primária, enquanto que os interesses funcionais são apenas secundários. Na concepção funcionalista a língua é concebida como instrumento de comunicação, assim, não pode ser analisada como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita às pressões das diferentes situações comunicativas. Nesses estudos, a função das formas linguísticas desempenha um papel predominante.

Embora, atualmente, exista esses dois polos nos estudos linguísticos, nem sempre foi assim, por muito tempo predominou o estudo da língua levando-se em consideração apenas os seus aspectos formais, “a linguística, ciência cujo objeto material é a descrição das línguas, nem sempre incluiu no seu escopo a preocupação com os aspectos de natureza social” (MONTEIRO, 2000, p. 13).

Monteiro (2000) ainda diz que essa exclusão dos aspectos sociais nos estudos linguísticos iniciou-se desde Saussure, quando este estabeleceu a dicotomia língua (langue) e fala (parole), e não sabendo lidar com os fatos próprios desta, por conta do seu caráter

multiforme e heterogêneo, definiu a língua como objeto de estudo da linguística, objeto este concebido como um sistema regido por leis próprias e dotado de homogeneidade.

Este ponto de vista expresso por Saussure serviu de orientação básica para muitos linguistas, que frequentemente, ao iniciarem seus estudos, partiam da distinção do conceito saussuriano de *langue* (língua) do de *parole* (fala), e adotavam a língua como objeto de análise. E embora este objeto seja concebido por Saussure como um fato social, e a linguística como uma ciência que tem por objeto a vida dos signos no meio social, ele, bem como os linguistas que trabalham dentro da tradição saussuriana, excluiu das tarefas da linguística a preocupação com os elementos de ordem social e heterogêneos (LABOV, 2008; MONTEIRO, 2000).

Segundo Monteiro (2000, p. 14) “este princípio foi seguido pelo estruturalismo, intensificado pelos adeptos da glossemática e levado às últimas consequências pelo gerativismo”. Entre teóricos que seguiram essa linha podemos citar o nome de Bloomfield, que “ao tentar delimitar o campo de interesse da linguística, acabou por desconsiderar diversos aspectos da linguagem: a natureza semântica do signo e sua função social, por exemplo [...]”. Outro teórico que seguiu essa linha estruturalista foi Hjelmslev, mais rígido ainda na definição do seu “objeto de estudos: a análise das relações entre as formas que integram um sistema linguístico não podia deter-se na observação de uma variabilidade extra sistemática e superficial”.

O modelo surgido com Chomsky, ganhou nova denominação – Gerativismo – e um nova direção teórica, mas concordava com as posturas supracitadas ao delimitar como homogêneo e livre de influências sociais o objeto de estudos dessa teoria. Neste novo modelo,

o sistema linguístico se enquadrou na moldura do conhecimento intuitivo do falante-ouvinte, um objeto de natureza psicológica ou cognitiva, denominado *competência*, com o descarte simultâneo dos atos de fala, infinitamente variáveis e variados, que, relegados ao conceito de desempenho, ficaram destituídos de qualquer importância teórico-metodológica (CAMACHO 2013).

Como podemos ver, o estruturalismo, seguido do gerativismo, não incluiu em suas análises aspectos sociais, de modo que, a variação linguística também ficou relegada a um segundo plano, que não o linguístico, porque para eles esses eram fatos que estavam fora do âmbito do objeto da linguística.

Diante dessa situação e dos modelos existentes, que acabavam por dissociar a língua de sua realização, bem como de suas diversas manifestações, alguns teóricos, insatisfeitos com

esse posicionamento, começaram a buscar outros caminhos, elaborando novos modelos teóricos que dessem conta de fatos reais da língua. Da inserção dessas novas teorias surgiu a Sociolinguística, teoria que se enquadra no polo funcionalista da linguagem.

O termo sociolinguística, fazendo referência a uma área dos estudos linguísticos

surge a primeira vez na década de 1950, mas se desenvolve como corrente nos Estados Unidos na década de 1960, especialmente com os trabalhos de Labov, bem como os de Gumperz e Dell Hymes e a conferência *The Dimensions of Sociolinguistics*, de William Bright, publicada em 1966 sob o título de *Sociolinguistics*. Na conferência, o autor afirma que o escopo da sociolinguística está na demonstração de que existe uma sistemática covariação entre a estrutura linguística e a estrutura social (CEZARIO e VOTRE, 2017. P.146).

Em Monteiro (2000) encontramos aspectos relacionados à dificuldade de se estabelecer a Sociolinguística como teoria linguística. Segundo o autor, as primeiras tentativas de delimitar o campo de atuação dessa ciência não renderam êxito, pois nem mesmos os precursores – Bright e Fishman – conseguiram o definir com precisão. Assim, a nova disciplina nasce sem que haja um rigoroso marco teórico, além de sofrer desconfiança por parte dos teóricos que já eram aliados a alguma teoria linguística.

Dentro desse movimento de se estabelecer uma teoria da heterogeneidade linguística, a Sociolinguística, um nome ganha destaque, o de William Labov.

Em 1963, Labov publica seu célebre trabalho sobre a comunidade da ilha de Martha's Vineyard, no litoral de Massachusetts, em que sublinha o papel decisivo dos fatores sociais na explicação da variação linguística [...]. Neste texto, o autor relaciona fatores como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude ao comportamento linguístico manifesto dos vineyardenses [...]. Logo em 1964, Labov finaliza sua pesquisa sobre a estratificação social do inglês de New York, em que fixa um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbanas – conhecido como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação [...]. (ALKMIM, 2012, p. 32)

Para Labov (2008, p. 13), o termo sociolinguística se torna redundante, pois para o teórico toda teoria linguística é social, e não há outro modo de ser. Isso fez com que ele demorasse a aceitar o nome escolhido para denominar a nova teoria linguística, podemos ver essa posição explícita quando ele diz que “por vários anos, resisti ao termo sociolinguística, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social”.

Acredita-se que a Sociolinguística surgiu para preencher uma lacuna nos estudos linguísticos, acabando com a limitação deixada pelo Gerativismo e Estruturalismo, que

centravam seus estudos no que era interior às línguas. A nova teoria surge como forma de privilegiar os fatores de ordem social e cultural que interagem no âmbito da linguagem. Tais fatores, nessa nova perspectiva, são vistos como essenciais nos estudos linguísticos, uma vez que o homem adquire e faz uso da linguagem na comunidade, com a finalidade de se comunicar e atuar sobre os seus interlocutores, daí não haver a possibilidade de se separar a língua de seu uso real, sem que haja prejuízos (CEZÁRIO e VOTRE, 2017).

Sobre o que deve estudar a Sociolinguística, Bright (1966) *apud* Camacho (2013), à época do seu surgimento, diz que a tarefa da sociolinguística é analisar a relação da covariação sistemática entre língua e sociedade, ponto de vista considerado simplificador. Em Alkmim (2012, p. 33) encontramos uma definição mais detalhada sobre o papel da Sociolinguística, bem como do seu objeto de estudos:

Podemos dizer que o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos.

Com relação à *Sociolinguística no Brasil*, autores como (FREITAG, 2016; PAIVA e GOMES, 2016) atribuem a Anthony Julius Naro o desenvolvimento do interesse pela nova teoria em nosso país. Segundo Cezario e Votre (2017), na década de 1970 começaram a ser desenvolvidas pesquisas na linha da Sociolinguística Variacionista, por meio de grupos de pesquisadores. Os trabalhos tinham como objetivos descrever as formas variantes do português brasileiro e explicar os fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou desfavorecem as variantes linguísticas, mostrando assim a relação existente entre a complexidade social e a variação linguística.

Assim, os grupos de pesquisa sociolinguística foram essenciais no desenvolvimento da Sociolinguística no Brasil. Tais grupos, que foram surgindo aos poucos, atualmente, segundo levantamento de Salomão (2011), somam 48 grupos de estudos e pesquisa. Ainda segundo a autora, esses grupos

pesquisam a língua(gem) por meio dos pressupostos da teoria da variação e mudança, muitas vezes alinhadas a outras teorias, como o funcionalismo e o gerativismo. Há ainda grupos interdisciplinares que aliam a sociolinguística variacionista às teorias da tradução e aos estudos de fonologia clínica e aquisição de linguagem[...]. É interessante notar que muitos grupos buscam também uma interface entre a sociolinguística e a educação. (SALOMÃO, 2011, p. 16)

A autora ainda mostra como estão distribuídos tais grupos de estudos sociolinguísticos pelas regiões do Brasil:

uma grande parte dos grupos se situa na região Sudeste, com 19 grupos, e na região Sul, com 10 grupos; nas regiões Norte e Nordeste foram localizados 9 e 8 grupos, respectivamente; e na região Centro-Oeste, foram encontrados 2 grupos de pesquisa e uma nova associação científica de estudos da linguagem (Ibid, 2011, p. 16).

Embora há o número significativo de grupos em determinadas regiões, ao passo que em outras o número é bem reduzido, essa distribuição mostra o alcance da Sociolinguística nas diferentes regiões do Brasil, o que evidencia o quanto a teoria se desenvolveu e vem se desenvolvendo em nosso país.

Segundo a mesma autora (SALOMÃO, 2011), o levantamento por ela realizado mostrou que há um crescimento no número dos grupos de pesquisa situados em nosso país, o que mostra que a Sociolinguística Variacionista vem ganhando espaço no ambiente acadêmico na área dos estudos da linguagem. Além disso, alguns grupos mais antigos constituem atualmente grandes aglomerados em forma de redes de pesquisa, o que acaba por promover a expansão das bases de dados e contribui para o maior fluxo de informação entre pesquisadores de diferentes instituições.

Dentre os grupos de pesquisas variacionistas, um ganha destaque por ter sido pioneiro a adotar a metodologia da Sociolinguística Variacionista no Brasil – o PEUL. O projeto PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), conhecido originalmente como Projeto Censo da Variação Linguística do Estado do Rio de Janeiro, reúne um expressivo número de pesquisadores do Rio de Janeiro, e visa ao estudo do português falado no estado (COAN e FREITAG, 2010; PAIVA e PAREDES SILVA, 2012; SILVA E., 2015).

Inicialmente, em 1980, foi organizado um *corpus* constituído de 64 entrevistas, realizadas com falantes cariocas de ambos os sexos, distribuídos por quatro faixas etárias e três níveis de escolaridade diferentes, incluía representantes de diferentes bairros do estado e de diversos estratos sociais. Com essa amostra, os investigadores buscavam desvendar a sistematicidade da variação e mudança presentes na variedade carioca, a partir da aplicação de métodos que permitem o estudo da variação linguística. O corpus constituído, denominado *Amostra Censo 1980*, indicou que algumas mudanças podiam estar em andamento na variedade carioca. Assim, entre 1999 e 2000, para se verificar as hipóteses das mudanças linguísticas, os estudiosos voltaram à comunidade de fala para empreender nova coleta de dados. Com essa nova tarefa, duas novas amostras foram elaboradas: a *Amostra Censo 2000*, um conjunto de 32 entrevistas realizadas com falantes cariocas, organizada seguindo os moldes da primeira; e uma amostra da fala de 16 indivíduos que já haviam participado da Amostra Censo de 1980 e foram novamente entrevistados (PAIVA e PAREDES SILVA, 2012; SILVA E., 2015).

Posteriormente, os estudos do PEUL saíram do âmbito da fala, e começaram os estudos variacionistas na escrita. Objetivavam com esses novos estudos verificar a forma como novas formas variantes presentes na fala eram incorporadas na escrita. Assim, entre 2002 e 2004, os pesquisadores do grupo organizaram uma amostra da escrita monitorada, essa amostra era representada por textos de diferentes gêneros que eram publicados em jornais, tendo como destinatários leitores de diferentes estratos sociais (PAIVA e PAREDES SILVA, 2012).

Com as amostras elaboradas, os membros do PEUL conseguiram delinear o perfil sociolinguístico da variedade linguística carioca. Recentemente, eles começaram a preocupar-se com questões relativas à aquisição da variação ordenada. O grupo já possuía uma amostra reunida pela professora Alzira V. T. de Macedo, composta de gravações com 32 crianças de 4 a 11 anos. Depois, entre 2002 e 2005, o grupo se enriqueceu com a elaboração da Amostra Aquivar, tal amostra representava a fala de 35 crianças com idade entre 1 ano e 9 meses e 5 anos, de diferentes estratos sociais. Os estudos dessa amostra permitiram desenvolver o entendimento sobre a aquisição da linguagem, que inclui, além das estruturas categóricas, também as variáveis (PAIVA e GOMES, 2016).

Além das amostras aqui já delineadas, o PEUL constituiu a *Amostra de Menores Infratores (EJLA)*, entre 2008 e 2009. Nessa amostra, eles coletaram a fala de 14 adolescentes menores infratores que cumpriam medida socioeducativa no momento em que foram gravados. Com essa nova amostra, o PEUL possibilita o desenvolvimento de estudos que tem por objetivo primeiro observar padrões de variação sociolinguística em situação de exclusão social, fazendo contraponto com resultados obtidos com base em outras amostras da comunidade de fala do Rio de Janeiro (PAIVA e GOMES, 2016). Desse modo, o grupo PEUL dispõe de um grande número de dados, que estão à disposição de estudiosos que se interessam em analisar fenômenos de variação linguística.

Com relação às contribuições do grupo PEUL, ainda segundo as autoras (PAIVA e PAREDES SILVA, 2012, p. 32):

Ao longo dos mais de trinta anos em que vem atuando no cenário da Sociolinguística brasileira, o grupo PEUL contribuiu com inúmeros trabalhos voltados para a variação inerente à gramática graças à dedicação de muitos pesquisadores, para quem o uso e a dinâmica da língua estão no centro dos estudos linguísticos.

E continuam:

Procurando estimular a expansão da Sociolinguística no Brasil, os membros do grupo atuam incessantemente na formação de novos pesquisadores, seja no nível de Iniciação Científica, seja nos níveis de Mestrado e Doutorado, que,

inseridos no grupo, despertaram ou consolidaram seu interesse pela Sociolinguística Variacionista (PAIVA e PAREDES SILVA, 2012, p. 32).

Atualmente, outro ponto que tem despertado o interesse dos pesquisadores sociolinguistas é o que tem por objeto a relação entre a estigmatização linguística e a mobilidade social.

[...] o preconceito linguístico tem sido um ponto bastante debatido na área, pois ainda predominam as práticas pedagógicas assentadas em diretrizes maniqueístas do tipo certo/errado, tomando-se como referência o padrão culto. [...] Os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima. (MOLLICA, 2017, p. 13).

Fato é que, no Brasil, existe um número expressivo de pesquisas sociolinguísticas, análises que recobrem a variação linguística, aquisição da linguagem, mudanças linguísticas, preconceito linguístico, variação linguística e ensino, entre outros aspectos explicáveis pela teoria da sociolinguística. Assistimos também ao crescimento do interesse, por parte dos sociolinguistas, pelos estudos que investigam os comportamentos e as atitudes dos falantes ante à variação linguística. E assim, a Sociolinguística se desenvolve e ganha cada vez mais espaço nas pesquisas cujo objeto de estudos é a língua(gem).

2.3. A Variação Linguística

Um dos fatos linguísticos de interesse da Sociolinguística é a variação linguística. A língua por muitos anos foi considerada uma instituição homogênea. Como dissemos, essa visão foi tida inicialmente pelo linguista suíço Saussure, que definiu a língua como um sistema imposto ao falante pela sociedade, esse sistema seria um conjunto de signos exterior ao indivíduo, não podendo ser modificado por ele. Assim, a língua para ele comporta apenas o que é interior a ela, (SAUSSURE, 1995). Com o passar dos anos, essa realidade foi mudando aos poucos, de modo que hoje é perfeitamente aceitável a ideia de que na realidade toda e qualquer língua é um conjunto de variedades, não constituindo assim, um todo homogêneo.

Alguns fatos linguísticos são perceptíveis por qualquer falante, por exemplo, o fato de que duas pessoas não falam da mesma forma, que nenhuma pessoa se expressa sempre da mesma maneira, e que uma palavra ou expressão que tem certo significado em uma determinada cultura, pode perder esse significado e ganhar outro de acordo com a comunidade em que está inserida. Essas diferentes formas de se utilizar uma mesma língua é o que caracteriza a variação

linguística. A partir desse entendimento, compreendemos então que a língua não é uma instituição homogênea, e que a variação linguística é uma de suas características.

Labov (2008, p. 221) compartilha da ideia de que, na verdade, toda e qualquer língua é um conjunto de variedades, por isso trata a variação como algo intrínseco às línguas, ao afirmar que “é comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de se dizer a mesma coisa”. Ainda tratando da heterogeneidade linguística, o mesmo teórico diz que

nos últimos anos fomos obrigados a reconhecer que essa é que é a situação normal – a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais [...], a ausência de alternância estilística e de sistemas comunicativos multiestratificados é que seria disfuncional” (WEINREICH; LABOV; HERZOG *apud* LABOV, 2008, p. 238).

Compreendemos porque a variação é traço marcante em todas as línguas, se levarmos em consideração o fato de que as sociedades diferem entre si, logo, o mais natural é que a língua, que é uma instituição social, reflita a heterogeneidade da sociedade em que é usada. De igual modo, nenhum indivíduo é igual a outro, dessa forma, por ser parte constitutiva do ser humano, a língua reflete essas diferenças, e se manifesta de diferentes formas.

Monteiro (2000, p. 57) trata a variação como característica natural das línguas, e chega a afirmar que “... a variação é essencial à própria natureza da linguagem humana e, sendo assim, dado o tipo de atividade que é a comunicação linguística, seria a falta de variação no sistema que necessitaria ser explicitado”.

Tratando de variação, Mollica (2017, p. 10) nos traz alguns conceitos envolvidos neste fenômeno, ela nos diz que “a variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas alternativas denominadas variantes. Entendemos então por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável [...]”. Assim, podemos depreender dessa afirmação o conceito de variável linguística e o de variante, esta é cada uma das diferentes formas de se transmitir um mesmo conteúdo informativo, enquanto aquela é o conjunto de variantes (TARALLO, 2003). No caso do nosso estudo, então, temos como variável linguística o possessivo de primeira pessoa do plural *nosso*, e temos como variantes o possessivo *nosso* e a expressão *de nós*.

Outra distinção se faz necessária, e diz respeito aos diferentes sentidos que o termo variável pode comportar. Ele significa tanto as “duas ou mais formas distintas de se transmitir um conteúdo informativo...” (MONTEIRO, 2000, p. 59), como pode significar, os elementos extralinguísticos que influenciam o modo de se utilizar uma língua, CAMACHO (2012). Assim, existem as variáveis sociais, que são os elementos extralinguísticos que influenciam o modo

pelo qual uma determinada unidade linguística se manifesta, e existem também as variáveis linguísticas, que constituem o conjunto de variantes.

Outro ponto que merece de explicitação é o fato de que a variação pode ser condicionada tanto por fatores internos como por fatores externos ao sistema linguístico. Mollica (2017, p. 11) mostra uma distinção entre esses fatores dizendo que “no conjunto de variáveis internas encontram-se os fatores de natureza fono-morfo-sintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais.”. Já

no conjunto de variáveis externas à língua, reúnem-se os fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva) (Ibid., p. 11).

Assim, inferimos que todo processo de variação é condicionado por algum fator, seja linguístico ou social. Portanto aquilo que é chamado de variação livre por alguns linguistas é na realidade variação condicionada socialmente.

Monteiro (2000) nos dá como exemplo de variação condicionada o fonema /t/, que antes da vogal /i/ ocorre como uma consoante africada [tʃ] (como em *tia*) e o mesmo não acontece em outros ambientes fonéticos (como em *telha*). Como exemplo de variação livre ele nos traz as diferentes pronúncias da palavra *peruca*: [pe'ruka] [pɛ'ruka] [pi'ruka], que em tese o falante tem a liberdade de escolher a forma que irá pronunciar.

Porém, pode-se dizer que para a sociolinguística não existe variação livre, pois como nos afirma Monteiro (2000, p. 64) “se não é o contexto linguístico que determina sempre o emprego de uma das formas, parece que sempre se interpõem fatores externos ou socioeconômicos para decidir qual delas deve ocorrer numa dada situação de fala”.

É válido ressaltar que é necessário certo cuidado na hora de definir que uma variação linguística é decorrente de determinado fator e não de outro, tendo em vista que uma variedade linguística pode ser motivada por mais de uma variável social. Pois, os fatores que condicionam a presença de determinada variante podem se encontrar imbricados em uma mesma sociedade, sendo assim, algumas vezes uma variedade linguística pode estar relacionada a mais de uma variável, é dessa forma que “no ato de interagir verbalmente, um falante utilizará a variedade linguística relativa a sua região de origem, classe social, idade, escolaridade, sexo, etc. e segundo a situação em que se encontrar” (ALKMIM, 2012, p.39).

A variação linguística pode ser ocasionada por diversos fatores, estes, por sua vez, dão origem a diferentes tipos de variação. Assim, por exemplo, a origem geográfica do falante, as

suas características sociais e biológicas, e a situação de interação definem os tipos de variação, que é o que veremos a seguir.

2.3.1. Variação Diastrática

Como já foi dito, existem diferentes tipos de variação, um desses tipos é a variação diastrática. Esse tipo de variedade linguística, também chamada de variação social ou sociocultural, é a que é decorrente de fatores que estão relacionados aos falantes ou a comunidade na qual estão inseridos. Podemos citar como exemplo de variação diastrática, uma diferença linguística encontrada de acordo com o sexo/gênero, que é o emprego de palavras no diminutivo por mulheres (ALKMIM, 2012).

Dessa forma, entende-se que a variação diastrática compreende as diferenças linguísticas presentes em um mesmo espaço territorial. Maia (2006, p.158) denomina as variações diastráticas como as diferenças linguísticas que ocorrem “no âmbito de uma comunidade específica localizada em uma mesma região geográfica, caracterizando o que se tem chamado de dialetos sociais ou socioletos”. E posteriormente afirma que

As variantes sociolinguísticas ocorrem em todas as sociedades e estão diretamente relacionadas às categorias através das quais cada sociedade se organiza. Nem sempre essas categorias permitem uma diferenciação nítida entre si, formando um sistema complexo em que cada fator entrecruza-se com os demais (MAIA, 2006, p. 158).

Pode-se afirmar assim, que em uma mesma comunidade os fatores socioeconômicos, biológicos ou culturais podem condicionar diferenças linguísticas, e esse condicionamento pode ocorrer por parte de um desses fatores ou do entrecruzamento entre eles.

Calvet (2002, p. 90) mostra a relação entre a língua e os fatores sociais, que dão origem à variação diastrática, ao dizer que “as variáveis podem também ter um sentido social, quando, em um mesmo ponto do território uma diferença linguística é mais ou menos isomorfa de uma diferença social”. Ou seja, a variação diastrática ocorre em um mesmo espaço geográfico, ocasionada pelos fatores sociais.

2.3.2. Variação Diafásica

Esse tipo de variação se caracteriza pelo fato de que um mesmo falante nunca fala da mesma forma em todas as situações comunicativas. Como exemplo podemos citar o modo de se comunicar de um aluno, a forma com que ele se expressa em um seminário é totalmente diferente da que ele utiliza para conversar com os colegas durante o intervalo, a primeira situação exige um estilo mais formal, enquanto o segundo um estilo de fala mais casual. A

variação diafásica faz surgir os diferentes níveis de formalidade ou registros em que um discurso pode se manifestar. E esse nível varia desde o coloquial até o formal, o que irá definir em que grau de formalidade um enunciado se encontra é a maior ou menor presença de formas cultas da língua, o que se supõe que qualquer falante consiga fazer, como vemos na afirmação, (LABOV, 2008, p. 243):

[...] não existe falante de estilo único. Alguns informantes exibem um espectro de alternância estilística mais amplo que outros, mas todo falante que encontramos exibe alternância de algumas variáveis linguísticas à medida que mudam o contexto social e o tópico.

Também chamada de variação estilística, situacional ou de registro, considera-se que a variação diafásica é ocasionada por um único fator, que é o contexto, a situação de comunicação. Porém, acreditamos que a escola pode desempenhar um importante papel na existência desse tipo de variação, tendo em vista que é seu papel tornar o aluno um falante competente, e um falante competente é aquele que consegue utilizar a língua de diferentes formas de acordo com a situação de comunicação.

A variação diafásica ainda é vista como o resultado da adequação do falante às finalidades do seu processo interacional. Essa adequação é feita por meio de uma reflexão feita pelo indivíduo, que seleciona as formas para compor seu enunciado. Essa reflexão é feita a partir do grau de formalidade da situação, assim, quanto menos informal for a situação, maior será a preocupação com a formalidade (CAMACHO, 2012).

Maia (2006, p. 166) cita alguns fatores que podem ser considerados relacionados ao contexto e que caracterizam a variação diafásica, ele afirma que

O ambiente físico, o contexto social ou cultural, o tema da fala, o grau de intimidade entre os interlocutores, os elementos emocionais são, todos, fatores inter-relacionados e, muitas vezes, sobrepostos, que caracterizam as chamadas variantes situacionais de fala, também denominadas de registros ou níveis de fala.

Como podemos ver, há uma suposição de que todo falante apresenta esse tipo de variação, já que ele participa de diferentes tipos de situações comunicativas, sendo, pois, preciso adequar o seu discurso, utilizando para isso a língua nos seus mais diversos estilos de formalidade.

2.3.3. *Variação Diatópica*

Diferentemente da variação diastrática, que está presente em um mesmo território, o fator principal para a existência da variação diatópica é o espaço geográfico. Esse tipo de variação compreende as diferenças linguísticas que ocorrem na língua de acordo com a região. Por exemplo, as diferenças linguísticas que existem entre a variedade linguística do sul e o variedade linguística do nordeste do Brasil, na fonética temos a pronúncia de vogais pretônicas, como o /e/ de *melado*, que é pronunciado aberto no nordeste e fechado no sul (ALKMIM, 2012).

Camacho (2012) afirma que esse tipo de variação decorre do fato de que quanto mais contato existe entre os falantes de uma língua, maiores serão as semelhanças linguísticas. Assim sendo, a variação diatópica resulta da semelhança entre os atos verbais dos indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade, já que é essa semelhança que faz surgir o dialeto de determinadas regiões. Labov (2008, p. 225) ainda nos dá uma explicação ao afirmar que “os membros de uma comunidade de fala compartilham, sim, um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando encontramos uma variação altamente estratificada na fala real”.

É comum ouvirmos falar que a língua é a expressão de quem a utiliza, e esse é outro fator que dá origem a variação diatópica, o fato de que geralmente os indivíduos que pertencem a um mesmo território geográfico tendem a formar grupos isolados, onde alguns aspectos são usados como forma de identificação. Assim, a língua, que reflete os diferentes grupos sociais, é usada como uma forma de caracterização desses grupos, que compartilham muitos traços culturais, inclusive a língua. Camacho (2012, p. 58) esclarece esse ponto ao afirmar que

[...] os indivíduos nativos de determinado setor geográfico orientam-se para um centro cultural, política e economicamente polarizador. Constitui-se, assim, uma comunidade linguística geograficamente restrita, inserida no interior de uma mais extensa e abrangente. Mediante a atração geográfica e a contiguidade física é que se desenvolve um comportamento cultural específico que identifica os membros de uma comunidade e os distingue de outras.

Verdade é que, diferenças linguísticas decorrentes do espaço geográfico fazem parte de qualquer língua, já que como é possível perceber, nenhuma língua se mantém homogênea em todo o território onde é falada. E podemos dizer ainda que talvez seja o espaço geográfico um dos fatores que mais marcam o modo de falar de um indivíduo, já que “um dos traços mais marcantes da identidade característica de uma pessoa é, sem dúvida, a sua origem geográfica” (MAIA, 2006, p. 152).

2.3.4. Variação Diacrônica

Um tipo de variação que é pouco discutida, e que nem é citada em muitos textos que tratam sobre os tipos de variação linguística é a variação diacrônica. Ao contrário dos tipos de variação supracitados, que ocorrem no plano sincrônico, ou seja, que são originadas em um mesmo espaço temporal, a variação diacrônica se caracteriza pelo fato de, apesar de conviverem em um mesmo espaço de tempo, as variedades linguísticas são decorrentes de tempos diferentes e representam momentos diferentes da língua. São as variações observáveis em um dado momento da língua em uma mesma comunidade, mas que guardam traços da época em que cada variante surgiu. Essas variantes são percebidas a partir da comparação de fatos linguísticos que, mesmo convivendo em um mesmo momento, retratam épocas distintas, ou seja, são contemporâneas, mas, tendo surgido em épocas distintas, apontam para a mudança linguística. Como exemplo de variação diacrônica, temos a pronúncia do /l/ em final de sílaba como na palavra *sal*, que é pronunciada como a lateral [ɫ] pelos mais velhos e não como a semivogal [w], que adquire as características da vogal /u/, assim como fazem os mais jovens (FARACO, 2005).

Essas variações, cujo principal fator condicionante é a passagem do tempo, estão presentes em todas as línguas, já que é possível encontrar muitas diferenças linguísticas se compararmos a fala de falantes de gerações distintas. E essa diferenciação ocorre pelo fato de que cada geração de falantes exibe a forma linguística adquirida na juventude, que se mantém inalterada após a adolescência. Como afirma Naro (2004, p. 44) “o processo de aquisição da linguagem se encerra mais ou menos no começo da puberdade e a partir desse momento a língua do indivíduo fica essencialmente estável”. Assim,

o estado atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade. Assim sendo, a fala de uma pessoa com 60 anos hoje representa a língua de quarenta e cinco anos atrás, enquanto outra pessoa com 40 anos hoje nos revela a língua de há apenas vinte e cinco anos. (NARO, 2004, p. 44)

Ora, assim fica fácil de compreender como existem as diferenças linguísticas resultantes da passagem do tempo, elas existem pelo fato de termos convivendo em sociedade pessoas de diferentes faixas etárias, sendo que cada uma exibe a língua adquirida em diferentes tempos.

Pode-se também afirmar que esse tipo de variação aponta para a mudança linguística, já que, como afirma Alkmim (2012, p. 36), “todas as línguas do mundo são sempre continuações históricas”, o que quer dizer que toda língua é resultado de transformações ao longo do tempo. E “as gerações sucessivas de indivíduos legam a seus descendentes o domínio de uma língua particular” (Ibid., p. 36).

Vemos assim que a passagem do tempo é determinante para diversos acontecimentos e o mesmo acontece com a língua, já que o tempo também é capaz de produzir diferenças linguísticas, pois enquanto falantes do português podemos perceber facilmente que o português falado há 100 anos era muito diferente do falado atualmente.

2.3.5. *O que varia nas línguas?*

As línguas se estruturam em diferentes níveis, e cada um comporta diferentes elementos, essa divisão parte desde o plano dos elementos mínimos, considerada a fonética, até o plano dos elementos mais complexos, que fazem parte da sintaxe. Anteriormente tratamos sobre uma característica das línguas, a variação, agora veremos como se caracteriza as variações ocorridas em cada um dos níveis linguísticos. Podemos afirmar que esse fenômeno afeta os diferentes planos em que a língua se estrutura, é dessa forma que ocorrem variações na fonética, na morfologia, no léxico, na semântica, e na sintaxe. Vejamos:

FONÉTICA: as variações que ocorrem nesse nível são aquelas relacionadas à pronúncia, ou seja, são as alterações dos sons das palavras. Como exemplo, podemos citar alternância na pronúncia de /r/ e sua ausência, como em: “*falá*” e “*falar*” (CAMACHO, 2012).

MORFOLOGIA: nesse plano estão as variações que afetam a estrutura das palavras. Temos como exemplos desse tipo de variação a supressão da marca de plural dos vocábulos, como em, “*os meninoØ*” para “*os meninos*”; ausência da desinência verbal em: “*nós fala*” para “*nós falamos*” (CAMACHO, 2012) .

LÉXICO: são as variações que ocorrem no léxico, ou seja, o mesmo objeto é designado por palavras diferentes, em diferentes regiões ou grupos sociais distintos. Por exemplo, no Piauí usa-se a palavra “*beiju*”, enquanto no Ceará usa-se “*tapioca*” para fazer referência a um mesmo alimento, “*trabalho*” usado por pessoas mais velhas e “*trampo*” por pessoas mais jovens; temos ainda as *gírias*, que são variações lexicais (ALKMIM, 2012).

SEMÂNTICA: as variações nesse nível correspondem aos diferentes significados que um mesmo item lexical pode veicular, dependendo da região ou do grupo social. Como exemplo desse tipo de variação tem-se o caso da palavra “*tapioca*”, que no Ceará significa o alimento pronto, já no Maranhão significa a massa da qual se faz o alimento.

SINTAXE: o tipo de variação ocorrida nesse plano está relacionado aos vários tipos de construções frasais, ou seja, as variações ocorridas na organização dos enunciados. Por exemplo, a norma culta recomenda que se usem construções sintáticas do tipo “*Laura chegou,*

eu a vi”, mas é comum ouvirmos mais construções do tipo “*Laura chegou, eu vi ela*”, usando o pronome pessoal como objeto direto.

Como podemos ver a variação está presente nas línguas e ela pode afetar os mais diversos planos. Vemos dessa forma, que além de poder ser classificada de acordo com as variáveis supracitadas, ela pode também ser classificada de acordo com o plano da língua onde ocorre.

2.4. O Sistema Pronominal do Português Brasileiro

Anteriormente tratamos sobre os níveis linguísticos em que a variação linguística pode ocorrer, nesta seção, como o título sugere, trataremos sobre o sistema pronominal do português falado no Brasil, já que temos como tema do trabalho um tipo de variação que ocorre envolvendo os pronomes. Inicialmente, é necessário que saibamos que os pronomes recebem diferentes definições de acordo com o tipo de enfoque linguístico utilizado para a sua descrição, dessa forma, aqui abordaremos o pronome levando-se em consideração diferentes viés linguísticos

No que diz respeito a visão enunciativa, Benveniste (1995), ao tratar sobre a natureza dos pronomes, diz que, geralmente, consideramos que essas formas constituem uma mesma classe, assim como as formas verbais, por exemplo, mas que consegue mostrar que os pronomes não formam uma classe unitária, mas na verdade são espécies diferentes, uns fazem parte da sintaxe da língua, outros são próprios das instâncias do discurso.

Benveniste (1995) dedica sua discussão ao que diz respeito aos pronomes *eu*, *tu* e *ele*, segundo o autor o *eu* e o *tu* só podem se referir a uma realidade do discurso. O *eu* é definido em termos do que o autor define “locução”, e significa a pessoa que enuncia a presente instância do discurso que contém *eu*, dessa forma, o *eu* só pode ser identificado pela instância de discurso que contém e somente por aí, de modo resumido “o *eu* é o indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância linguística *eu*” (BENVENISTE, 1995, p. 279).

Por outro lado, o *tu* é definido como “o indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância linguística *tu*” (BENVENISTE, 1995, p. 279). É deste modo que o *eu* e o *tu* são definidos como “indicadores que não podem existir como signos virtuais, não existem a não ser na medida em que são atualizados na instância de discurso, em que marcam

para cada um das suas próprias instâncias o processo de apropriação pelo locutor” (BENVENISTE, 1995, p. 281).

O autor ainda fala sobre uma terceira pessoa, que se manifesta em enunciados de discurso que escapam à condição de pessoa, isto é, remetem não a eles mesmos, mas a uma situação “objetiva”. A

terceira pessoa representa de fato o membro não marcado da correlação de pessoa. É por isso que não há truísmo em afirmar que a não-pessoa é o único modo de enunciação possível para as instâncias de discurso que devem remeter a elas mesmas, mas que predicam o processo de não importa quem ou não importa o que, exceto a própria instância, podendo sempre esse não importa quem ou não importa o que ser munido de uma referência objetiva (BENVENISTE, 1995, p. 282).

Segundo Benveniste (1995) é desta forma, que os pronomes chamados de terceira pessoa são completamente diferentes do *eu* e *tu*, tanto pela sua função quanto pela sua natureza, pois os pronomes de terceira pessoa são formas que só servem enquanto substitutos abreviativos, à medida que eles substituem um ou outro dos elementos materiais do enunciado ou revezam com eles.

Sintetizando as ideias de Benveniste, podemos dizer que o *eu* e o *tu* são as pessoas do discurso, sendo o *eu* a pessoa que produz o enunciado e o *tu* a pessoa com quem o *eu* fala, já o *ele* é uma terceira pessoa, aquele a quem o enunciado faz referência, dessa forma, não faz parte necessariamente do discurso, mas é sobre quem ou o que se fala.

Abandonando esse viés enunciativo e assumindo a perspectiva da gramática tradicional, os pronomes são entendidos como “a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto” (BECHARA, 2004, p. 162). O pensamento de Bechara (2004) se aproxima do de Benveniste (1995), quando aquele apresenta o que ele denomina de pessoas do discurso, denominação segundo a qual “são duas as pessoas determinadas do discurso: 1ª *eu* (a pessoa correspondente ao falante) e 2ª *tu* (correspondente ao ouvinte). A 3ª pessoa, indeterminada, aponta para outra pessoa em relação aos participantes da relação comunicativa”. No entanto, em Bechara (2004) fica mais evidente a noção de unidade no sistema pronominal do português brasileiro, diferentemente do que vimos em Benveniste (1995).

Ainda levando-se em consideração o pensamento de Bechara (2004, p. 163), vemos que ele separa a classe pronominal em diferentes grupos ou subsistemas, segundo o autor, os

pronomes podem ser de seis tipo: “pessoais, possessivos, demonstrativos (abarcando o artigo definido), indefinidos (abarcando o artigo indefinido), interrogativos e relativos”.

O fato é que, independentemente de como os pronomes são vistos, de acordo com cada enfoque, alguns estudos têm demonstrado que o sistema pronominal do português brasileiro mudou e vem mudando, ao longo do tempo, de modo que alguns elementos vão caindo em desuso, à medida que outros vão sendo incorporados. Fato reconhecido e explicitado na seguinte afirmação:

Com uma realidade sociolinguística bastante estratificada e com um acentuado descompasso entre a língua oral e o modelo de língua padrão escrita que a escola ainda tenta impor aos alunos, o PB vem distanciando-se, cada vez mais, do paradigma canônico do quadro dos pronomes pessoais, com seis formas nominativas distintas e suas correspondentes oblíquas, para aproximar-se de um quadro pronominal que se atualiza e reorganiza em função da substituição, migração e/ou alargamento do domínio de algumas dessas formas, fato esse que verificamos principalmente na língua oral e que tem afastado o PB das línguas românicas (RAMOS, BEZERRA e ROCHA, 2009, p. 2).

Iniciando sobre as variações/mudanças ocorridas no quadro dos pronomes pessoais, a gramática normativa aponta o seguinte quadro no que se refere aos pronomes pessoais do caso reto:

TABELA 01: Paradigma dos Pronomes Pessoais do Caso Reto do português

1ª Pessoa do Singular	Eu
2ª Pessoa do Singular	Tu
3ª Pessoa do Singular	Ele/Ela
1ª Pessoa do Plural	Nós
2ª Pessoa do Plural	Vós
3ª Pessoa do Plural	Eles/Elas

Fonte: Freitag e Lima (2010, p. 62)

No entanto, com relação as formas de 2ª pessoa, estudos têm mostrado que a forma do plural *vós* caiu em desuso, sendo substituída por a forma *vocês*, ocorrendo assim, uma mudança linguística. Já a forma *tu*, encontra-se em uma situação de coocorrência e concorrência com a forma inovadora *ocê*, o que caracteriza um fenômeno de variação (FREITAG e LIMA, 2010; CÂMARA JÚNIOR, 2005; LOPES, RUMEU e CARNEIRO, 2013; MENON, 1995; YACONVECO e SCARDUA, 2017). No caso da forma do singular, como já dissemos, ainda se faz uso da forma *tu*, embora, esta, na maioria as vezes, seja utilizada sem fazer a devida

concordância com o verbo, pois “há casos de uso do pronome *tu* seguido do verbo *sem a marca de segunda pessoa*” (MENON, 1995, p. 6, *grifos do autor*).

A inserção do *você* no quadro dos pronomes pessoais do caso reto acarretou mudanças no quadro das formas acusativas, de acordo com Lopes, Rumeu e Carneiro (2013, p. 12, *grifos do autor*),

as formas *acusativas* de 2P desempenham a função de objeto direto. Na perspectiva tradicional de “uniformidade de tratamento”, o pronome original de 2P no caso acusativo seria apenas o clítico *te*. A partir da entrada de *você* no sistema pronominal há, no entanto, outras formas variantes no PB que assumem a função acusativa: [...] *te, você, lhe, o/a e zero*.

Da mesma forma, com o *você* como pronome pessoal, também houve mudanças no paradigma das formas pronominais que desempenham a função dativa no português brasileiro, apagou-se o dativo de terceira pessoa – o *lhe* – além de se inserir sintagmas preposicionados nesse quadro, geralmente introduzidos pela preposição *para*. No entanto, o *lhe* continuou a ser usado, embora não mais para a terceira pessoa, tal forma passou a fazer referência à 2ª pessoa, tanto como dativo quanto acusativo. Ainda com relação ao dativo, há formas que se relacionam ao paradigma original de 2ª pessoa, é o caso do clítico *te* e sintagmas preposicionados com *ti*, e outras que estão associadas ao paradigma de *você*: clítico *lhe* e sintagmas preposicionados associados a *você* (*para você, a você, etc*) (LOPES, RUMEU e CARNEIRO, 2013).

Ainda com relação ao quadro dos pronomes pessoais, outra substituição que está em andamento é a que diz respeito a concorrência entre a forma da 1ª pessoa do plural *nós* com a forma *a gente*, resultado de uma gramaticalização do substantivo *gente*. A forma inovadora encontra-se tão suplantada no sistema pronominal do PB, que algumas gramáticas já até a apresentam, além do *nós*, como pronome pessoal da 1ª pessoa do plural, embora como a forma utilizada em situações coloquiais, o que não é bem verdade. É o que nos diz Freitag e Lima (2010, p. 60):

Em algumas gramáticas, você encontrará uma nota explicando que, em situações coloquiais, a forma *a gente* é utilizada como pronome de 1ª pessoa do plural. As gramáticas normativas [...] se espelham em um estado de língua cristalizado, e nem sempre acompanham o dinamismo das línguas. No caso dos pronomes pessoais, em qualquer parte do Brasil, encontramos uma grande produtividade da forma *a gente* em relação à forma *nós* para se referir a 1ª pessoa do plural.

A inserção do *a gente* no quadro do sistema pronominal do português brasileiro, em concorrência com o *nós*, acabou acarretando alterações em outras “partes” do sistema, como é o caso do quadro dos sistemas possessivos. Além do encaixamento do *a gente* como pronome pessoal, para exercer a função de sujeito, essa forma passou a desempenhar também a função de complemento ou adjunto, como pronome possessivo, é o que nos mostra Ramos, Bezerra e

Rocha (2009, p. 3, *grifos do autor*) ao dizer que investigam “o *encaixamento* da expressão *a gente* no subsistema dos pronomes pessoais – seja na função de sujeito, seja na de complemento ou de adjunto – e seu avanço em direção ao subsistema dos possessivos, em competição com *nosso/nossa*”.

Dessa forma,

a expressão pronominal *a gente* alarga seu domínio e passa a desempenhar outras funções que, embora até o momento ainda não se tenham mostrado tão produtivas quanto sua função primeira – a de sujeito –, já apresentam um número razoável de ocorrências. Assim, encontramos realizações de *a gente* em funções de não sujeito, tais como: complemento verbal (*nos > pra/a gente*), adjunto adverbial (*conosco > com a gente*), adjunto adnominal (*nosso/a > da gente*). (RAMOS, BEZERRA e ROCHA, p. 3, 2009, *grifos do autor*)

Said Ali (2006) entende a forma *a gente* incluída no quadro dos pronomes do português brasileiro não como pronome pessoal, mas como um pronome que se encaixa no subsistema dos pronomes indefinidos, utilizado pelo falante para fazer referência às pessoas com quem ele convive, cujo grupo ele está incluído quanto à forma de pensar e agir.

Desse modo, com a inserção das formas *você, vocês* e *a gente*, o quadro do sistema pronominal do português brasileiro, no que se refere os pronomes pessoais do caso reto, fica da seguinte forma (FREITAG e LIMA, 2010, p. 60):

TABELA 02: Paradigma dos Pronomes Pessoais do Português com a Inserção de Novos Elementos

1ª Pessoa do Singular	Eu
2ª Pessoa do Singular	Tu/Você
3ª Pessoa do Singular	Ele/Ela
1ª Pessoa do Plural	Nós/A gente
2ª Pessoa do Plural	Vós/Vocês
3ª Pessoa do Plural	Eles/Elas

Fonte: Freitag e Lima (2010, p. 62)

No que se refere aos pronomes objetos, Menon (1995, p. 8) diz que os

pronomes pessoais que exercem função de objeto são classificados como diretos e indiretos e tônicos ou átonos. Mesmo na gramática tradicional se percebeu que os pronomes átonos somente apresentam diferenciação na 3ª pessoa, em que há formas distintas para os objetos direto e indireto - *o(os)/lhe(s)*. Nas primeiras pessoas *me/te* são formas homônimas. Reconhece-se, há algum tempo, um declínio acentuado no uso do pronome objeto direto de 3ª pessoa, no PB. Costuma-se dizer que na "língua popular, descuidada" o objeto direto passou a ser expresso pelo pronome *ele*. Basta aguçar o ouvido

em qualquer situação para verificar que tal uso não se restringe às "classes populares": ele já atingiu pessoas de classes sociais e escolaridade mais elevadas.

Monteiro (1988) faz um levantamento sobre as principais mudanças e variações que ocorreram/ocorrem no sistema de pronomes do português brasileiro, neste trabalho, ele trata sobre variações que ocorrem no quadro do que ele denomina de pronomes complementos, uma das quais diz respeito às formas de realização do objeto direto anafórico. Além de apresentar as duas possibilidades apresentadas por Menon (1995), o autor ainda apresenta mais duas possibilidades: repetição do termo antecedente e apagamento do objeto.

No quadro dos pronomes de tratamento, uma discussão que se sobressai é quanto ao uso do *tu*, *você* ou *senhor*. Segundo Monteiro (1988, p. 8) “no português do Brasil, o sistema é binário: na maioria das regiões estabelece-se uma oposição entre *você* e *o senhor*, dependendo a escolha do grau de formalidade ou intimidade, das condições econômicas, da idade”. Ainda de acordo com o autor, quanto ao pronome *tu*, seu uso fica restrito a certas situações, como trato familiar, embora ainda seja geral no Rio Grande do Sul. A explicação para a aceitação do pronome *você* em quase todo o Brasil é a de que seu uso seja uma estratégia para evitar as dificuldades da flexão verbal portuguesa, uma forma de simplificação. Este sistema binário acaba por também evidenciar a diferença entre a sociedade brasileira e a portuguesa, visto que esta ainda se mostra um pouco mais hierarquizada ou conservadora, ao passo que admite um ternário de oposição: *tu*, *você* e *o senhor*.

Com relação às mudanças/variações no quadro dos pronomes possessivos, que é o que mais nos interessa, já que nossa pesquisa tem como foco uma variação que ocorre nesse subsistema, Menon (1995, p. 12) diz que estes são “classificados como possessivos de 1ª, 2ª ou 3ª pessoa: *meu/nosso*; *teu/vosso*; *seu*”. Ainda conforme a autora, com a inserção do *você(s)* no quadro dos pronomes do português brasileiro, o pronome *seu* passou a ser utilizado também como forma de 2ª pessoa, fazendo com que tenhamos dois pronomes para a 2ª pessoa – *teu/seu* – cuja escolha entre um ou outro será determinada, entre outros fatores, pelas relações de intimidade/não-intimidade e de poder.

Esse deslocamento do possessivo *seu* da 3ª para a 2ª pessoa faz com que o subsistema se rearranja novamente,

adotando como possessivas formas compostas da preposição *de* + os pronomes pessoais sujeito de 3ª pessoa: *dele(s)/dela(s)*. Consequentemente, o sistema pronominal se reestruturou, preenchendo os "vazios" criados pelo deslocamento do pronome *seu* para o paradigma de 2ª pessoa, ao mesmo tempo que desfez a antiga ambiguidade (ser idêntico para o singular e para o plural). Mais que isso, a nova forma de possessivo está se estendendo para as outras pessoas, em alguns dialetos: *de você(s)* parece ser já uma forma

corrente, embora *de mim*, *de nós* sofram ainda restrições. (MENON, 1995, p. 12, *grifos do autor*)

Embora sofram restrições, formas como estas – de mim e de nós – podem ser encontradas na variedade linguística usada por determinadas comunidades, pois o fato delas não serem comuns nas variedades linguísticas mais prestigiadas não as impedem de se fazerem presentes em dialetos isolados, como é o caso do *de nós* utilizado pelos moradores da comunidade Baixio.

Monteiro (1988) também aborda a inserção das formas genitivas no quadro dos pronomes possessivos, cuja justificativa é basicamente a mesma dada por Menon (1995), são formas inseridas para desfazer as ambiguidades decorrentes do emprego variável do pronome *seu*, que pode referir-se a 2ª e a 3ª pessoa. Deste modo, formas como *dele(s)* e *dela(s)* já fazem parte do sistema dos pronomes, ao passo que novas formas ameaçam também entrar, são os casos de “certos pronomes pessoais precedidos da preposição *de*, especialmente *você(s)* e *a gente*, em consequência das mudanças que se operam no quadro dos pronomes sujeitos” (MONTEIRO, 1988, p. 11).

Talvez por se tratar de um texto antigo, em Monteiro (1988) encontramos um indicativo de que formas como *da gente* ameaçavam compor o sistema dos pronomes possessivos do português brasileiro, o que hoje já é uma realidade, como nos mostrou Ramos, Bezerra e Rocha (2009), bem como podemos ver nos dados apresentados no capítulo da nossa análise, pois, além do possessivo *nosso* e a expressão *de nós*, a forma genitiva *da gente* também faz parte da variedade linguística usada por nossa comunidade de pesquisa.

Ainda no que diz respeito ao quadro dos pronomes possessivos, outro fenômeno de variação que envolve essas formas é com relação à presença/ausência do artigo antes do possessivo, que tem motivação, entre outros fatores, na afetividade envolvida: “é fato que a presença do artigo, pelo menos se o possessivo vem antes de um antropônimo, é índice de familiaridade ou intimidade” (MONTEIRO, 1988, p. 7). Além disso, Oliveira e Silva (1982) *apud* Monteiro (1988), apontam que a presença do artigo antes dos possessivos constitui um fenômeno de variação que é ocasionado também por fatores de ordem social, como o sexo, a faixa etária e o grau de formalidade da situação comunicativa.

Nesta seção, buscamos descrever os principais fenômenos de mudança/variação linguística que ocorreram/ocorrem no sistema pronominal do português brasileiro, muitos dos quais são essenciais para a compreensão do fenômeno por nós estudado e que será descrito no capítulo da nossa análise. A seguir, apresentamos a metodologia adotado para a realização deste estudo.

3. A PESQUISA

Estamos frequentemente procurando saber, conhecer fatos, objetos, realidades que estão a nossa volta, assim, conhecer faz parte da nossa rotina e permeia nossa vida. Essa busca de conhecimento pode se dá de diferentes maneiras, uma das quais origina o conhecimento científico, tipo de conhecimento muito comum no ambiente acadêmico.

O conhecimento científico difere dos outros tipos de conhecimento por se caracterizar, principalmente, por uma investigação metódica e sistemática do fato que se objetiva conhecer, bem como a busca das causas que lhes dão origem. Além disso, o conhecimento científico é passível de verificabilidade, questionável, não definitivo e está em constante renovação e construção (ZANELLA, 2013). Segundo Fonseca (2002, *apud* SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009, p. 16)

O conhecimento científico é produzido pela investigação científica, através de seus métodos. Resultante do aprimoramento do senso comum, o conhecimento científico tem sua origem nos seus procedimentos de verificação baseados na metodologia científica. É um conhecimento objetivo, metódico, passível de demonstração e comprovação. O método científico permite a elaboração conceitual da realidade que se deseja verdadeira e impessoal, passível de ser submetida a testes de falseabilidade. Contudo, o conhecimento científico apresenta um caráter provisório, uma vez que pode ser continuamente testado, enriquecido e reformulado.

O método a que fazemos referência, que é adotado na construção do conhecimento científico, é “a maneira, é a forma que o cientista escolhe para ampliar o conhecimento sobre determinado objeto, fato ou fenômeno. É uma série de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para atingir determinado conhecimento” (ZANELLA, 2013, p. 19).

Uma atividade central na construção e desenvolvimento do conhecimento científico é a pesquisa, que assim como o conhecimento é um processo inacabado. Diferentes autores a concebem de diversas formas, para Lehfeld (1991) *apud* Silveira e Córdova (2009, p. 31), a pesquisa é “a inquisição, o procedimento sistemático e intensivo, que tem por objetivo descobrir e interpretar os fatos que estão inseridos em uma determinada realidade”. Para Zanella (2013, p. 24) ela “visa essencialmente a produção de novo conhecimento e tem a finalidade de buscar respostas a problemas e a indagações teóricas e práticas”. Para Demo (2000) *apud* Prodanov e Freitas (2013, p. 4), “pesquisa é entendida tanto como procedimento de fabricação do conhecimento, quanto como procedimento de aprendizagem (princípio científico e educativo), sendo parte integrante de todo processo reconstrutivo de conhecimento”. E para Gil (2008, p. 45) ela é um “processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de

procedimentos científicos”. Assim, sendo, pesquisa pode ser definida como um conjunto de procedimentos de investigação que busca explicar fatos da realidade, bem como a solução de problemas.

A pesquisa científica pode ser classificada de diferentes formas, segundo os seguintes critérios: quanto à abordagem, à natureza, aos objetivos e aos procedimentos adotados.

Quanto à classificação, no que diz respeito à abordagem, a pesquisa pode ser *quantitativa* ou *qualitativa*. A *pesquisa quantitativa* se caracteriza pelo uso de instrumentos estatísticos e pela medição das relações entre as variáveis. Este tipo de pesquisa acredita que tudo pode ser quantificado, assim, todo tipo de informação e opinião pode ser convertido em números. As amostras neste tipo de pesquisa geralmente são grandes e são consideradas representativas da população que se está investigando, assim, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa é muito utilizada quando se busca a relação causa-efeito entre os fenômenos (ZANELLA, 2013; FONSECA, 2002 *apud* SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009; PRODANOV e FREITAS, 2013).

A *pesquisa qualitativa*, difere da quantitativa, principalmente, por não utilizar dados estatísticos como o centro do processo de análise de um problema, ela não se preocupa com representatividade numérica. Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas, preocupa-se com a compreensão de um grupo social, de uma organização. O objetivo da amostra nesse tipo de pesquisa é produzir informações aprofundadas e ilustrativas, seja essa amostra pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações. Na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados, o pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão (DESLAURIERS, 1991 *apud* SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009, ZANELLA, 2013; PRODANOV e FREITAS, 2013)

Com relação à natureza, a pesquisa pode ser *básica* ou *aplicada*. A *pesquisa básica* tem como objetivo gerar conhecimentos novos, que sejam úteis no desenvolvimento da ciência, sem se preocupar em aplicar na solução de algum problema. Já a *pesquisa aplicada* tem como finalidade gerar conhecimentos para a aplicação prática, busca a solução de problemas específicos, assim, seu principal objetivo é gerar soluções aos problemas humanos, entender como lidar com um problema (SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009).

Quanto aos objetivos, existem três tipos de pesquisa: a *exploratória*, a *descritiva* e a *explicativa*. A *pesquisa exploratória* tem como finalidade ampliar o conhecimento a respeito

de um determinado fenômeno, busca mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilita a delimitação do tema da pesquisa, bem como orienta a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou ainda descobre um novo tipo de enfoque para o assunto. Geralmente, com esse tipo de pesquisa, explora a realidade buscando maior conhecimento, para depois planejar uma pesquisa descritiva. (GIL, 2008; PRODANOV e FREITAS, 2013).

Com a *pesquisa descritiva* o pesquisador procura conhecer a realidade estudada, suas características e seus problemas. Neste tipo de pesquisa, o pesquisador apenas registra e descreve os fatos observados sem interferir neles, visa a descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. A pesquisa descritiva procura descobrir a frequência com que um fato ocorre, sua natureza, suas características, causas, relações com outros fatos. E para a coleta de dados, utiliza-se de técnicas específicas, dentre as quais se destacam a entrevista, o formulário, o questionário, o teste e a observação. Um exemplo, são aquelas pesquisas que têm por objetivo estudar as características de um grupo. (TRIVIÑOS, 1987 *apud* ZANELLA, 2013, PRODANOV e FREITAS, 2013).

E a *pesquisa explicativa* preocupa-se em identificar fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de determinados fenômenos, desse modo, este tipo de pesquisa explica o porquê de determinados fenômenos acontecerem, por meio dos resultados alcançados. Dois fatores são determinantes para a pesquisa explicativa, visto serem essenciais na identificação de causa e efeito do evento que se pesquisa, a temporalidade do fenômeno e o seu ambiente de ocorrência. Para se desenvolver uma pesquisa explicativa é necessário a descrição e detalhamento do fenômeno que se busca explicar, ela pode ser assim, a continuação de uma pesquisa descritiva (GIL, 2008; ZANELLA, 2013).

Como dissemos anteriormente, a pesquisa ainda pode ser classificada de acordo com os procedimentos adotados na sua realização, de acordo com os procedimentos tem-se diferentes tipos de pesquisa. Zanella (2013) fala em pesquisas que utilizam fontes de papel e pesquisas que se utilizam de fonte de gente, entre as que utilizam fonte de papel temos a *pesquisa bibliográfica* e a *pesquisa documental* e as que utilizam fonte de gente são a *pesquisa experimental*, a *ex-post-facto*, o *levantamento*, a *pesquisa de campo* e o *estudo de caso*. É válido ressaltar que essa distinção entre um ou outro tipo de pesquisa não é tão rígida, visto que muitas vezes, as pesquisas não são facilmente enquadradas em um ou outro modelo, além disso, em um mesmo estudo pode ser adotado procedimentos de mais de um tipo de pesquisa.

A *pesquisa bibliográfica* é caracterizada pelo fato de utilizar unicamente fontes bibliográficas, faz-se um levantamento de referências teóricas já analisadas e divulgadas. Todo trabalho científico inicia-se com esse tipo de pesquisa, para que o pesquisador saiba o que já foi estudado e discutido sobre o assunto que ele irá pesquisar, no entanto, há estudos que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica. A *pesquisa documental* pode ser confundida com a pesquisa bibliográfica, e de fato são semelhantes, no entanto, elas diferenciam-se devido à natureza das fontes por elas utilizadas, a pesquisa bibliográfica se utiliza das contribuições de vários autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental baseia-se em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa (ZANELLA, 2013; PRODANOV e FREITAS, 2013).

A *pesquisa experimental* é caracterizada principalmente pelo fato de envolver algum tipo de experimento, no qual o pesquisador, ao definir seu objeto de estudo, seleciona as variáveis que seriam capazes de influenciá-lo, e a partir daí ele define as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto. A pesquisa experimental, que tem como objetivo demonstrar como e por que determinado fato é produzido, é mais prestigiada nos meios científicos, principalmente nas ciências exatas e naturais, no qual o pesquisador interfere diretamente no fenômeno que está sendo estudado por meio da manipulação e do controle da variáveis. A pesquisa *Ex-post-facto* é um estudo que só é realizado depois dos fatos terem ocorrido, tem por objetivo investigar possíveis relações de causa e efeito entre um determinado fato identificado pelo pesquisador e um fenômeno que ocorre depois, ou seja, ela analisa situações que se desenvolveram naturalmente após algum acontecimento, assim, estudamos um fenômeno que já aconteceu e tentamos explicá-lo e entendê-lo. A principal característica desse tipo de pesquisa é justamente o fato dos dados só serem coletados após a ocorrência dos eventos, não sendo possível interferência nas variáveis, isso porque já ocorreram suas manifestações ou porque não são passíveis de manipulação (GIL, 2008; ZANELLA, 2013).

O *Levantamento* (Surveys) é um método de levantamento e análise de dados que se caracteriza pela interrogação direta das pessoas das quais se deseja conhecer os comportamentos. Basicamente procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para em seguida, mediante análise quantitativa, obter as conclusões correspondentes dos dados coletados. Em sua maioria, nos levantamentos não são pesquisados todos os integrantes da população estudada, antes seleciona-se, mediante procedimentos estatísticos, uma amostra significativa de todo o universo, que é tomada como objeto de investigação. As conclusões obtidas a partir desta

amostra são projetadas para a totalidade do universo, levando em consideração a margem de erro, que é obtida mediante cálculos estatísticos (ZANELLA, 2013; GIL, 2008).

Outro tipo de pesquisa é a *pesquisa de campo*, que são investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, são estudos semelhantes aos levantamentos, que diferem destes com relação a alguns aspectos, na pesquisa de campo se procura aprofundar mais nas variáveis estudadas, os levantamentos procuram ser representativos de um universo definido e fornecer resultados caracterizados pela precisão estatística, enquanto que os estudos de campo procuram muito mais o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população segundo determinadas variáveis. Além disso, no estudo de campo estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes. O planejamento nesse tipo de pesquisa apresenta muito maior flexibilidade, podendo ocorrer mesmo que seus objetivos sejam reformulados ao longo do processo de pesquisa (GIL, 2008, ZANELLA, 2013).

Por fim, existem os *estudos de caso*, que se caracterizam por ser um estudo exaustivo de um ou poucos objetos de pesquisa, de modo que permita o seu conhecimento profundo. Esses estudos são profundos, mas possuem pequena amplitude, visto que eles procuram conhecer a realidade de um indivíduo, de um grupo de pessoas, de uma ou mais organizações em profundidade. O estudo de caso é marcado pelo empirismo e investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência (ZANELLA, 2013; YIN *apud* GIL, 2008).

Quanto a abordagem podemos dizer que nossa pesquisa assume tanto a abordagem quantitativa, quanto qualitativa, pois quantificamos os dados coletados os transformando em números, como também buscamos compreender o grupo pesquisado, tentando identificar o porquê do aspecto característico na variedade linguística por eles utilizada. Segundo Fonseca (2002) *apud* Silveira e Córdova (2009) é comum a utilização de ambas abordagens em uma mesma pesquisa e essa “utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente”.

Com relação à natureza, nossa pesquisa pode ser definida como básica, já que nossa finalidade, com este estudo é somente trazer conhecimentos novos, não tendo interesse em aplicá-la na solução de algum problema.

Quanto aos objetivos, assumimos a perspectiva descritiva e explicativa, como já dissemos, na pesquisa explicativa busca-se identificar fatores condicionantes para a existência

de determinados fenômenos, mostrando o porquê de eles ocorrerem, ao passo que a descritiva procura conhecer tais fenômenos, por meio do registro e descrição dos fatos observados. Desse modo, procuramos aqui explicar o porquê de os moradores de Baixio substituírem o possessivo *nosso* pela expressão *de nós*, e para tal será necessário que se faça a descrição dos dados obtidos.

E em relação aos procedimentos adotados, nossa pesquisa se caracteriza como uma pesquisa de campo, que será detalhada na seção seguinte, feita para obtenção de dados junto aos moradores da comunidade pesquisada.

3.1. Procedimentos da Pesquisa de Campo

Essa pesquisa mostra fatos que retratam a diversidade linguística, dessa forma precisamos adotar uma metodologia que abandone exemplos levantados pela intuição, passando assim a se basear em fatos concretos alcançados por meio de uma pesquisa de campo. Por ser uma pesquisa que se situa no campo da Sociolinguística, adotamos uma metodologia que tem por base os pressupostos metodológicos de Labov (2008), que foi o precursor da pesquisa sociolinguística e Tarallo (2003), que nos traz uma metodologia baseada nas ideias de Labov.

3.1.1. A Comunidade de Pesquisa

Um primeiro passo para esse tipo de pesquisa é a caracterização da comunidade pesquisada. A pesquisa foi realizada em Baixio, uma pequena comunidade de São José do Piauí, a comunidade fica localizada a aproximadamente 02 quilômetros da sede do município, e a 38 quilômetros de Picos, que é considerada uma das mais desenvolvidas, socialmente e culturalmente, do Estado do Piauí.

Segundo dados da Secretaria de Saúde da cidade de São José do Piauí-PI, o povoado Baixio é composto por cerca de 700 habitantes. Esses habitantes têm como principais meios de subsistência atividades relacionadas à agricultura e pecuária, e a pequenos pontos comerciais.

3.1.2. Caracterização dos Informantes

Após a escolha da comunidade, passamos à escolha dos informantes. Foram entrevistados 32 informantes, que são pessoas que nasceram e vivem na comunidade e que não se ausentaram de lá por período igual ou superior a 05 anos.

Nosso foco principal é as variáveis *faixa etária*, *escolaridade* e *gênero*, assim coletamos a fala de pessoas de ambos os gêneros, de diferentes faixas etárias, assim como com diferentes graus de escolaridade, fazendo o entrecruzamento entre esses três fatores. Nossa intenção inicial

era formar grupos de 08 (oito) informantes, agrupados em cinco células diferentes, de modo que ficassem assim agrupados:

TABELA 03: Quadro dos Informantes com a Variável Escolaridade

CÉLULA	ESCOLARIZADO	SEXO	NÃO ESCOLARIZADO	SEXO
I – 16 a 25 anos	4 informantes	2 homens	4 informantes	2 homens
		2 mulheres		2 mulheres
II – 26 a 40 anos	4 informantes	2 homens	4 informantes	2 homens
		2 mulheres		2 mulheres
III – 41 a 59 anos	4 informantes	2 homens	4 informantes	2 homens
		2 mulheres		2 mulheres
IV – acima de 60 anos	4 informantes	2 homens	4 informantes	2 homens
		2 mulheres		2 mulheres

Fonte: do autor

No entanto, tivemos dificuldades com relação a variável social *escolaridade*. Devido a uma cobrança mais severa por parte das instituições compromissadas com o desenvolvimento das crianças e jovens – como o conselho tutelar, por exemplo – que exigem que as crianças estejam matriculadas e frequentem a escola, bem como o surgimento de alguns programas sociais, como o Bolsa Família, que exigem um compromisso da família com a escolarização das crianças e jovens, não encontramos pessoas das faixas etárias mais jovens que não fossem escolarizados ou que não frequentassem a escola.

O contato com a comunidade Baixio, bem como com os seus moradores, também nos fizeram perceber que a comunidade de pesquisa é formada, em sua maioria, por pessoas humildes, que não dispõem de muitos recursos materiais, detectamos ainda que muitos dos seus habitantes já enfrentaram muitas dificuldades financeiras. Desse modo, assim como não encontramos informantes não escolarizados ou que não frequentassem a escola nas faixas etárias mais jovens, não encontramos informantes com alto nível de escolaridade nas últimas células, e ainda alguns que encontramos com um mínimo que fosse de escolaridade, não foram suficientes para dividir a célula entre escolarizados e não escolarizados. Isso ocorre porque, como relatado pelos próprios habitantes, antigamente, no período em que era para eles frequentarem a escola, eram tempos “difíceis”, e predominava o regime de ensino particular, em que algumas famílias se reuniam e pagavam a um professor para dispor de aulas por pequenos períodos, nas residências das famílias dos alunos, como a maior parte da população não dispunha de recursos para tal, poucos idosos que vivem na comunidade atualmente possui um pouco que seja de escolaridade.

Assim, como acreditamos que a variável escolaridade pode ser um importante fator condicionante para o uso da expressão *de nós* substituindo o possessivo *nosso* na variedade linguística utilizada pelos moradores da comunidade Baixio, pensamos em fazer o contraponto entre informantes escolarizados e informantes não escolarizados comparando a Célula II, que é constituída apenas de informantes escolarizados, com a Célula V, cujos informantes são em sua maioria não escolarizados. A célula I também é composta apenas de informantes escolarizados, no entanto, como os informantes dela compreende indivíduos com idade entre 06 e 15 anos de idade, nela temos informantes que estão há pouco tempo frequentando à escola, assim, a escolaridade pode ainda não ter influência no modo de falar desses indivíduos.

Desse modo, os informantes ficaram agrupados ainda em 5 células, levando-se em consideração a idade e o sexo:

TABELA 04: Quadro dos Informantes sem a Variável Escolaridade

CÉLULA/SEXO	MASCULINO	FEMININO
I – 16 a 25 anos	4 informantes	4 informantes
II – 26 a 40 anos	4 informantes	4 informantes
III – 41 a 59 anos	4 informantes	4 informantes
IV – acima de 60 anos	4 informantes	4 informantes

Fonte: do autor

E com relação à escolaridade contrapomos: Célula II: Informantes escolarizados x Célula V: Informantes não escolarizados.

3.1.3. Instrumentos da Pesquisa e coleta de dados

Definida a comunidade de pesquisa e os informantes participantes, passamos a coleta dos dados, para tal fizemos uso de entrevista. Segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 195) “a entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”. Ainda segundo as autoras, a entrevista pode ser de três tipos: *padronizada* ou *estruturada*, em que o entrevistador segue fielmente um roteiro, as perguntas são pré-determinadas, e o entrevistador não pode adequar suas perguntas a determinadas situações, nem alterar a ordem ou fazer perguntas que não estejam no roteiro; *despadronizada* ou *não-estruturada*, em que o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação do modo que ele julgue adequado,

geralmente, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversa informal, e o entrevistado dispõe de liberdade para expressar suas opiniões e sentimentos, ao passo que o entrevistador incentiva o entrevistado a falar cada vez mais; e por fim, tem a pesquisa *painel*, quando se repete perguntas, de tempo em tempo, aos mesmos entrevistados, para se observar a evolução de opiniões em períodos curtos de tempo.

Como na pesquisa que tem por objeto a língua(gem) é interessante que o informante se sinta à vontade para falar e deve-se buscar isso a todo momento, seguimos os pressupostos da entrevista não-estruturada, no momento que fizemos uso do roteiro de entrevista foi com finalidade apenas de guiar nosso caminho, mas não nos prendemos totalmente a ele. Assim, passamos à constituição do *Corpus* da nossa pesquisa, que foi realizada por meio de gravações da fala dos informantes que foram previamente selecionados. Essas gravações foram feitas individualmente, na moradia dos próprios informantes ou em local por eles indicado, e para a coleta foi utilizado o aplicativo gravador de voz, disponível para Android.

Algo recomendado para toda pesquisa que parte de gravações da fala é que busquemos tornar o momento da coleta de dados o mais natural possível, para que o descuido com o modo de falar seja provocado, e assim se alcance o vernáculo (TARALLO 2003; LABOV, 2008). É este vernáculo, a língua falada, que Tarallo (2003, p. 19) diz ser o objeto de estudos da sociolinguística, vejamos como ele o define:

O veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face [...] é a enunciação e expressão de fatos, proposições, ideias (o que) sem a preocupação de como enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao como da enunciação.

Desse modo, para obtermos o *Corpus* fizemos a coleta dos dados em duas etapas. Em um primeiro momento, procuramos gravar situações mais naturais de comunicação, conversas espontâneas do informante, a fim de alcançarmos a língua em seu modo mais natural possível.

Outro método que utilizamos para coletar dados mais naturais foi pedir para que os informantes relatassem histórias, fizessem narrativas, preferencialmente narrativas de experiências envolventes ou vivenciadas por eles, tendo em vista que o envolvimento emocional provoca um cuidado menor com a língua, que é o que devia ser buscado a todo o momento durante a gravação (TARALLO 2003; LABOV 2008).

Ao procedermos dessa forma, na primeira etapa conseguimos dois estilos da língua dos falantes da comunidade de Baixio – a fala espontânea e a fala casual. Labov (2008) diz que a fala casual é a fala cotidiana usada em situações informais, em que não há atenção dirigida à

linguagem. Já a fala espontânea é o padrão usado na fala excitada, carregada de emoção, sem os constrangimentos de uma situação formal.

Em um segundo momento, buscamos obter dados utilizando o método de entrevista. Essa etapa da pesquisa foi direcionada, assim, procuramos fazer perguntas que levassem os entrevistados a usar o pronome possessivo, como “*De quem é essa casa que vocês moram?*”, para que soubéssemos quais deles usam o possessivo *nosso* e quais utilizam a expressão *de nós*. Embora fizéssemos uso do roteiro de perguntas, procuramos fazer com que os informantes se sentissem à vontade para falar, afim de que a tensão do momento não interferisse de modo significativo na forma como eles falavam.

Tivemos a preocupação ainda de garantir que o nosso contato com os informantes se desse por meio de terceiros, que eram pessoas pertencentes e conhecidas na comunidade. Isso para que, os informantes se sentissem menos inseguros mediante a nossa presença.

3.1.4. Análise dos Dados

O nosso objeto de estudos na presente pesquisa é a variação do pronome possessivo *nosso* em concorrência com a expressão *de nós* na comunidade Baixio, em São José do Piauí-PI. Para procedermos a análise de tal fenômeno variável, elegemos como categoria de análise a ocorrência de *de nós* ocasionada em função da idade; a mesma ocorrência decorrente de fatores escolares; e ainda a presença da expressão na fala dos informantes em função do sexo/gênero.

Sintaticamente, a expressão *de nós*, que constitui locução adjetiva, pode exercer a função de: partitivo, como em: *Nenhum de nós foi reprovado*; complemento nominal: *Mamãe estava com saudade de nós*; objeto indireto: *Quando nossa mãe ia sair, ela deixava uma tia cuidando de nós*; modificador: *Os pais de nós são bem rígidos*; ou ainda como predicativo do sujeito: *Essa casa é de nós*. Quando usada exercendo as três primeiras funções sintáticas, a expressão *de nós* é aceita na norma culta e usada pela maioria dos falantes brasileiros. No entanto, quando usada exercendo a função de modificador ou predicativo do sujeito, a expressão é usada por poucos falantes e foge à norma culta, logo se torna uma marca na fala de quem a utiliza. Assim, é importante que durante a análise procuremos identificar o contexto gramatical em que a expressão *de nós* aparece na fala dos informantes, procurando saber qual a função sintática exercida pela expressão.

Além disso, ainda sobre os elementos de natureza sintática, levamos em consideração a ordem dos elementos dentro das sentenças por nós analisadas. Mais precisamente,

consideramos as posições de anteposição ou posposição da variante em relação ao elemento na oração ao qual ela está relacionada sintaticamente.

Ainda envolvendo a questão sintática, o paralelismo formal tem se mostrado um aspecto relevante a se considerar em pesquisas do tipo, é o caso dos trabalhos de Ramos, Bezerra e Rocha (2009), Silva V. (1998) e Vitório (2016). Por essa razão, o levamos em consideração na análise dos dados coletados em Baixio.

4. A EXPRESSÃO DE NÓS NA COMUNIDADE BAIXIO

Neste capítulo trazemos a análise dos dados obtidos na comunidade Baixio, por meio da gravação da fala de 32 informantes. Já durante a coleta de dados, foi possível identificar não apenas duas formas de realização da noção de posse pela comunidade – pela expressão *de nós* e pelo possessivo *nosso* – que eram as formas mais evidentes, mas identificamos uma terceira pelo uso do *da gente*, que acreditamos ter tido origem com a inserção do *a gente* no quadro dos pronomes pessoais do português brasileiro, fato discutido anteriormente. Assim, analisando a forma como os moradores de Baixio realizam a noção de posse encontramos três variantes em concorrência: a expressão *de nós*, o possessivo *nosso* e a expressão *da gente*.

4.1. A Expressão *de nós* e a Variável Faixa Etária

Dentre os fatores que são considerados relevantes para um estudo sociolinguístico encontra-se a *faixa etária*. Como assinala Bagno (2017, p. 197), “a idade de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos é uma das variáveis mais significativas para o estudo da mudança linguística”. Isso porque,

o estudo da idade com relação à língua, particularmente o estudo da variação sociolinguística, repousa na intersecção de fase da vida e história. O falante individual ou o grupo etário de falantes em qualquer dado momento representa simultaneamente um lugar na história e uma fase da vida. A estratificação etária das variáveis linguísticas, portanto, pode refletir a mudança na fala da comunidade à medida que ela se move através do tempo (mudança histórica) e a mudança na fala do indivíduo à medida que se move através da vida (progressão etária) (PENELOPE ECKERT, 2007, p. 151 apud BAGNO, 2017, p. 197).

Alkmim (2012, p. 38) cita algumas questões que diferenciam a variedade linguística utilizada pelos jovens da utilizada pelas pessoas mais idosas: o uso de certas gírias denota faixa etária jovem; o uso de pronome *tu* em situações de interação entre iguais também sugere que

os falantes são jovens; a pronúncia fechada da vogal tônica posterior da palavra *senhora* [se'noɾɐ], em lugar de [se'noɾe], é característica de alguns falantes mais velhos.

Assim, ao ouvir uma conversa entre pessoas de diferentes faixas etárias, é possível perceber a mudança no modo de falar de acordo com a idade. Outra diferença que se pode perceber entre a variedade linguística utilizada pelos jovens e a utilizada pelos idosos é a de que formas antigas da língua ocorrem com uma maior frequência na fala das pessoas idosas, enquanto os jovens dificilmente usam tais formas. Com base na Linguística Histórica isso ocorre porque “[...] os elementos linguísticos inovadores ocorrem com frequência menor na fala das gerações mais velhas [...]” (FARACO, 2005, p. 23).

Além da resistência à inovação por parte das pessoas mais idosas, outro fator que influencia na variação linguística por conta da variável faixa etária é o fato de as pessoas mais velhas exibirem o modo de falar que adquiriram há muitos anos, como dito anteriormente. Quando tratamos da *Variação Diacrônica*, assim, por mais que a língua evolua e se modifique, as pessoas continuam a falar de uma forma muito parecida com a que falavam quando eram jovens. Como assinala Monteiro (2000, p. 132), “[...] Os estudos das variações ligadas à variável faixa etária costumam denunciar a idade dos fenômenos linguísticos. Em termos gerais, segundo se supõe, cada geração exibe a norma adquirida durante sua adolescência”.

É válido ressaltar que para determinar que uma variação linguística é condicionada pela faixa etária dos falantes, é necessário certo cuidado, pois “não é difícil perceber que a linguagem dos idosos, em virtude de conservar traços que já evoluíram, difere bastante da dos jovens” (MONTEIRO, 2000, p. 51), mas essas diferenças podem ter influências de outras variáveis, que associadas à faixa etária fazem surgir essas variantes. Labov (1972) *apud* Monteiro (2000, p. 51) fala sobre essa questão, dizendo que

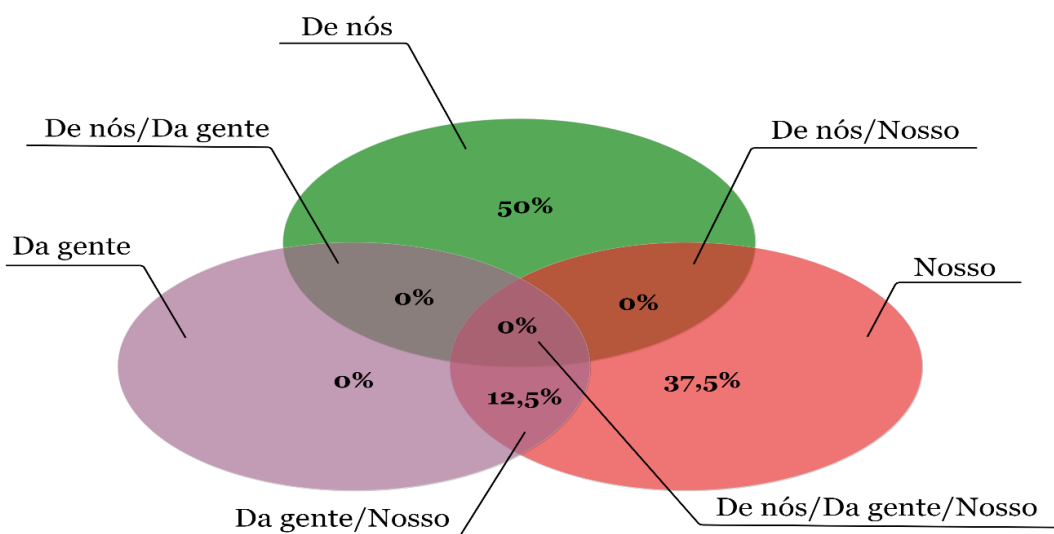
a diferença entre as faixas etárias pode ser fictícia, se se leva em conta que os grupos mais jovens se distinguem dos mais idosos em função de outras variáveis que não seja a simples passagem do tempo. Um grupo pode ter uma educação mais completa e melhores perspectivas, precisamente como resultado lógico do movimento ascendente experimentado pelas sucessivas gerações. E assim o que parece devido à faixa etária termina sendo condicionado por outros fatores.

Mesmo sendo um fenômeno de variação que seja condicionado por outros fatores associados à *faixa etária*, fato é que essa variável social, muitas das vezes, é um dos fatores determinantes de um estudo sociolinguístico, por este motivo, é aqui levada em consideração por nós.

Como descrevemos anteriormente nos procedimentos metodológicos, agrupamos os informantes em quatro células, levando-se em consideração a faixa etária. Desse modo, trabalhamos com 4 faixas etárias: a CÉLULA I é composta de informantes jovens, com idade entre 16 e 25 anos; a CÉLULA II de 26 a 40 anos; a CÉLULA III de 41 a 59 anos; e a CÉLULA IV acima de 60 anos.

No que diz respeito à CÉLULA I, chegamos ao seguinte resultado:

FIGURA 01: Distribuição das variantes *de nós*, *nosso* e *da gente* pela faixa etária 16-25 anos



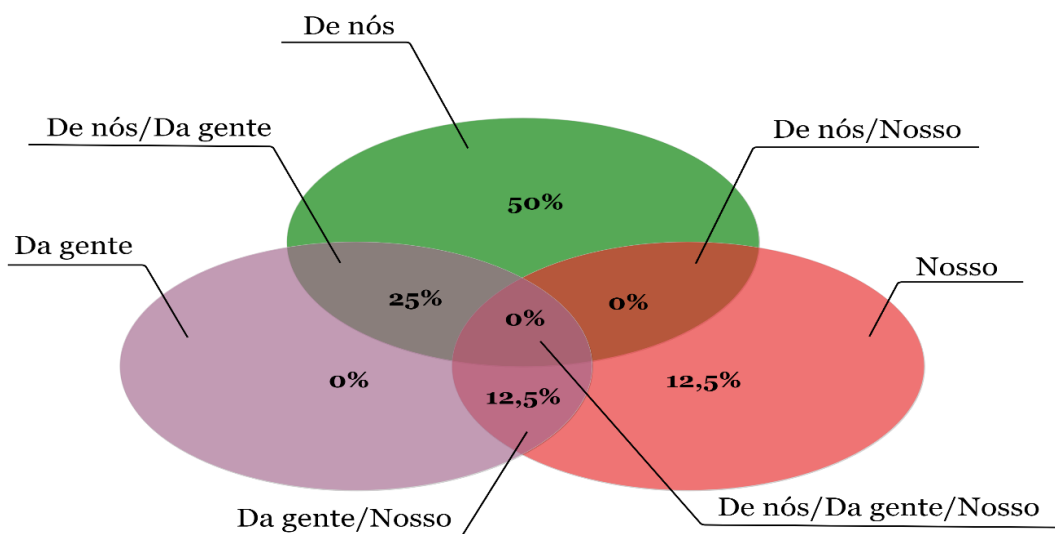
Fonte: do autor.

Como é possível ver no gráfico, no grupo em questão, a expressão *de nós* tem um uso mais amplo, em se comparando com as outras duas formas – *da gente* e *nosso* – já que é utilizada por metade dos informantes com idade entre 16 e 25 anos. Em um lugar que podemos ver em uma posição de competição com a expressão *de nós* encontramos o possessivo *nosso*, usado por 37,5% dos informantes, mas ainda com um número menos expressivo que o *de nós*. Além disso, como descrevemos na seção em que abordamos o sistema pronominal do português brasileiro, com a inserção do *a gente* no quadro dos pronomes pessoais (pronomes sujeitos), no quadro dos possessivos foi inserido o *da gente*, mas no grupo pesquisado, este só aparece combinado com o *nosso*, 12,5 % dos informantes com idade entre 16 e 25 anos utilizam *da gente* em concorrência com o *nosso*, de modo que durante a entrevista, esse número de informantes ora utilizava uma forma, ora outra.

Esses dados mostram que mesmo havendo três possibilidades para a realização da noção de posse, no grupo em questão, a expressão *de nós* se sobressai em relação as outras duas formas, e que uma concorrência ainda pode ser vista entre o possessivo e a expressão *de nós*, pois são as duas variantes que possuem um número ainda expressivo de realização. Já a variante *da gente* se apresenta na variedade utilizada pelos informantes da CÉLULA I em uma situação de concorrência e coocorrência com o possessivo *nosso*.

A CÉLULA II é composta por informantes com idade entre 26 e 40 anos. Este grupo, com relação a alguns usos, possui um comportamento semelhante ao que mostramos anteriormente, de modo que os resultados alcançados, em alguns casos, se assemelham aos dados da CÉLULA I. Vejamos:

FIGURA 02: Distribuição das variantes *de nós*, *nosso* e *da gente* pela faixa etária 26-40 anos



Fonte: do autor.

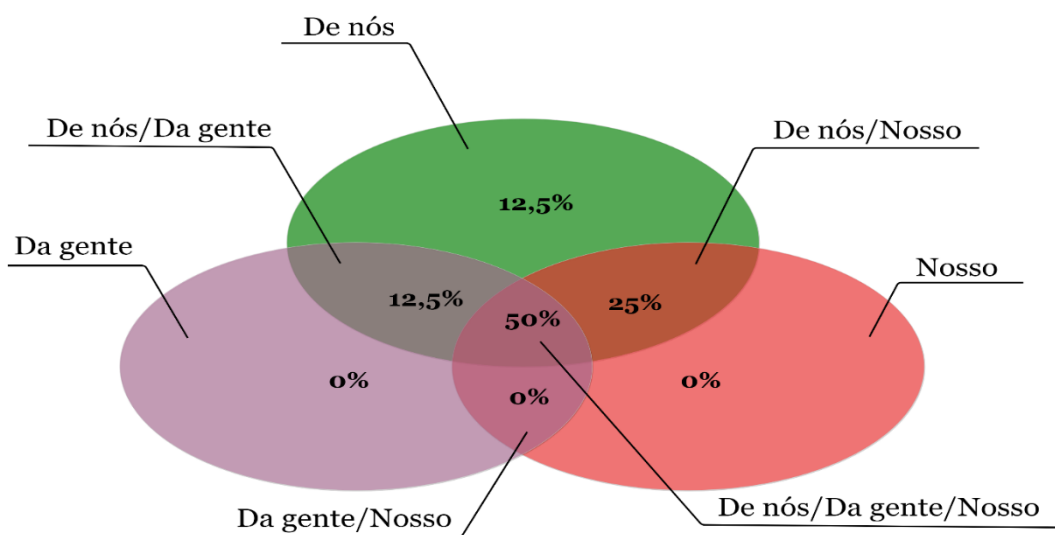
Assim como na CÉLULA I, na CÉLULA II, metade dos informantes entrevistados utilizam a expressão *de nós* para realização da noção de posse. No entanto, o uso do possessivo *nosso* caiu em relação aos informantes da CÉLULA I, apenas 12,5% dos informantes do grupo em questão utilizam essa variante. O uso do sintagma preposicionado *da gente* teve uma realização mais expressiva do que no grupo anteriormente descrito, embora, assim como anteriormente, esse uso se dê em relação de concorrência e coocorrência com outras variantes, 12,5% dos informantes utilizam o *da gente* alternando com o *nosso*, e 25% o utilizam alternando com a expressão *de nós*.

Diferentemente dos resultados obtidos no grupo que compreendia informantes com idade entre 16 e 25 anos, em que a concorrência estava centrada entre a expressão *de nós* e o possessivo *nosso*, neste grupo, o *nosso* perde espaço para o *da gente*, que aparece sendo utilizado alternadamente com o *nosso* e o *de nós*. Os resultados desse grupo de informantes mostraram ainda um quadro mais diversificados do modo de se realizar a noção de posse do que o grupo da CÉLULA I.

É válido ressaltar ainda que do grupo pesquisado, 50% utiliza a expressão *de nós* para a realização da noção de posse, e que esse número representa quem apenas utiliza essa forma, isolada. Se levarmos em consideração todos os informantes que utilizam o *de nós*, independente desse uso ser isolado ou combinado com uma das outras variantes, esse número sobe para 75%, já que 50% utiliza apenas o *de nós* e 25% utiliza *de nós* alternando com o *da gente*.

Com relação à CÉLULA III, ela é composta de informantes com idade entre 41 e 59 anos, os resultados obtidos mostram que os informantes dessa faixa etária fazem usos mais diversificados para transmitir a noção de posse, como podemos ver no gráfico a seguir:

FIGURA 03: Distribuição das variantes *de nós*, *nosso* e *da gente* pela faixa etária 41-59 anos



Fonte: do autor.

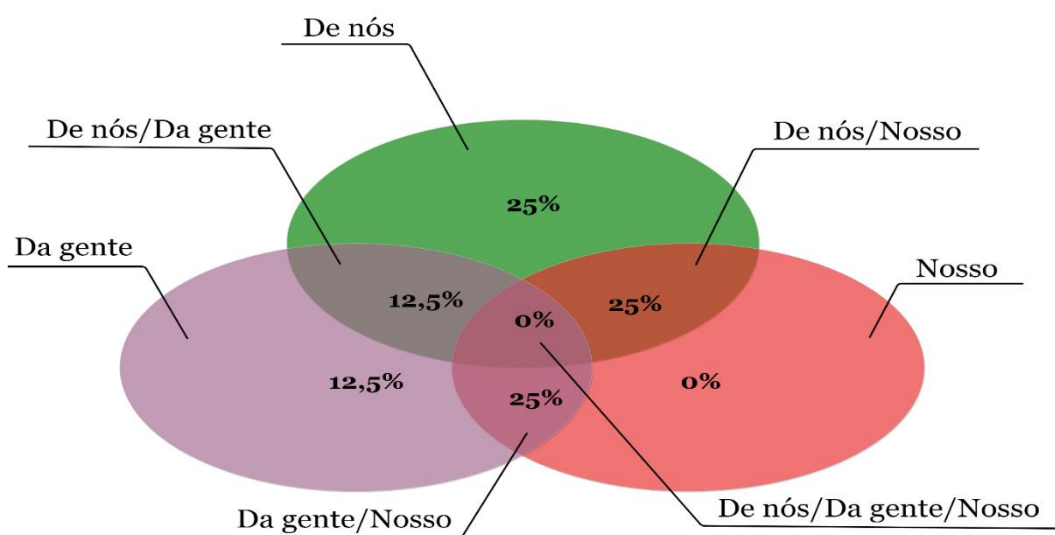
Em se comparando com as duas faixas etárias anteriormente apresentadas, nesta célula o uso do *de nós* é menor, apenas 12,5% dos informantes o utilizam. Por outro lado, não há usos do possessivo *nosso*, nem do sintagma preposicionado *da gente*, de modo isolado de outras formas, pois quem utiliza o possessivo *nosso*, 25% dos informantes, o utiliza alternando com a

expressão *de nós*. Do mesmo modo, quem utiliza *da gente*, 12,5% dos entrevistados, utiliza também alternando com a expressão *de nós*. Constitui um número expressivo os informantes que utilizam as três formas de realização da noção de posse, assim, 50% dos informantes utilizam tanto a expressão *de nós*, como utilizam o *da gente* e o possessivo *nosso*.

Fato interessante é que, embora a expressão *de nós* seja utilizada por um número menor de informantes, em se comparando com as duas outras faixas etárias, esse número é pequeno se se observar quem utiliza apenas a expressão sem alternar com alguma das duas outras variantes, assim 12,5% dos informantes utilizaram apenas *de nós*. No entanto, se levarmos em consideração que todos os informantes que utilizam alguma das duas outras variantes a utilizam alternando com a expressão *de nós*, chegamos ao resultado de que todos os informantes entrevistados com idade entre 41 e 59 anos, 100% da célula, utilizam a expressão *de nós*, embora desse número, 87,5% a utilize alternando com o *nosso* ou o *da gente*, e ainda há quem alterne com as outras duas formas, *nosso* e *da gente*.

A CÉLULA IV é formada por informantes idosos. Assim, para compor esta célula, entrevistamos informantes com idade superior a 60 anos.

FIGURA 04: Distribuição das variantes *de nós*, *nosso* e *da gente* pela faixa etária acima de 60 anos



Fonte: do autor.

De todas as células, a CÉLULA IV, que compreende a faixa etária mais alta, é a mais diversificada. Há informantes que utilizam apenas a expressão *de nós*, 25% dos informantes. O

pronome *nosso*, utilizado de modo isolado, não aparece no grupo em questão. Já o *da gente* aparece sendo usado por 12,5% dos informantes, isso analisando o seu uso isolado das outras duas variantes. Já analisando os usos do pronome *nosso*, da expressão *de nós* e do *da gente*, alternando entre si, 25% dos informantes utilizam *nosso* alternando com o *da gente*. O *da gente* ainda aparece na fala de 12,5% dos informantes alternando com o *de nós*. E ainda alternando também com o *de nós*, temos o pronome *nosso*, que não aparece sendo usado de modo isolado, mas corresponde a 25% da amostra quando se trata de usos alternados.

Assim como nas outras células, a porcentagem do uso da expressão *de nós* – 25% – diz respeito ao número de informantes que fazem uso da expressão de modo isolado das outras variantes, se levarmos em consideração o número de informantes que utilizam a expressão *de nós*, independentemente desse uso ser isolado ou alternando com as formas *nosso* ou *da gente*, esse número sobe para 62%. Assim, entre os informantes com idade acima de 60 anos, 25% utilizam a expressão *de nós*, e apenas ela, mas 62% faz uso da expressão *de nós*, embora desses 62%, 37,5% a utilizem alternando com o *nosso* ou com o *da gente*.

Assim, no que diz respeito à variável *faixa etária*, chegamos a alguns pontos, que merecem ser elencados: quanto mais jovem o falante, mais a presença da expressão *de nós* é constante em sua variedade linguística – isso levando em consideração o uso da expressão isolada das outras duas variantes. Como vimos, dos falantes com idade entre 16 e 25 anos e dos com idade entre 26 e 40, 50% fazem uso da expressão *de nós*, número esse que cai para 12,5% entre os falantes com idade entre 41 e 59 anos, e para 25% entre os com idade superior a 60 anos.

Essa é uma questão que é reforçada se levarmos em consideração a variedade linguística utilizada por crianças da comunidade. Durante a coleta de dados, ouvimos e coletamos a fala também de 08 (oito) crianças que moram em Baixio, no entanto, por não ser recomendado o uso da fala de crianças em pesquisas sociolinguísticas, estas não foram contabilizadas como informantes. De qualquer forma, a coleta da fala das crianças evidencia o que afirmamos anteriormente, quanto mais jovem, mais o falante faz uso da expressão *de nós* para transmitir a noção de posse, já que das crianças com idade entre 06 e 15 anos, 75% fazem uso da expressão *de nós*.

Assim como a expressão *de nós*, o uso do pronome possessivo *nosso* é favorecido entre os falantes mais jovens, este aparece sendo utilizado de modo isolado das duas outras variantes entre os falantes com idade entre 16 e 25 e entre os com idade entre 26 e 40 anos. Entre os

falantes das duas outras faixas etárias, o pronome *nosso* só aparece sendo usado alternando com a forma *da gente*, com a forma *de nós*, ou ainda com ambas. Esse fato pode indicar que está havendo uma mudança em progresso, em que o pronome possessivo *nosso* está ganhando espaço na variedade linguística utilizada em Baixio.

A presença do *da gente* é a que é menos expressiva na variedade linguística utilizada pelos falantes de Baixio, geralmente, ele só aparece em situações em que o falante alterna entre ele e uma das duas outras formas – *de nós* ou o *nosso*. E, embora seja uma forma inovadora, só aparece sendo empregada de modo isolado das duas outras possibilidades de transmitir a noção de posse entre os falantes com idade acima de 60 anos. Por ser uma forma inovadora, acreditávamos que sua presença seria bem mais constante entre os falantes mais jovens, pois, geralmente, é entre a fala dos jovens que os elementos inovadores aparecem com maior frequência, mas, como vimos nos gráficos, os falantes mais jovens são os que menos fazem uso da forma *da gente*, e sendo usada sem que seja alternando com o *de nós* ou o *nosso*, ela só aparece entre os falantes com idade superior a 60 anos.

Outro ponto que merece destaque é que, de modo isolado ou combinadas entre si, os falantes de Baixio têm 07 (sete) possibilidades de formas de expressão para transmitir a noção de posse. Os dados coletados e analisados mostram que, quanto mais jovem, menos diversificados são os usos que ele faz dessas combinações, ao passo que, quanto mais velhos, mais diversificados são essas formas. Este é um ponto que nos chamou a atenção. Como vimos nos gráficos, os falantes com idade entre 16 e 25 anos utilizam 03 (três) das 07 (sete) possibilidades: eles utilizam *de nós*, *nosso* ou *da gente/nosso*. Os falantes com idade entre 26 e 40 anos e os com idade entre 41 e 59 anos utilizam 04 (quatro) possibilidades: os primeiros usam *de nós*, *nosso*, *da gente/nosso* ou *de nós/da gente*, já os segundos usam *de nós*, *de nós/nosso*, *de nós/da gente/nosso* ou *de nós/da gente*. Já o grupo de falantes idosos, com idade acima de 60 anos, utiliza 05 (cinco) das 07 (sete) possibilidades que eles têm para realizar a noção de posse: *de nós*, *de nós/nosso*, *da gente/nosso*, *da gente* e *de nós/da gente*.

Acreditamos que esse fato citado anteriormente, o de que, no que diz respeito aos falantes de Baixio, quanto mais velho mais o falante diversifica o modo de transmitir a noção de posse, ocorra pelo fato de que os falantes mais velhos tiveram mais contato com outras pessoas de fora da comunidade e, conseqüentemente, mais contato com outras variedades linguísticas. Assim, esse contato possibilitou que esses falantes adquirissem uma variedade linguística mais diversificada que os falantes mais jovens. Fato que é, inclusive, enfatizado em

Naro (2003), quando este afirma que o sistema linguístico do indivíduo muda ao longo do tempo, e que essa mudança é provocada por forças externas, principalmente os efeitos do mercado de trabalho.

Além disso, Labov (1964) *apud* Camacho (2013, p. 76) afirma que a aquisição de uma variedade linguística prestigiada pode ser entendida como um processo de conformidade gradual do indivíduo com a modalidade de linguagem empregada por falantes adultos do mesmo grupo social. Tal processo se inicia com o “domínio do conjunto essencial das regras gramaticais e do léxico da modalidade falada, em que predomina a influência dos pais, e culmina com o domínio de uma diversidade consistente de registros, perfeitamente adequada às inúmeras situações de interação social”. Essa afirmação serve para reforçar o que afirmamos anteriormente, as crianças de Baixio tendem a fazer mais uso da expressão *de nós* por influência da variedade linguística que os indivíduos ao seu redor utilizam, ao passo que a idade aumenta, os usos da expressão *de nós* vai diminuindo, pois o falante vai dominando formas linguísticas que fazem parte de outras variedades linguísticas, por isso o motivo de que, quanto mais velho, mais diversificado é o modo que os falantes da comunidade expressam a noção de posse do possessivo de primeira pessoa do plural.

4.2. A Expressão *de nós* e a Variável Sexo/Gênero

Anteriormente, quando tratamos sobre os tipos de variação linguística, mais precisamente, quando tratamos sobre a variação diastrática, citamos um exemplo de diferenciação de variedades linguísticas decorrentes do sexo/gênero, o emprego de palavras no diminutivo por mulheres (ALKMIM, 2012). Dessa forma, outro importante aspecto social que geralmente é levado em consideração em estudos sociolinguísticos é a variável sexo/gênero.

Monteiro (2000) denomina de bioleto a variedade linguística que ocorre em função da idade ou de atributos biológicos do falante, o primeiro denomina-se etoleto, o segundo sexoleto. No que diz respeito ao segundo, o autor diz não ser difícil encontrar traços que diferenciam a forma como homens e mulheres utilizam a mesma língua, e fala a respeito de pesquisas sobre o inglês e o português que comprovaram, por exemplo, que as mulheres utilizam uma linguagem mais cuidada que a dos homens. Sobre esse assunto, Labov (2008) afirma que é tendência as mulheres procurarem evitar as construções estigmatizadas e privilegiarem as formas de prestígio.

No entanto, as características que diferenciam a linguagem empregada pelos homens da empregada pelas mulheres podem ser provocadas por outros fatores que vão além do fator puramente biológico, pois é

pouco provável que o sexo como fator biológico seja causa das divergências que se costumam analisar. Ao que tudo indica, a linguagem feminina é diferente da masculina muito mais em função de fatores sociais do que de características puramente biológicas. Assim, por exemplo, se é verdade que as mulheres empregam com maior frequência as formas diminutivas, isto se deve a elementos de ordem cultural, já que as regras estabelecidas pela sociedade determinam que as mulheres sejam delicadas e meigas ou até submissas. Nada tem a ver, por conseguinte, com atributos de ordem biológica. (MONTEIRO, 2000, p. 46)

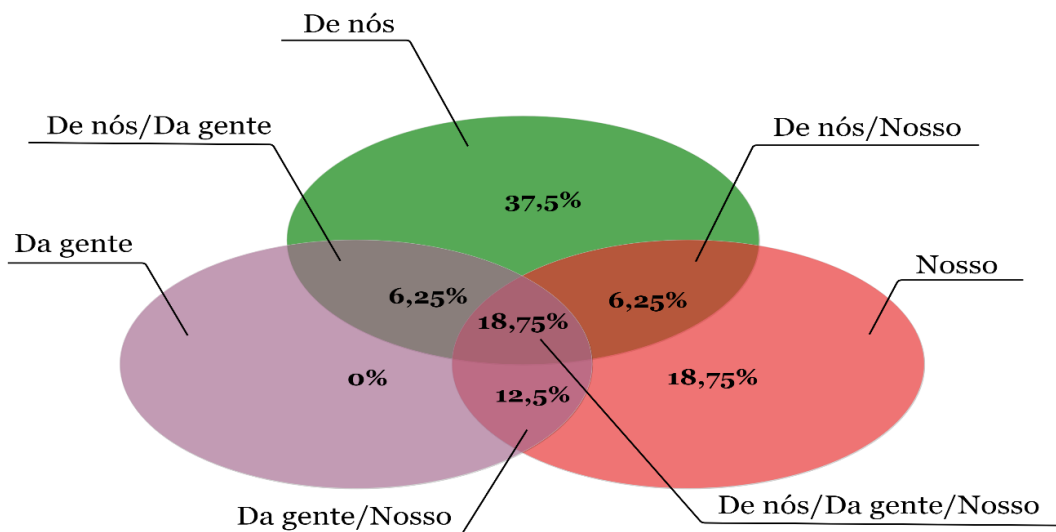
É desta forma que, segundo Bagno (2017, p. 151), o termo gênero passou a ser empregado substituindo o termo sexo, pois aquele destaca os aspectos culturais, psicológicos, ideológicos e socialmente construídos, de modo que os diferencia dos componentes puramente biológicos. Assim, o “gênero é um agrupamento social ou um aspecto da identidade social e tem atraído cada vez mais interesse na sociolinguística e em áreas correlatas”.

Seguindo essa mesma perspectiva, é que Freitag e Lima (2010, p. 75) dizem que sendo o

gênero uma construção social, a língua também se molda às dicotomias. Desde cedo, os pais falam de modo diferente aos filhos: às meninas, com doçura e diminutivos: bonitinha, fofinha, delicada; aos meninos, com ênfase e exaltação: forte, esperto, rápido. Na vida adulta, os estudos sociolinguísticos apontam que homens e mulheres têm diferenças (mais ou menos sutis) em seu falar. Em função de seu papel social de exemplo na educação dos filhos, as mulheres tendem a preferir o uso de variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente, bem como são mais sensíveis ao prestígio social das formas linguísticas. Já quando as variantes são desprestigiadas, as mulheres assumem uma atitude conservadora; homens tendem a liderar a mudança.

Dessa forma, o fator sexo/gênero demonstra ter influência na escolha das formas linguísticas utilizadas por homens e mulheres, passando a ser considerado importante para os estudos sociolinguísticos. No que diz respeito ao fenômeno de variação presente na comunidade Baixo e por nós estudado, chegamos aos seguintes dados, no que se refere aos dados obtidos com informantes do sexo/gênero masculino:

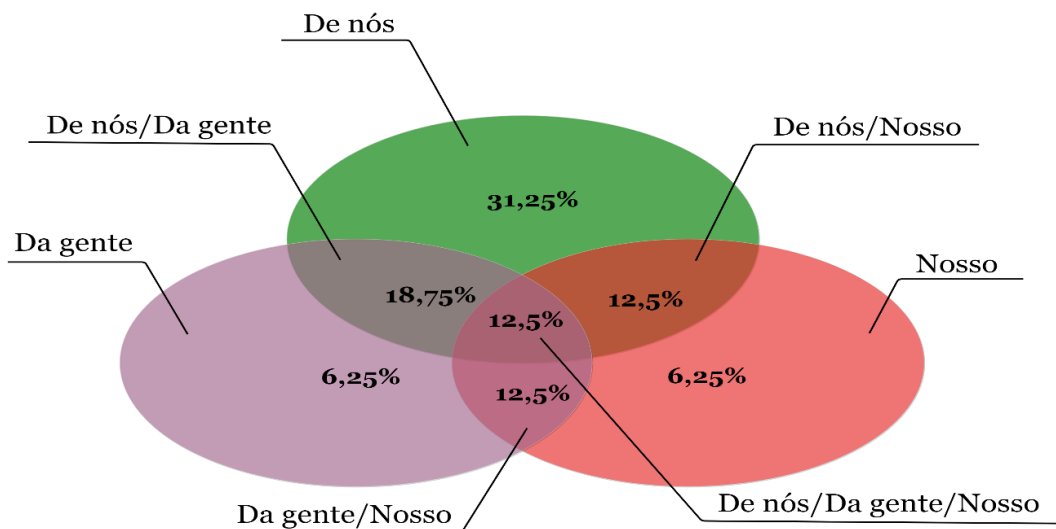
FIGURA 05: Distribuição das variantes *de nós*, *nosso* e *da gente* pelo sexo/gênero masculino



Fonte: do autor.

E os seguintes dados no que se refere aos informantes do sexo/gênero feminino:

FIGURA 06: Distribuição das variantes *de nós*, *nosso* e *da gente* pelo sexo/gênero feminino



Fonte: do autor.

Como podemos ver, o comportamento dos falantes de Baixio, levando-se em consideração a variável sexo/gênero, ante as possibilidades de realização da noção de posse se assemelha em alguns pontos e se distinguem em outros.

Confirmando a ideia de que, diante de formas que não fazem parte do que é tido como padrão ou culto, os homens tendem a usar tais formas com mais frequência que as mulheres, vimos que os homens são responsáveis por um uso maior da expressão *de nós* para transmitir a noção de posse, embora tal diferença não seja tão significativa: cerca de 37,5% dos homens

fazem uso da forma em questão, ao passo que no grupo constituído por mulheres, esse número cai para 31,25%.

Com relação a forma *da gente*, segundo estudos na área da sociolinguística, no que concerne a inserção de formas novas em uma determinada língua/variedade, ou mesmo a substituição de uma variante por outra, o que caracteriza a mudança linguística, a variável sexo/gênero tende a desempenhar um importante papel, pois

no estudo da correlação entre gênero/sexo e mudança linguística, um aspecto a considerar é o valor social da variante inovadora. Um processo de mudança pode ser a instalação de uma forma prestigiada socialmente ou de uma forma estigmatizada, que infringe padrões linguísticos vigentes. A distinção entre esses dois tipos de mudança permite definir com maior clareza o papel da variável gênero/sexo nos processos de mudança. Quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada, como no caso da pronúncia retroflexa em Nova York citado acima, as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança. Ao contrário, quando se trata de implementar uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a liderança do processo. (PAIVA, 2017, p. 36)

Ainda segundo Paiva (2017), em alguns casos, é difícil estabelecer se as mulheres estão realmente indo em direção às formas prestigiadas e os homens às formas estigmatizadas, pois existem processos de variação/mudança linguística em que não se sabe precisar qual variante é prestigiada e qual não é. Como exemplo, podemos citar a variação linguística que envolve o *nós* e *a gente*, que não se sabe qual a variante prestigiada devido ao fato de as duas não estarem sujeitas a uma avaliação social explícita ou exclusão normativa.

Vários estudos realizados acerca da alternância entre *nós/a gente* têm demonstrado que a forma *a gente* já se encontra tão presente no sistema dos pronomes do português brasileiro que, se não em todos os estados, mas em todas as regiões do país ele já é uma realidade. Essa evidência fica mais forte ao vermos o *a gente* aparecer como pronome mesmo nas gramáticas ditas tradicionais, embora essa aparição muitas vezes venha acompanhada de um asterisco ou uma ressalva de que ele faz parte da variedade dita não culta ou não padrão.

Acreditamos que por esse fato, a coexistência/concorrência entre o pronome *nós* e a forma *a gente* não seja objeto de uma avaliação social tão marcada, de modo que não vemos uma avaliação negativa com relação aos falantes que optam pelo uso do *a gente* substituindo o pronome *nós*, isso exercendo a função de sujeito. Dessa forma, talvez por esse mesmo motivo, as mulheres, que muitas vezes são as responsáveis pela inserção de formas novas na língua, desde que estas sejam vistas como prestigiadas, aparecem fazendo um uso mais frequente da forma inovadora, como podemos ver nos dados aqui em análise.

Embora, assim como ao exercer a função de sujeito, com a inserção do *da gente* no quadro dos possessivos não se possa precisar qual das variantes é mais prestigiada, se a inovadora ou o possessivo *nosso*, as mulheres tendem a usar a forma nova com mais frequência que os homens: 6,25% das mulheres fazem uso da forma *da gente*, enquanto que os falantes do gênero/sexo masculino não fazem uso.

É válido ressaltar que esses dados dizem respeito a usos da variante *da gente* isolada de outras formas, quando alternando com algumas das duas outras variantes – *de nós* e *nosso* –, o *da gente*, que não aparece sendo usado de modo isolado nos dados coletados com informantes do sexo/gênero masculino, passa a aparecer, embora essa presença ainda seja menor que nos dados coletados com as mulheres: 37,5% dos homens utilizam o *da gente*, esse uso é alternado com *de nós*, com o *nosso* ou ainda com o *de nós* e o *nosso*, simultaneamente; no que diz respeito aos informantes do sexo/gênero feminino, 50% das informantes fazem uso da forma *da gente*, assim como, entre os homens, esses usos em alguns momentos são alternados com o *de nós*, com o *nosso* ou com o *de nós* e o *nosso* simultaneamente, mas, diferentemente dos homens, existe uma porcentagem das mulheres que faz uso da variante *da gente* sem alternar com as outras duas formas.

Ainda levando em consideração a citação de Paiva (2017), a de que em um processo de mudança linguística, quando a forma a ser implementada é socialmente prestigiada, as mulheres lideram a mudança, mas a mesma é liderada pelos homens quando a variante inovadora é socialmente desprestigiada, podemos dizer que no caso de Baixo, o uso da expressão *de nós* pelos dois grupos supera todas as outras possibilidades de transmissão da noção de posse. No entanto, em um segundo plano, é possível notar que no caso das mulheres, há um processo em que o *da gente* ganha espaço no quadro dos pronomes possessivos à medida que o pronome *nosso* vai caindo em desuso, pois, embora nos usos isolados eles mantenham-se com uma porcentagem igual – cerca de 6,25% –, quando se observa no geral, o uso do *da gente* supera o do *nosso*, fato este que é contrário no caso dos homens, o pronome *nosso* aparece sendo usado com maior frequência do que a forma *da gente*, que nem aparece sendo usada isolada de outras formas.

Ainda podemos notar que há uma diferença no que diz respeito ao número de falantes que fazem uso das três formas linguísticas para transmitir a noção de posse. Cerca de 18,5% dos homens fazem uso das três variantes – *nosso*, *da gente* e *de nós* – ao passo que, no que diz respeito ao grupo de informantes do sexo/gênero feminino, esse número cai para 12,5%.

Anteriormente, quando tratamos da variável faixa etária, fizemos uso de uma afirmação de Naro (2004), segundo o qual, forças externas podem provocar mudanças no sistema linguístico de um indivíduo ao longo do tempo, uma dessas forças diz respeito aos efeitos do mercado de trabalho. No caso de Baixio, as mulheres tendem a desempenhar menos funções relacionadas ao mercado de trabalho que os homens, logo, podemos acreditar que o fato de os dados mostrarem que os homens apresentam um número mais elevado de falantes que utilizam as três variantes pode ser reflexo das funções desempenhadas por eles, que são mais que no caso das mulheres.

Diante disso, é que concordamos com a afirmação de Bagno (2017, p. 133) de que a variável sexo/gênero é uma importante variável que deve ser levada em consideração nos estudos sociolinguísticos, e que “a partir, sobretudo, das investigações de Labov na cidade de Nova York, a variável sexo passou a ser imprescindível em qualquer estudo de tipo sociolinguístico, de modo a se dispor de dados semelhantes para os homens e para as mulheres”.

4.3. A Expressão *de nós* e a Variável Escolaridade

Entre as variáveis extralinguísticas mais importantes para um estudo sociolinguístico está a variável escolaridade, isso porque “a observação do dia a dia confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas” (VOTRE, 2017, p. 51). Ao passo que essa instituição é responsável por mudanças na fala de seus frequentadores, ela também atua como preservadora de formas de prestígio diante de fenômenos de mudança linguística.

Bagno (2017, p. 114) alega a importância da variável escolaridade afirmando que a escola é o “âmbito de uso que tem mais importância num processo de normatização linguística ou de substituição linguística, uma vez que o contato mantido pelo cidadão ali com a língua não é esporádico, mas prolongado e sistemático, além de institucionalizado”. Dessa forma é que compreendemos o porquê da importância de se considerar a escolaridade um dos fatores sociais indispensáveis em um estudo sociolinguístico.

Uma das diferenças causadas pela escolaridade consiste no emprego de formas mais estigmatizadas por aqueles que não possuem escolarização ou a possuem em um baixo nível. Pelo menos no caso da sociedade brasileira,

as maiores diferenças na frequência de emprego das variantes linguísticas mais estigmatizadas se devem, antes de tudo, às diferenças no grau de escolarização dos indivíduos pesquisados. Ao contrário de outras sociedades

em que a classe social, por exemplo, ou mesmo a etnia tem forte impacto sobre a variação linguística, independentemente da escolaridade do falante, no Brasil, em razão de sua formação histórica, é o acesso à educação formal que configura as principais diferenças no uso daquelas variantes (BAGNO, 2017, p. 114).

Do mesmo modo que a falta de escolaridade favorece o uso de formas estigmatizadas socialmente, o acesso à escola favorece o uso de formas linguísticas que são avaliadas positivamente, como podemos ver na seguinte afirmação:

escolarização continuada, refinando a consciência linguística e insistindo na necessidade de padronização, favorece o emprego de determinadas variantes linguísticas, em especial das que estão sujeitas a uma avaliação social positiva. [...] em síntese, a ocorrência das variantes linguísticas prestigiadas socialmente está correlacionada de forma saliente à variável escolaridade (SCHERRE e PAIVA, 1999, p. 217-218 *apud* FREITAG e LIMA, 2010, P. 73).

Embora a escolaridade seja um fator capaz de provocar diferenças no modo de falar de um indivíduo, há de se atentar para o fato de que a mesma não atua sozinha, de modo que escolaridade e classe socioeconômica estão intimamente ligados. Bortoni-Ricardo (2004, p.48) trata sobre essa sobreposição de variáveis sociais, ao afirmar que “os anos de escolarização de um indivíduo e a qualidade das escolas que frequentou também têm influência em seu repertório sociolinguístico. Observe-se que esses fatores estão intimamente ligados ao estatuto socioeconômico, na sociedade brasileira”. Assim, o modo do indivíduo falar é modificado não apenas pelo seu acesso à escola, mas de acordo com a qualidade da instituição que ele frequenta, que, geralmente, depende da classe social à qual pertence. Como,

tradicionalmente, a educação de qualidade, sempre esteve reservada às classes médias e altas urbanas, essencialmente brancas, o grau de escolarização também se vincula estreitamente à classe socioeconômica e a etnia dos indivíduos. De fato, num país em que, segundo estatísticas mais recentes, 51% da população é não branca, alguns indicadores mostram a estreita relação entre etnia e acesso aos bens sociais, entre os quais a educação (BAGNO, 2017, p. 114).

Embora se acredite que a frequência à escola tende a provocar mudanças no modo de falar do indivíduo, no sentido de fazer com que este empregue formas linguísticas mais valorizadas, Bagno (2017) chama a atenção para o fato de que a frequência à escola pode acarretar mudanças na fala e na escrita dos indivíduos, mas isso não quer dizer que essas alterações sejam em direção às formas de prestígio da língua nem, tampouco, que elas vão funcionar como barreira à mudança linguística.

Outro fato que deve ser levado em consideração é que a variável escolaridade não incide sobre todos os fenômenos de variação/mudança linguística. Votre (2017) apresenta algumas distinções importantes para compreender a correlação existente entre esses fenômenos e

escolaridade, que são basicamente: distinção entre forma de prestígio social e forma relativamente neutra; fenômeno socialmente estigmatizado e fenômeno imune à estigmatização; fenômenos que são objeto de ensino escolar e aqueles que escapam à atenção normativa da escola; e fenômenos situados no nível do discurso e os que se inserem no interior da gramática.

O autor ainda apresenta alguns fenômenos sobre os quais ele avalia o efeito do fator escolaridade. Entre os fenômenos que recebem atenção da escola está o fenômeno da concordância nominal, que é tratada pelos diferentes tipos de ensino, e é produto de exercícios em todos os níveis de ensino, com elevados graus de exigência à medida que os alunos avançam no processo escolar. Assim, o grau de escolarização se mostra regular e constante quanto a concordância nominal. Já entre os fenômenos que não recebem tanta atenção da escola está o que diz respeito ao uso de *a gente* em oposição a *nós*, tal fenômeno não recebe tratamento sistemático da escola, tendendo haver reação mais decidida de rejeição contra *a gente*, nos casos em que a forma é utilizada com o verbo na primeira pessoa do plural (VOTRE, 2017).

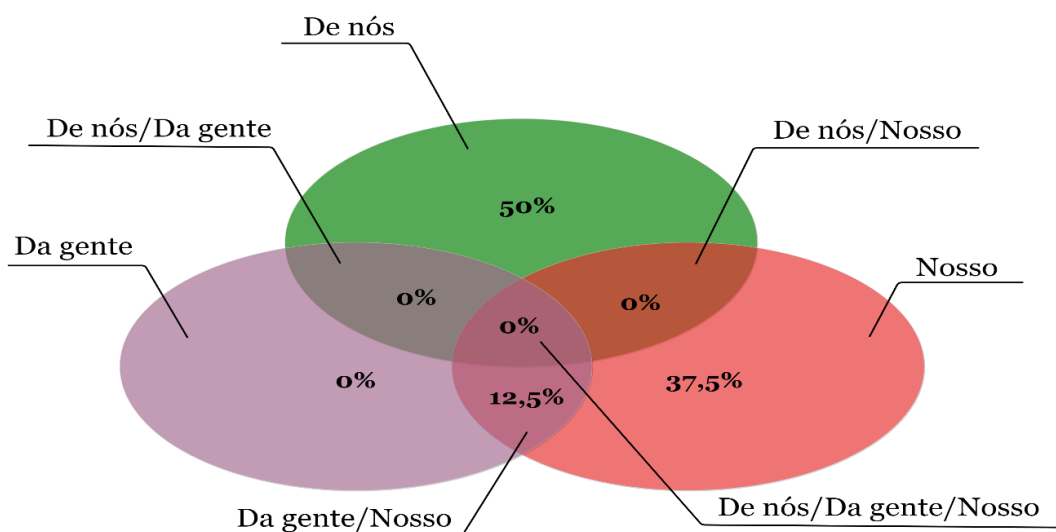
Outro fato importante, que é tratado por Bagno (2017), é o de que há ainda que se considerar que, no caso da sociedade brasileira, temos uma população que é pouco letrada, na qual também está inserido o próprio corpo docente, e dentro deste os professores do ensino de língua. Desse modo, a missão que era dada à escola no que diz respeito à educação linguística, que era a de transmitir, inculcar e preservar um padrão de prestígio, uma norma culta, não é cumprida no Brasil. É dessa forma que “muitas construções que, quarenta ou cinquenta anos atrás, seriam rejeitadas veementemente pelos docentes, hoje passam despercebidas, uma vez que constituem regras inovadoras já perfeitamente encaixadas na variedade falada tanto pelos aprendizes quanto pelos docentes” (BAGNO, 2017, p. 116).

Com base no que discorremos anteriormente acerca da variável escolaridade, é que justificamos a escolha desta como categoria de análise para o nosso estudo. Como explicamos anteriormente, no capítulo dos procedimentos metodológicos, a nossa intenção inicial era de que cada uma das células fosse composta por 50% de informantes escolarizados e 50% de informantes não escolarizados, afim de que no final obtivéssemos dados de informantes com esses dois níveis de escolarização. Porém, como já justificamos, pelo fato de entrecruzarmos as variáveis, nas células compostas por informantes jovens não foi possível encontrar o número suficiente de informantes não escolarizados, do mesmo modo que nas células compostas por informantes idosos não foi possível encontrarmos o número suficiente de informantes escolarizados. Assim, por considerarmos a variável escolaridade relevante para o nosso estudo,

fizemos a oposição escolarizado x não escolarizado contrapondo a célula 1, composta por informantes escolarizados, a célula 4, composta em sua maioria por informantes não escolarizados.

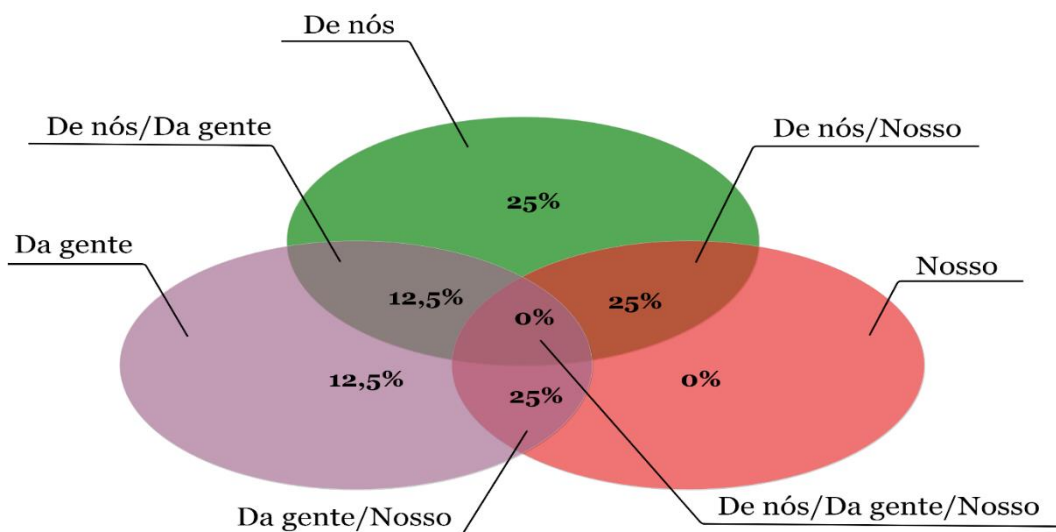
Dessa forma, chegamos aos números que se seguem. O primeiro gráfico diz respeito ao grupo de informantes escolarizados e o segundo ao grupo de informantes não escolarizados:

FIGURA 07: Distribuição das variantes *de nós*, *nosso* e *da gente* entre informantes com escolaridade



Fonte: do autor.

FIGURA 08: Distribuição das variantes *de nós*, *nosso* e *da gente* entre informantes sem escolaridade



Fonte: do autor.

Como podemos ver no gráfico, os informantes escolarizados apresentam um número limitado quanto a utilização das formas para realização da noção de posse, dentre as 07 (sete) possibilidades, eles fazem uso apenas de 03 (três). Ainda sobre as variantes por eles utilizadas, indo do maior para o menor número, o uso da expressão *de nós* se sobressai, 50% dos informantes entrevistados fazem uso dessa forma. Em seguida, vem a porcentagem de 37,5%, que corresponde aos informantes que utilizam o possessivo *nosso*. E por fim, temos o número referente aos informantes que utilizam tanto o possessivo *nosso* quanto a forma *da gente*, 12,5%.

Já com relação aos informantes com menor grau de escolarização, os mesmos apresentam um panorama mais diversificado que o dos primeiros, pois utilizam 05 (cinco) das 07 (sete) possibilidades de realização da noção de posse. Quanto ao uso da expressão *de nós*, eles apresentam um número menor, que corresponde à metade do número dos escolarizados, cerca de 25%. Os informantes não fazem uso do possessivo *nosso* de modo isolado das duas outras variantes, ele só aparece sendo usado alternando com a expressão *de nós* (25%) ou com a forma *da gente* (25%). A variante *da gente* aparece sendo alternada com a expressão *de nós*, 12,5%, e sendo utilizada isoladamente das duas outras variantes, 12,5%.

Como foi possível ver, a escolaridade não inibe o uso da expressão *de nós*, já que os falantes escolarizados a utilizam o dobro de vezes que os falantes não escolarizados. A possível explicação para esse fato ocorrer decorre justamente do que nos diz Votre (2017), de que nem todos os fenômenos de variação linguística são objeto de estudo e correção no ambiente escolar, assim como a oposição entre *nós* e *a gente*, que não recebe atenção normativa da escola, o fenômeno de variação que ocorre em Baixio também não.

É importante ressaltar que outras pesquisas, embora analisando um fenômeno diferente, também chegaram a constatações semelhantes. Podemos citar a pesquisa de Ramos, Bezerra e Rocha (2009), que analisando a concorrência entre *nós* e *a gente* observaram que o uso da forma *a gente* não foi influenciado pela escolaridade, de modo que o informante que possuía menor nível de escolaridade é o que menos usa a variante *a gente*, e os autores justificam afirmando que acreditam que isto se explica porque, embora considerada não padrão, essa variante não chega a ser estigmatizada pela escola, logo não é alvo de correção.

Também de acordo com o que nos disse Votre (2017), a escola tende a corrigir e condenar o uso de formas que são socialmente estigmatizadas. A presença da expressão *de nós* em substituição ao possessivo *nosso* não é tão comum, nem mesmo nas variedades utilizadas

por aqueles que possuem pouco prestígio social e econômico, de modo que se trata de uma forma que não recebe tanta ênfase negativa, passando, assim, despercebida pela avaliação da escola.

Além disso, algumas das perguntas do questionário utilizado na coleta de dados com os moradores de Baixio versavam sobre a escola e os professores que trabalhavam na mesma. Assim, perguntamos se havia escola na comunidade. Com a resposta positiva, perguntamos como ela era e quem eram os professores. Após as respostas, questionamos se as professoras eram da comunidade mesmo ou se eram de fora, ao passo que eles responderam que do quadro de professores que atuavam na escola, apenas uma era de fora da comunidade. Aos informantes que afirmavam estudar ou ter estudado, perguntamos se eles tinham estudado em Baixio e eles confirmaram que sim. Assim, todos os informantes escolarizados estudaram na escola da própria comunidade. Ainda procuramos encontrar ao menos uma das professoras da comunidade, e encontramos a INFORMANTE 17 que, embora hoje seja aposentada, lecionou por quase 30 anos na escola de Baixio e, mesmo exercendo a função de professora, a expressão *de nós* faz parte do seu idioleto.

Desse modo, encontramos outra justificativa para o fato de a escolaridade não inibir o uso da expressão *de nós*. Propomos que, embora os informantes tenham frequentado a escola, os professores com os quais estes tinham contato também eram da comunidade que, possivelmente, assim como a INFORMANTE 17, também fazem uso da expressão. Assim, essa é uma evidência que corrobora a afirmação de que

hoje há um número significativo de professores que, certamente não dominam o padrão preconizado pela escola; decorrente dessa realidade linguístico social, existem hoje, no interior da escola brasileira, variantes dialetais não só usadas pelos alunos, mas também pelos professores [...]. Não se pode mais falar no Brasil do ‘dialeto da escola’, a não ser entendido como heterogêneo, já que longe vai o tempo [...] em que a escola preparava o indivíduo para uma ‘língua neutra’ (MATTOS E SILVA, 1997, p. 53 *apud* BAGNO, 2017, p. 115).

Dentre as justificativas apresentadas por Bagno (2017, p.116) para essa realidade está a de que há uma desvalorização da profissão docente, fazendo com que esta seja abandonada pelas classes média e alta da população, ao passo que há um “acesso cada vez maior de indivíduos oriundos de camadas sociais muito pouco letradas à profissão docente, camadas sociais em que as formas padronizadas, já muito distantes da fala autêntica das camadas privilegiadas, são praticamente desconhecidas”.

Outro fato a se observar é que, embora apresentem um maior número de usos da variante *de nós*, os informantes escolarizados são os que mais fazem uso da forma considerada padrão, no caso o possessivo *nosso*. Entre os informantes escolarizados, essa variante – *nosso* – corresponde a 37,5% dos usos, enquanto que entre os informantes não escolarizados, ele não é utilizado sem que seja alternando com as outras possibilidades. Fato este que confirma a afirmativa de que, geralmente, formas linguísticas consideradas prestigiadas figuram mais entre informantes escolarizados que entre aqueles que não possuem escolarização.

4.4. A Expressão *De Nós* e o Contexto Morfossintático

Para a análise da presença da expressão *de nós* na variedade linguística utilizada pela comunidade Baixio, elegemos como fatores sociais determinantes para o estudo do fenômeno a *faixa etária*, o *sexo/gênero* e a *escolaridade*. Mas, como todo estudo envolvendo variação linguística deve-se levar em consideração também os fatores linguísticos, ou seja, aspectos que são próprios do sistema da língua em estudo, neste, além dos fatores de ordem social, também analisamos a influência de aspectos linguísticos na variação linguística aqui apresentada.

Silva, V. (2017, p. 67) trata sobre a importância das variáveis internas para os estudos sociolinguísticos dizendo que,

[...] de início, os fenômenos escolhidos para análise pelos variacionistas, envolvendo principalmente diferenças de pronúncia, eram bem marcados socialmente. É certo ainda que, ao lado dos aspectos sociais, sempre se investigou a influência de variáveis (ou grupos de fatores) internos, isto é, de natureza linguística (fonológicos, morfofonológicos, sintáticos, semânticos, etc), mas a primazia dos fatores sociais tinha uma justificativa adicional: assinalava uma postura teórica oposta à idealização gerativista e mostrava o comportamento de um falante/ouvinte real, numa comunidade linguística longe de ser homogênea. Desenvolvia-se, assim, uma Sociolinguística precisa, rigorosa [...].

A autora ainda chama a atenção para o fato de que a inserção de fatores próprios do sistema da língua como relevantes para estudos sociolinguísticos não traz prejuízos no que tange os fatores de ordem social, pois não há perdas quanto a estes, mas ganhos com fatores internos mais bem elaborados (SILVA, V., 2017).

Assim, é que além das variáveis sociais, elegemos também alguns fatores de ordem linguística para a realização do presente estudo. E, por ser um fenômeno de variação que ocorre no nível sintático, entre as categorias de análise elegidas por nós estão as que dizem respeito ao contexto morfossintático em que a variante *de nós* aparece. Desse modo, dentre os aspectos

sintáticos que consideramos relevante e que possam provocar alguma influência no fenômeno de variação aqui por nós apresentado estão a função sintática exercida por cada uma das variantes utilizadas para a transmissão da noção de posse, a anteposição ou posposição ao sintagma a que cada variante está ligada e o paralelismo formal.

4.4.1. A Função Sintática

Assim como as variáveis sociais, que são os fatores de ordem social que influenciam determinados fenômenos de variação/mudança linguística, dentre os fatores linguísticos que também podem influenciar tais fenômenos há aqueles que são mais salientes. Assim, no que diz respeito aos fatores sintáticos, podemos dizer que “entre os grupos de fatores de natureza sintática que podem influenciar a realização de uma variável, podemos citar a função dos termos na oração” (OMENA e DUARTE, 2017, p. 83).

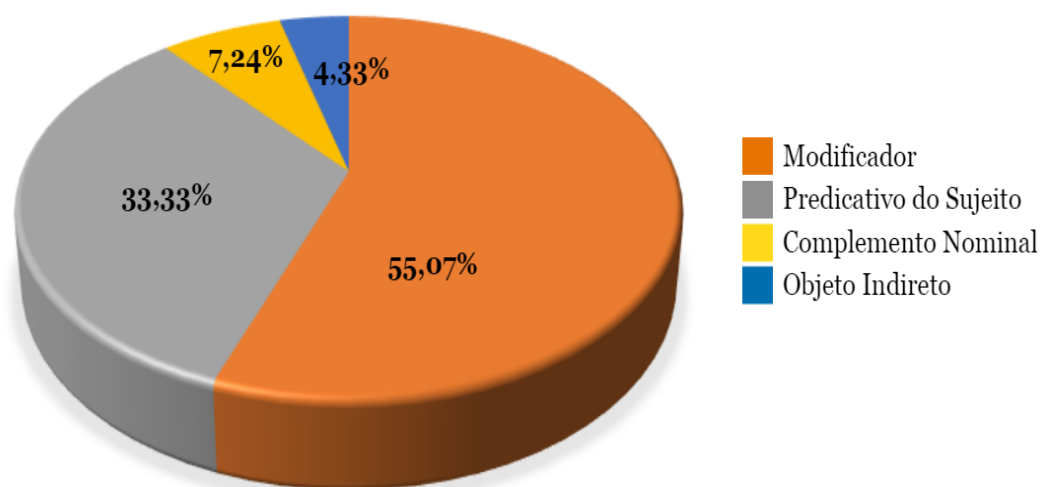
Omena e Duarte (2017), afim de retratar e comprovar a importância de se levar em consideração a função sintática dos termos para a análise de uma variação, cita trabalhos de Tarallo (1983) e Mollica (2003). Nesses trabalhos, os autores estudam fenômenos de variação linguística focalizando a função sintática das variantes em estudo, e chegam a conclusão de que este fator linguístico desempenha papel decisivo.

Como dissemos anteriormente, ao apresentarmos nossas categorias de análise, ou seja, os fatores que iríamos levar em consideração no estudo do fenômeno de variação presente na variedade linguística utilizada em Baixio, no que diz respeito a função sintática que a expressão *de nós* pode exercer, a mesma pode funcionar como: partitivo; complemento nominal; objeto indireto; modificador; ou ainda como predicativo do sujeito. Sendo que, quando a expressão é utilizada exercendo as três primeiras funções sintáticas, esta é aceita na norma padrão/culta e é utilizada, se não por todos, mas pela maioria dos falantes do português brasileiro.

Dessa forma, compreendemos que o motivo do uso da expressão ser tomado como um fenômeno de variação linguística não é apenas o seu uso, mas o fato da mesma ser usada exercendo a função de modificador ou predicativo do sujeito, fato que foge à norma padrão/culta e ocorre na fala de poucos falantes, se tornando uma marca dos que a usam. Assim, por todos os motivos apresentados é que levamos em consideração no presente estudo a função sintática exercida pela expressão *de nós* na fala dos informantes da comunidade de pesquisa, bem como das duas outras variantes.

No que diz respeito aos usos da expressão *de nós*, chegamos aos seguintes números:

FIGURA 09: Realizações da variante *de nós* em relação à função sintática



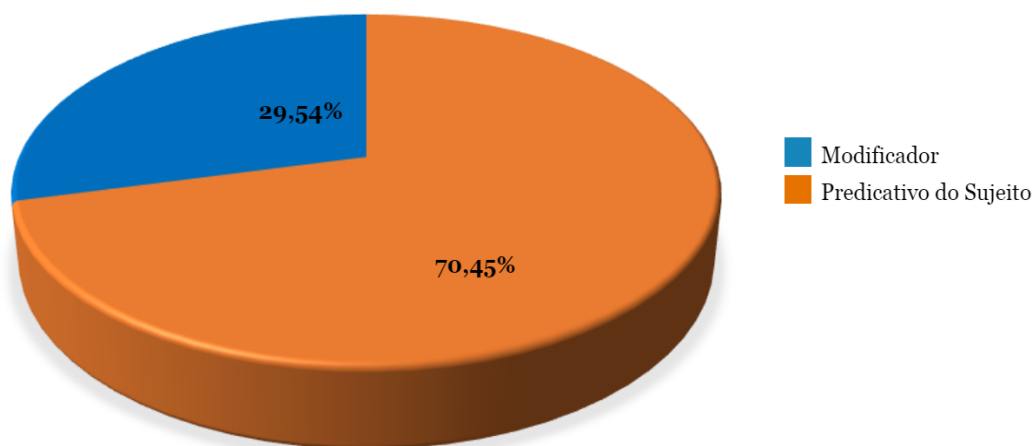
Fonte: do autor.

Como é possível ver no gráfico, o uso da variante *de nós* é favorecido na função de modificador, de todas as realizações em que a expressão aparece, 55,07% foi exercendo essa função. Depois, seguem-se as funções de predicativo do sujeito com 33,33%, a de complemento nominal (7,24%) e, por fim, a de objeto indireto (4,33%). Assim, ao passo que as funções de modificador e de predicativo favorecem a presença da expressão *de nós*, as funções de complemento nominal, objeto indireto e objeto direto inibem essa presença.

Uma questão que nos chama a atenção é o fato a expressão *de nós* ser utilizada mais frequentemente para exercer justamente as funções sintáticas que fazem com que este uso se torne um fenômeno de variação linguística, fato este que corrobora com a afirmação de que “em relação à função sintática, a própria função que as variantes desempenham na oração pode influenciar a realização de uma variável” (OMENA e DUARTE, 2017, p. 81).

Como a variável *de nós*, no que diz respeito a variedade linguística utilizada pelos moradores de Baixio, se contrapõe ao possessivo *nosso* e a forma genitiva *da gente*, achamos importantes mostrar os dados relativos as funções sintáticas também exercidas pelas duas últimas variantes. Assim, com relação aos usos do possessivo *nosso*, os dados são os seguintes:

FIGURA 10: Realizações da variante *nosso* em relação a função sintática

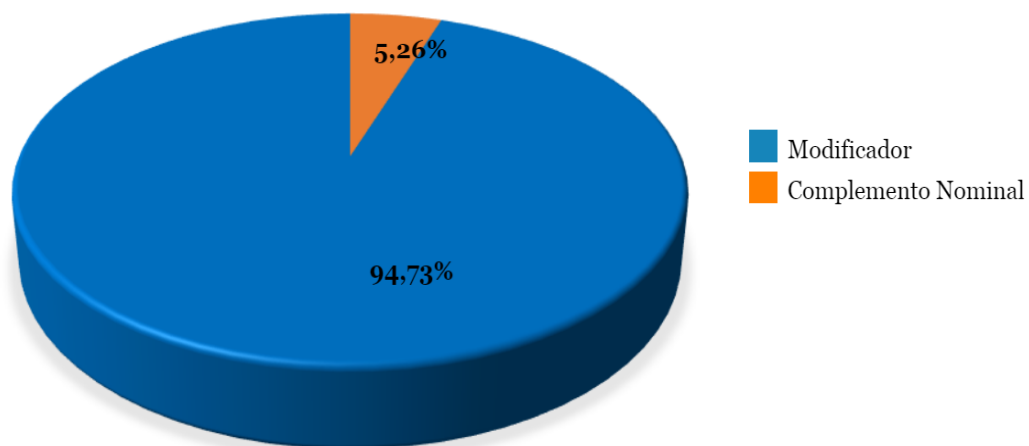


Fonte: do autor.

No que diz respeito aos usos do possessivo *nosso*, como é possível observar no gráfico, o seu uso também é favorecido pela função sintática de modificador, de todas as realizações de noção de posse utilizando o pronome *nosso*, em cerca de 70,45% este desempenha a função sintática de modificador e 29,54% a função de predicativo do sujeito.

Já com relação ao *da gente*, obtivemos os seguintes números:

FIGURA 11: Realizações da variante *da gente* em relação a função sintática



Fonte: do autor.

Assim como ocorreu com as duas outras variantes, a função de modificador é favorecida quanto ao uso da forma linguística *da gente* para transmitir a noção de posse. Neste caso, a função de modificador corresponde a 94,73% dos usos da expressão *da gente* e a função de complemento nominal a 5,26%.

É importante pontuar que, no que tange a questão da função sintática, se contrapormos os dados que dizem respeito a expressão *de nós*, aos dados do possessivo *nosso* e aos da forma genitiva *da gente*, iremos observar que enquanto a variante *de nós* aparece exercendo 04 (cinco) das 05 (cinco) funções sintáticas que ela pode exercer – modificador, predicativo do sujeito, complemento nominal e objeto indireto – as outras duas variantes exercem apenas 02 (duas): o *nosso* aparece exercendo a função de modificador e de predicativo do sujeito e o *da gente* com a função de modificador e de complemento nominal. Assim, esses dados nos mostram que, em se tratando da variedade linguística que os moradores de Baixio utilizam, a expressão *de nós* oferece um quadro de funções sintáticas muito mais diversificado que o das outras duas variantes.

Devemos nos atentar a um fato, no que diz respeito às funções sintáticas, algumas exigem o uso da preposição e outras não. Bechara (2004) ao falar sobre o complemento nominal, por exemplo, cita alguns aspectos que o diferenciam do adjunto adnominal (modificador), sendo que um desses aspectos trata-se do fato de que na introdução do complemento nominal a preposição é obrigatória, enquanto que na introdução do adjunto não.

Assim, para uma melhor compreensão do fenômeno de variação linguística que ocorre em Baixio, quanto à função sintática, devemos levar em consideração o fato de que algumas funções sintáticas exigem o uso da preposição, ao passo que outras não. Logo, em uma função sintática preposicionada, o possessivo *nosso* não tem como preencher esse espaço, por ser um elemento que é utilizado para exercer funções não preposicionadas, fazendo com que as duas outras variantes ganhem mais espaço que o pronome *nosso*. Vejamos a seguinte sentença proferida pelo INFORMANTE 03:

1. *E essa cachorrinha atrás de nós.*

Em uma sentença como essa, em que a expressão *de nós* exerce a função de complemento nominal, a mesma poderia ser substituída pelo forma *da gente*, sem que o seu sentido se perdesse: *E essa cachorrinha atrás da gente*. No entanto, não há a possibilidade de

trocar a forma linguística *de nós* pelo possessivo *nosso*, pois o resultado seria uma sentença agramatical do tipo: *E essa cachorrinha atrás nosso*.

Caso semelhante ocorre no enunciado proferido pelo INFORMANTE 29, em que este faz uso da variante *da gente*:

2. *Eu digo: joga na barreira e rabeia, não entra de frente não que nós morre... entrou de frente, a frente vinha todinha pra cima da gente*.

Nesse exemplo 2, o informante faz uso da variante *da gente* também exercendo a função sintática de complemento nominal. Assim como no exemplo 1, em que poderia figurar tanto a variante *de nós* quanto a *da gente*, nesse exemplo 2, a forma *da gente* poderia ser substituído pela expressão *de nós*, o que geraria: *Eu digo: joga na barreira e rabeia, não entra de frente não que nós morre... entrou de frente, a frente vinha todinha pra cima de nós*. Caso que não era possível com o possessivo *nosso*, pois, assim como no primeiro caso, neste geraria uma sentença agramatical: *Eu digo: joga na barreira e rabeia, não entra de frente não que nós morre... entrou de frente, a frente vinha todinha pra cima nosso*. Desse modo, exercendo a função sintática de complemento nominal, só encontramos a expressão *de nós* e a forma *da gente*.

Assim como no caso da função sintática de complemento nominal, no caso do objeto indireto também é uma exigência que o termo usado para exercer tal função seja inserido por uma preposição. Dessa forma, não há a possibilidade de uso do possessivo *nosso* exercendo tal função, como podemos ver com a sentença que o INFORMANTE 19 proferiu:

3. *Meu avô Deus levou, esse foi quem... né? Cuidou de nós*.

Para proferir tal sentença, o informante poderia utilizar tanto a expressão *de nós*, como no exemplo, quanto a variante *da gente*, que originaria: *Meu avô Deus levou, esse foi quem... né? Cuidou da gente*. Ambas desempenhariam o mesmo papel sem que o sentido fosse alterado, caso que não aconteceria se fosse utilizado o possessivo *nosso*: *Meu avô Deus levou, esse foi quem... né? Cuidou nosso*.

Dessa forma, compreendemos o porquê de o quadro de funções sintáticas que a expressão *de nós* exerce ser mais diversificado que o possessivo *nosso*. Enquanto aquela pode ocupar funções sintáticas preposicionadas e não preposicionadas, esse só pode figurar exercendo funções em que o uso da preposição não seja necessário. De modo que algumas

funções sintáticas inibem o uso do possessivo *nosso*, ao passo que não inibem o uso da expressão *de nós* ou *da gente*.

A explicação dada para o pequeno número de funções sintáticas exercidas pelo possessivo *nosso* não cabe para o caso da variante *da gente*, já que a mesma pode ocupar espaços em que a forma *de nós* foi utilizada, por se tratar de um sintagma também preposicionado. Mesmo assim, quanto aos usos da variante *da gente*, a mesma também só aparece na variedade linguística utilizada em Baixo exercendo duas funções, o que acreditamos ser justificado pelo fato de se tratar da variante inovadora e, conseqüentemente, menos utilizada, o que faz com que não tenha alcançado ainda todas as funções sintáticas, o que já foi discutido anteriormente.

4.4.2. A Anteposição e a Posposição

Segundo Bechara (2004), a sintaxe de colocação ou de ordem é uma área que trata sobre a maneira que os elementos estão dispostos dentro da oração e as orações dentro do período. Ainda segundo o autor,

a colocação, dentro de um idioma, obedece a tendências variadas, quer de ordem estritamente gramatical, quer de ordem rítmica, psicológica e estilística, que se coordenam e completam. A maior responsável pela ordem favorita numa língua ou grupo de línguas parece ser a entonação oracional (BECHARA, 2004, p. 581).

Desse modo, embora existam casos que permitam uma certa mobilidade na forma de organização, sabemos que os falantes de uma determinada língua organizam os elementos constituintes de uma oração não do modo que eles bem desejam, mas de acordo com as normas próprias do sistema linguístico.

Ainda sobre o modo de organização dos constituintes de uma oração, Camacho (2013, p. 221, grifos do autor) diz que “certas línguas tendem a colocar rigidamente elementos modificadores ou delimitadores **antes** dos elementos modificados ou delimitados, enquanto outras fazem exatamente o contrário com a mesma rigidez”. O autor cita o turco como exemplo do primeiro tipo de língua, que coloca os adjetivos antes dos substantivos, o objeto antes do verbo, os advérbios antes dos adjetivos. E cita como exemplo do segundo tipo de língua o tailandês, em que o adjetivo segue o substantivo, o objeto, o verbo, o genitivo, o substantivo regente. Em se tratando da língua portuguesa, “o português segue a tendência tipológica geral das línguas preposicionais para colocar o modificado antes do modificador” (CAMACHO, 2013, p. 221).

No caso da língua portuguesa, é possível citar alguns casos de colocação que são mais comuns, entre os quais, a colocação do adjunto preposicionado depois do seu substantivo (BECHARA, 2004). Dessa forma, a partir dessa afirmação, já temos noção de que, no caso do fenômeno de variação linguística presente na comunidade Baixio, as variantes *de nós* e *da gente* só aparecem sendo utilizada pospostas ao elemento a que elas estão relacionadas, já que se trata de sintagmas preposicionados. Já o pronome *nosso* pode figurar tanto em uma posição de anteposição, quanto de posposição ao elemento ao qual mantém relação sintática. Desse modo, no que diz respeito ao aspecto sintático anteposição e posposição, o possessivo *nosso* tem possibilidade de maior realização, já que pode ocupar as duas posições, ao passo que as duas outras variantes apenas uma.

Esse é um fato que é confirmado pelos dados coletados na comunidade Baixio, vejamos:

Tabela 05: Realizações de *de nós*, *nosso* e *da gente* na variável anteposição x posposição

POSIÇÃO	DE NÓS	NOSSO	DA GENTE
ANTEPOSTO	0%	34,09%	0%
POSPOSTO	100%	65,90%	100

Fonte: do autor.

Como é possível ver na tabela I, nos dados coletados na comunidade Baixio, todas as sentenças em que os informantes fizeram uso da variante *de nós* ou da variante *da gente*, elas apareceram em uma posição posposta ao substantivo ao qual estavam relacionadas, como nas frases a seguir:

4. *Aqui em casa, abasta vim um dos netos de nós... aí já traz outros.*
5. *Nós não tinha essa vida assim de dizer bem assim: ah, a vida de nós é boa, nós que se governa, não...*
6. *... e era aquela vontade de namorar com os outros e papai pegando no pé da gente.*
7. *Tem um monte de histórias para contar, mas o nascimento dos filhos da gente é o que marca mais.*

Como podemos observar, e como dito anteriormente, em todas as sentenças, as formas linguísticas *de nós* e *da gente* aparecem sempre pospostas ao elemento ao qual estão ligadas: na sentença 4, a variante *de nós* está relacionada ao elemento *netos*; na 5, o *de nós* mantém

relação com o elemento *vida*; na sentença 6, a variante *da gente* está relacionada ao substantivo *pé*; e, por fim, o *da gente* está relacionada ao elemento *filhos*, na sentença 7.

Já no caso do possessivo *nosso*, no que diz respeito aos dados coletados com os falantes de Baixio, ele tanto aparece em uma posição anteposta ao elemento ao qual está relacionado, como em uma posição posposta. Como podemos ver nas sentenças que se seguem:

8. *Aí tinha um irmão meu mais velho, que nossa! Esse era o nosso pai mesmo, porque se ele dissesse “daqui pra dentro”, nós não saia pra fora não.*
9. *Não, porque têm uns parentes nosso que passou pra cá e disse que tinha um carro, e pelas informação disse que era um carro assim, e eu pensava que era esse.*

Como dissemos anteriormente, o pronome *nosso* pode figurar tanto em uma posição anteposta, quanto em uma posposta ao elemento ao qual mantém uma relação sintática: na sentença 8, o possessivo está relacionado ao elemento *pai*, aparecendo anteposto a este elemento; já na sentença 9, o pronome aparece posposto ao elemento *parentes*, ao qual ele está relacionado.

4.4.3. O Paralelismo Formal

Em estudos sociolinguísticos que abordam a variação linguística envolvendo os pronomes do português brasileiro, alguns autores, como é o caso de Ramos, Bezerra e Rocha (2009), Silva V. (1998) e Vitório (2016), levam em consideração o fenômeno do *paralelismo formal*. Segundo Omena (1996, 2003) e Lopes (1998) *apud* Vitório (2016, p. 6), o paralelismo formal pode ser entendido como

a tendência de o falante repetir uma mesma forma em uma dada sequência discursiva, o que significa considerar que a escolha da primeira forma pronominal condiciona os usos subsequentes, desencadeando, assim, uma série de repetições da mesma forma pronominal, seja essa forma nula ou preenchida.

Para Camacho (2013, p. 219),

o paralelismo formal – a repetição de formas, considerada tanto na sucessão de construções no discurso quanto na preservação da primeira posição estrutural para abrigar o mesmo referente numa sucessão de sentenças – se identifica com uma tendência mecânica de preservação de estruturas sintaticamente paralelas.

Acerca da marcação do plural, Labov (1994, p. 559) *apud* Camacho (2013) entende que casos em que há repetição estrutural mostram que há uma tendência para continuação do padrão fixado no início do SN, de tal modo que a presença de um /s/ tende a produzir um /s/ e a presença

de zero tende a produzir um zero. Segundo a visão de Labov, essa tendência é regida pelo princípio da lei do menor esforço no nível gramatical como uma extensão do princípio do menor esforço postulado, inicialmente, por Martinet (1961) *apud* (CAMACHO, 2013, p. 220).

Scherre (2001) *apud* Camacho (2013, p. 226) se distancia dessa visão difundida por Labov, ao defender a ideia de que

o paralelismo formal tem motivação funcional, não por causa de sua função dentro do discurso ou na interface entre fonologia e morfossintaxe, mas por causa de motivações externas a ele. Trata-se de um princípio de base cognitiva que possibilita ao ser humano fazer agrupamentos, formar blocos por similaridade formal e que encontra sua forma de manifestação maximizada quando atua em combinação com alguma outra função linguística, como a atribuição de prestígio social, a marcação de pluralidade dentre outras.

Dessa forma, de acordo com o princípio do paralelismo formal, acredita-se que, motivado por diferentes fatores, em uma sequência discursiva, o falante tende a repetir sempre a mesma forma linguística que é utilizada em um primeiro momento. Por esse motivo, acreditamos que levar esse fenômeno em consideração em nosso estudo seja relevante, pois o mesmo já demonstrou ser um aspecto importante em pesquisas semelhantes.

De modo análogo ao que fez Vitório (2016), analisamos cada uma das variantes – *de nós, nosso, da gente* – presentes na variedade linguística utilizada pelos falantes de Baixio, no que diz respeito ao possessivo de terceira pessoa do singular, de acordo com os seguintes fatores: realização isolada; primeiro de uma série; antecedido por *de nós*; antecedido por *da gente*; e antecedido por *nosso*. A seguir, apresentamos algumas sentenças a fim de ilustrar cada um dos fatores, faltando apenas exemplos de sentenças em que uma das variantes seja antecedido por *da gente*, pois exemplos do tipo não foram encontrados na fala de nenhum dos informantes. Ressaltamos ainda que, por ser a variante que mais nos interessa no estudo, utilizamos exemplos que dizem respeito à expressão *de nós*.

A) Realização Isolada:

10. *Naquele tempo era diferente, a professora de nós só era uma.*

B) Primeiro de uma série:

11. *No tempo de nós não tinha isso porque... nem nós exigia e nem os pais da gente tinha condição de dá também.*

C) Antecedido por *de nós*:

12. *As mães de nós ia pra roça e levava nós pra roça também... num era pra trabalhar, a mãe de nós ia trabalhava e levava.*

D) Antecedido por *nosso*:

13. *Tá em nome do meu pai... é nossa hoje, mas é de herança... era de papai e agora é de nós, mas tá no nome dele ainda.*

Assim, no que diz respeito ao princípio do *paralelismo formal*, chegamos aos seguintes números:

Tabela 06: Realizações de *de nós*, *nosso* e *da gente* na variável paralelismo formal

PARALELISMO FORMAL	DE NÓS	NOSSO	DA GENTE
REALIZAÇÃO ISOLADA	85,50%	68,18%	94,73%
PRIMEIRO DA SÉRIE	4,34%	15,90%	0%
ANTECEDIDO POR <i>DE NÓS</i>	2,89%	0%	5,26%
ANTECEDIDO POR <i>DA GENTE</i>	0%	0%	0%
ANTECEDIDO POR <i>NOSSO</i>	7,24%	15,90%	0%

Fonte: do autor.

Como é possível observar na tabela 06, assim como no caso das análises em que levamos em consideração as funções sintáticas, o uso da variante *de nós* se mostra mais diversificado, quanto ao fenômeno do paralelismo formal.

O uso do *de nós* em sua realização isolada se sobressai com relação a todas as outras possibilidades, assim, 85,50% das vezes que a expressão foi empregada, ela foi empregada isoladamente, ou seja, ela foi utilizada uma única vez na sentença e sem que nenhuma das outras variantes fosse empregada. De todas as sentenças em que a expressão fazia parte, em 4,34% ela era a primeira de uma série, ou seja, ela foi empregada no primeiro momento em sentenças em que apareciam mais de uma das variantes ou aparecia a mesma mais de uma vez. Em sentenças em que era antecedida por ela mesma, a expressão *de nós* foi utilizada apenas 2,89% das vezes. Quanto ao seu uso antecedido pelo *da gente*, não foram encontrados casos nos dados, ou seja, a variante não apareceu sendo empregada em uma sentença antecedida por *da gente*. Já antecedida pelo possessivo *nosso*, ela aparece 7,24% das vezes em que foi utilizada, o que configura a segunda maior porcentagem.

Embora se acredite que haja a tendência de um falante, em uma sequência discursiva, sempre repetir a forma anteriormente empregada, no caso dos usos da expressão *de nós*, esse fato nem sempre ocorre. Pois como foi possível observar, quem utiliza, em um primeiro

momento, o possessivo *nosso*, algumas vezes, utiliza em um segundo momento a expressão. Acreditamos que isso ocorra pelo fato de ser a expressão *de nós* ser a variante que é mais empregada pelos falantes da comunidade Baixio, sendo que seu uso, no que diz respeito ao paralelismo formal, não é de modo algum inibido.

No que diz respeito aos usos do possessivo *nosso*, o seu comportamento é um pouco diferente do da expressão *de nós*. O pronome aparece apenas em sentenças em que ele é utilizado isoladamente, em que ele é o primeiro de uma sentença ou em que ele é antecedido por ele mesmo. Quanto à presença do pronome *nosso* em realização isolada, esse uso corresponde a 68,18% das realizações em que ele aparece. Como dito anteriormente, o *nosso* ainda aparece sendo o primeiro da série, cerca de 15,90% dos usos. E em sentenças em que ele é antecedido por ele mesmo, esses usos correspondem também a 15,90% das realizações.

A variante *da gente* é a que aparece sendo utilizada em um número menor das possibilidades, apenas duas. O uso do genitivo *da gente* configura realização isolada, cerca de 94,73% de todos os usos, ou uso antecedido pela expressão *de nós*, o que corresponde a 5,26% das sentenças em que a variante aparece. O fato da forma *da gente* aparecer apenas em tais posições mostra que, em uma sentença discursiva, em que o falante de Baixio transmite a noção de posse mais de uma vez, as duas outras variantes – *nosso* e *de nós* – são sempre escolhidas para ocupar a primeira posição.

Além disso, podemos observar mais um fato, em sequências em que aparece mais de uma das variantes ou a mesma variante mais de uma vez, nas sentenças em que a expressão *de nós* figura como primeira da série, em seguida é empregada a própria expressão ou a variante *da gente*. Ao passo em que, nas sentenças em que figura o possessivo *nosso* como primeiro da série, posteriormente é empregada a expressão *de nós* ou o próprio possessivo. Assim, o paralelismo formal aqui, ao menos no que diz respeito ao primeiro caso, pode ser visto como a tendência de que, ao se empregar uma forma preposicionada primeiramente, em um segundo momento, em que o falante vai transmitir a noção de posse, também se faz uso de uma das variantes preposicionadas, ao que tudo indica, o uso de uma forma preposicionada anteriormente inibe o uso do possessivo *nosso*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudos acerca de fenômenos de variação linguística envolvendo o sistema pronominal do português brasileiro têm se mostrado bastante produtivos, à medida que esse tipo de variação é observado em todo o território nacional, ora envolvendo um determinado pronome, ora envolvendo outro. No entanto, como dissemos anteriormente ao justificar a realização do trabalho, não foi possível encontrar pesquisas que focassem a variação linguística que envolvesse o pronome possessivo *nosso* e a forma preposicionada *de nós*, embora sua existência seja reconhecida, como em Monteiro (1988). Dessa forma, aqui, nos dedicamos a estudar um fenômeno de variação que ocorre na comunidade Baixio e que envolve tais variantes.

Nosso principal objetivo com esse estudo era investigar o uso da expressão *de nós* na fala dos habitantes da comunidade de Baixio em São José do Piauí-Pi, a partir da identificação dos fatores que condicionam o uso dessa expressão, das variáveis linguísticas e das variáveis sociais que condicionam esse uso, além da análise do contexto morfossintático em que os falantes da comunidade utilizam a expressão *de nós* em substituição ao possessivo *nosso*. Desse modo, durante todo o trabalho, estivemos à procura de alcançar tais objetivos, ao passo que responderíamos o questionamento central acerca do qual gira a pesquisa: diante das muitas possibilidades de expressar a noção de posse, que fatores motivam o uso da forma *de nós* em concorrência com *nosso* entre os moradores da comunidade Baixio em São José do Piauí-PI?

Para a realização do trabalho, foi realizada em um primeiro momento uma reflexão teórica, afim de embasarmos nosso estudo com ideias de teóricos reconhecidos da área. Assim, levando em conta os aspectos históricos, tratamos inicialmente sobre a formação do português brasileiro. Abordamos também questões sobre a área na qual o trabalho está inserido, a Sociolinguística. Discorremos ainda acerca de uma das principais características das línguas naturais, a variação linguística. Em seguida, nos dedicamos a falar sobre o sistema pronominal do português brasileiro. Apresentamos ainda os procedimentos metodológicos adotados na realização do trabalho e, por fim, as análises dos dados coletados na comunidade de pesquisa.

A análise dos dados nos permitiu chegar a alguns resultados, inicialmente, a concorrência quanto a noção de posse transmitida pelo possessivo de primeira pessoa do plural, no que diz respeito a variedade linguística utilizada pelos moradores de Baixio, se dá não apenas entre o pronome *nosso* e a expressão *de nós*, mas entre três variantes: o possessivo *nosso*, a expressão *de nós* e a forma *da gente*. Sendo que a expressão *de nós* se sobressai em relação as duas outras variantes.

No que diz respeito aos fatores sociais, levamos em consideração a faixa etária, o sexo/gênero e a escolaridade dos informantes. Quanto a faixa etária, foi possível perceber que quanto mais jovem o falante, mais a presença da expressão *de nós* é constante em sua variedade linguística, dessa forma, esse uso se mostrou mais produtivo entre os falantes com idade entre 16 e 25 anos e 26 e 40. Por meio da análise do uso das variantes relacionado à faixa etária, foi possível perceber ainda que é também entre os falantes mais jovens, que o possessivo *nosso* é mais utilizado, embora tal uso não supere os usos da expressão *de nós*. Além disso, mostramos que de modo isolado ou combinadas entre si, os falantes de Baixio têm 07 (sete) possibilidades de formas de expressão para transmitir a noção de posse, e que, quanto mais velho, mais dessas possibilidades são utilizadas pelo informante. A variante *da gente* não mostrou uso produtivo entre os falantes de Baixio, sendo utilizado isolado das duas outras variantes apenas pelos informantes com idade acima de 60 anos.

Sobre a variável sexo/gênero, observamos que os homens são responsáveis por um uso maior que as mulheres da expressão *de nós* para transmitir a noção de posse. Quanto à forma inovadora *da gente*, as mulheres tendem a usar a forma nova com mais frequência que os homens, sendo que esta só aparece na fala dos informantes do sexo/gênero masculino alternando com o *nosso* ou o *de nós*. No caso das mulheres, foi possível observar ainda que há um processo em que o *da gente* ganha espaço no quadro dos pronomes possessivos à medida que o pronome *nosso* vai caindo em desuso, fato que é contrário no caso dos homens, o pronome *nosso* aparece sendo usado com maior frequência do que a forma *da gente*, que nem aparece sendo usada isolada de outras formas. Ainda foi possível perceber que, no que diz respeito ao número de falantes que fazem uso das três formas linguísticas para transmitir a noção de posse, os homens tendem a utilizar mais as três variantes, à medida que as mulheres usam menos.

Em se tratando da variável escolaridade, essa foi a variável social cujo resultado mais nos surpreendeu, já que ela nos mostrou que os informantes escolarizados apresentam um número mais elevado de usos da expressão *de nós* que os informantes sem escolaridade. Mas também, entre os informantes que não possuem escolaridade não foi possível constatar usos do possessivo *nosso*, sem que ele seja alterado com uma das duas outras variantes, ao passo que entre os informantes que possuem escolaridade é possível constatar sua presença. A variante *da gente* só aparece entre os informantes que não possuem escolaridade, sendo que entre os que possuem, ela só aparece alternando com as outras duas formas linguísticas, *de nós* ou *nosso*.

No que diz respeito às variáveis linguísticas, elegemos fatores de natureza sintática. Assim, analisamos a alternância entre o possessivo *nosso*, a expressão *de nós* e a forma *da gente* na variedade linguística utilizada pelos moradores de Baixio, levando em consideração a função sintática, a anteposição e a posposição da variante ao termo com o qual mantém relação e o paralelismo formal. Quanto ao primeiro fator, pudemos observar que a expressão de nós é utilizada para exercer mais funções que as outras duas variantes, aquela aparece exercendo quatro das cinco funções que pode exercer, enquanto as outras duas variantes aparecem exercendo apenas duas. Além disso, foi possível observar que o fato de que algumas funções sintáticas exigem que o sintagma seja preposicionado, algumas funções sintáticas tendem a inibir o uso do possessivo *nosso* e favorecer o uso das duas outras variantes.

Quanto a anteposição e a posposição, constatamos que alguns elementos tendem a figurar sempre após o elemento ao qual ele está ligado, no caso do fenômeno em estudo, as variantes *de nós* e *da gente* só aparecem sendo utilizada pospostas ao elemento a que elas estão relacionadas, enquanto que o pronome *nosso* pode figurar tanto anteposto quanto posposto ao elemento ao qual mantém relação sintática. Assim, em se tratando da questão de anteposição e posposição, o possessivo *nosso* tem possibilidade de maior realização, já que pode ocupar as duas posições e as duas outras variantes não.

Em se tratando do paralelismo formal, o uso do *de nós* em sua realização isolada se sobressai com relação a todas as outras possibilidades, ela ainda figura como primeira de uma série, antecedida por ela mesma ou antecedida pelo possessivo *nosso*. Isso mostra que, quanto ao fenômeno de paralelismo, este não inibe de modo algum o uso da expressão *de nós*. Quanto aos usos do possessivo *nosso*, o pronome aparece apenas em sentenças em que ele é utilizado isoladamente, sendo o primeiro da série ou antecedido por ele mesmo. E a variante *da gente* é a que aparece sendo utilizada em um número menor das possibilidades, apenas como realização isolada ou antecedida pela expressão *de nós*. Foi possível observar ainda que, em sequências em que aparece mais de uma das variantes ou a mesma variante mais de uma vez, quando a primeira da série é a variante preposicionada *de nós*, em um segundo momento também é empregada uma das variantes preposicionadas, ao que tudo indica, o uso de uma forma preposicionada anteriormente inibe o uso do possessivo *nosso*.

Ainda com relação a variedade linguística utilizada pelos falantes de Baixio, e até mesmo sobre o fenômeno aqui descrito e analisado, novas pesquisas podem ser realizadas. Por exemplo, durante a coleta de dados, foi possível notar na fala de alguns informantes a presença

de alguns traços considerados arcaicos, a título de ilustração, encontramos, por exemplo: pronúncias em que os informantes mais velhos inseriam um *a* antes de alguns verbos, constituindo o que Bagno (2003, p. 122) chama de “verbos com a-”, é o caso da pronúncia [elẽ‘brah] *alembrar* para [lẽ‘brah] *lembrar*, [elĩ‘pah] *alimpar* para [lĩ‘pah] *limpar*, e outros casos; encontramos ainda a pronúncia [‘sɐf] ao invés de [‘saw] para a palavra *sal*, e exemplos semelhantes de pronúncia para o *l* em final de sílaba; a pronúncia da preposição latina [‘kũ] *cum* para [‘kõ] *com*; [‘fruytə] *fruta* para [‘frutə] *fruta*; além de alguns itens lexicais, como a conjunção *mode*; os substantivos *bacurim* e *laboro*; o adjetivo *malino*, entre outros exemplos. Assim, poderia ser realizado um estudo com intuito de saber se a vida na comunidade Baixio favorece a preservação de traços arcaicos da língua portuguesa.

Segundo Calvet (2002) diante de variedades linguísticas, ou até mesmo de determinadas línguas, o falante pode ter uma atitude negativa ou uma atitude positiva para tal variedade/língua, pois “existe todo um conjunto de *atitudes*, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam”. São essas atitudes que geralmente guiam o comportamento do falante diante de variedades linguísticas, e são também as responsáveis pela adoção de uma variedade linguística como forma de representação de determinados grupos. O que podemos observar é que, no caso do fenômeno de variação linguística presente em Baixio, a expressão de nós se mostra como uma forte forma linguística, que se manifesta frequentemente na fala dos moradores da comunidade. Assim, outra possibilidade de estudos futuros seria um que envolvesse a questão das atitudes e dos comportamentos dos indivíduos de Baixio ante à variedade linguística utilizada por eles, na tentativa de saber se o uso da expressão de nós por eles reflete uma tentativa de se mostrar pertencente aquele grupo.

A partir da análise das atitudes dos falantes da comunidade, outro estudo pode ser realizado utilizando como teoria base a *Teoria da Acomodação*, que busca entender como os falantes se acomodam linguisticamente ao interlocutor. Esta é uma teoria que vem ganhando espaço recentemente nos estudos sociolinguísticos, segundo Giles e Powesland (1975) *apud* Leite (2011, p. 5),

a teoria da acomodação discute a utilidade em descrever trocas em um nível linguístico particular: o uso de sotaques (accent usage). [...] A avaliação do falante e a diversidade da fala estão ligadas conceitualmente e, em uma situação dialógica, se o emissor quiser a aprovação do receptor, ele adaptará seu padrão de fala ao do seu interlocutor, com o intuito de reduzir as

dessemelhanças. Essa teoria, que se baseia na fala, busca explicar o motivo pelo qual os falantes modificam sua fala, a sua pronúncia, devido ao fato de estarem diante de outros.

Assim, tendo tal teoria como base, seria possível realizar estudos na comunidade de Baixio buscando encontrar moradores que vieram de outras comunidades linguísticas, e têm residência fixa na comunidade há no mínimo 2 anos, tempo que é considerado necessário para que ocorra a acomodação, a fim de descobrir se tais falantes, a partir do contato com falantes da comunidade, acomodaram ao uso da expressão *de nós* ou se mantiveram o uso do possessivo *nosso*.

Dessa forma, vemos que questões que envolvem fenômenos de variação linguística é um campo produtivo para a realização de estudos. A partir da realização da presente pesquisa, na qual temos como objeto a expressão *de nós* na fala dos moradores da comunidade Baixio, foi possível perceber que, no que concerne a variedade linguística empregada pelos falantes da comunidade, não é diferente, ainda há muito o que se explorar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2012.

ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. **O uso do tu e do você no português falado no Maranhão**. Fortaleza: UFC, 2010. Disponível em: <https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/2010_diss_ccbalves.pdf>. Acesso em: 23 Jun. 2018.

ARAÚJO, Silvana; ALMEIDA, Rosiane. A forma possessiva da gente em comunidades rurais do semiárido baiano. In: ALMEIDA, Norma; CARNEIRO, Zenaide (Orgs.) **Variação Linguística no semiárido baiano**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014. P. 137-173.

ARDUIN, Joana. **A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na região Sul do Brasil**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**. 12. ed. São Paulo: contexto, 2003.

_____. **Dicionário crítico de Sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2017.

BEARZOTI FILHO, Paulo. **Formação linguística do Brasil**. Curitiba: Nova Didática, 2002.

BOLOGNINI, Carmem Zink; PAYER, Maria Onice. Línguas de Imigrantes. In: Línguas do Brasil. **Revista Ciência e Cultura SBPC**, Campinas v. 57, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n2/a20v57n2.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora?: Sociolinguística e Educação**. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. **Do campo para a cidade:** estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola, 2011.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística:** uma introdução crítica. Tradução: Marcos Marcionilo. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística parte II. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Orgs.). **Introdução à Linguística:** domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. **Da linguística formal à linguística social.** São Paulo: Parábola, 2013.

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa.** 37. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

CARDOSO, Elis de Almeida. A formação histórica do léxico da língua portuguesa. In: SILVA, Luis Antônio da (Orgs.). **A língua que falamos – Português: história, variação e discurso.** 1. ed. São Paulo: Globo, 2005.

CEZÁRIO, Maria Moura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológico e propostas de ensino. **Domínios de linguagem**, [S.l.], v. 4, n. 2, 2010. Disponível em: < <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/viewFile/11618/6863>>. Acesso em 16 Mai. 2018.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica.** 2. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

FRANCESCHINI, Lucelene Teresinha; LOREGIAN-PENKAL, Loreni. A variável sexo/gênero e o uso de tu/você no Sul do Brasil. **SIGNUM: estudos linguísticos**, Londrina, n. 18/1, p. 182-205, 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/20205/16677>>. Acesso em: 26 Abr. 2018.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística no/do Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos:** Campinas, v. 58, n. 3, 2016.

FREITAG, Raquel Meister Ko; LIMA, Geralda de Oliveira Santos. **Sociolinguística**. São Cristóvão: CESAD, 2010. Disponível em: < http://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/upload/Catalago/18534216022012Sociolinguistica_Aula_1.pdf >. Acesso em: 26 Dez. 2018.

Gil, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo : Atlas, 2008. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-etc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em 16 Mai. 2018.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LEITE, Cândida Mara Britto. Atitudes linguísticas e teoria da acomodação: inter-relação entre Sociolinguística e Psicologia Social. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 40 (2): p. 1017-1028, mai-ago 2011. Disponível em: < E:/Downloads/1358-3617-1-SM.pdf >. Acesso em: 26 Dez. 2018.

LOPES, Célia Regina dos Santos; RUMEU, Márcia Cristina de Brito; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. A configuração diatópico-diacrônica do sistema de tratamento do português brasileiro. **Revista do GELNE**, Natal/RN, Vol. 15 Número Especial: 191-216. 2013. Disponível em: < http://www.letas.ufmg.br/padroao_cms/documentos/profs/marciarumeu/LopesRumeuCarneiro2012Gelne.pdf.pdf >. Acesso em: 26 Dez. 2018.

LUCENA, Rachel de Oliveira Pereira. **Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016. Disponível em: < <http://www.letas.ufrj.br/posverna/doutorado/PereiraRO.pdf> >. Acesso em 16 Mai. 2018.

MAIA, Marcus. **Manual de linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área da linguagem**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=646-vol15vias04web-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 9 de out. 2015.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

MARTELLOTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão Funcionalista da linguagem no século XX. IN: CUNHA, Maria Angélica Furtado; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELLOTA, Mário Eduardo (Orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MENON, Odete Pereira da Silva. O sistema pronominal do português do Brasil. **Letras**, Curitiba, n. 44, p. 91-106, 1995. Disponível em: < <file:///E:/Downloads/19069-67491-1-PB.pdf> >. Acesso em: 26 Dez. 2018.

MOLLICA, Maria Cecília. Relativas em tempo real no Português Brasileiro contemporâneo. In: PAIVA, M. C. e DUARTE, M. E. L. (Orgs.) **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

_____. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

MONTEIRO, José Lemos. Fenômenos de variação no uso dos pronomes pessoais. **Letras**, Fortaleza, n 13, 1988. Disponível em: < <http://oaji.net/articles/2017/6266-1534426322.pdf> >. Acesso em: 26 Dez. 2018.

_____. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OMENA, Nelize Pires de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Variáveis morfossintáticas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

PAIVA, Maria da Conceição de; SILVA, Vera Lúcia Paredes da. Cumprindo uma pauta de trabalho: contribuições recentes do PEUL. **Alfa**, São Paulo, v. 56, n. 3. 2012. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-57942012000300002> >. Acesso em 26 Abr. 2018.

PAIVA, Maria da Conceição de; GOMES, Christina Abreu. Grupo PEUL: passado, presente e futuro de uma agenda de pesquisa. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 58, n. 3, 2016. Disponível em: < <file:///E:/Downloads/8647614-24756-1-PB.pdf> >. Acesso em 26 Abr. 2018.

PAIVA, Maria da Conceição. A variável sexo/gênero. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: < <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em: 16 Mai. 2018.

RAFAEL, Noelma. **Variação, mudança e ensino**: o caso dos pronomes possessivos ‘da gente’ e ‘nosso(a)(s)’ em uma abordagem sociofuncionalista. Natal: 2010. Disponível < <https://core.ac.uk/download/pdf/71369148.pdf>>. Acesso em: 16 Mai. 2018.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo; BEZERRA, José Ribamar Mendes; ROCHA, Maria de Fátima Sopas. Do nosso cotidiano ou do cotidiano da gente? Um estudo da alternância nós/agente no português do Maranhão. **Signum**, Londrina, v.12, n. 1, p. 279-292, 2009. Disponível em: < file:///E:/Downloads/4245-17986-1-PB.pdf >. Acesso em: 16 Mai. 2018.

ROCHA, Patrícia Graciela da. A variação dos pronomes de segunda pessoa na língua falada nas comunidades ratones e de Santo Antônio de Lisboa – uma abordagem sociolinguística variacionista. **Work. Pap. Linguist.** Florianópolis, n. esp.: 69-81, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/viewFile/18333/17485>>. Acesso em: 16 Mai. 2018.

SAID ALI, Manuel. **Investigações filológicas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da sociolinguística variacionista no Brasil. Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187-207, 2011. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/314909483_Variacao_e_mudanca_linguistica_panorama_e_perspectivas_da_sociolinguistica_variacionista_no_Brasil> acesso em 16 Mai 2018.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert (Orgs.). 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SEARA, Izabel Christine. A variação do sujeito *nós* e *a gente* na fala florianopolitana. **Organon**, [s.l.], v. 14, n. 28-29, 2000. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/30203/18711;a>. acesso em: 16. Mai. 2018.

SILVA R., Virgínia Mattos e. **Ensaio para uma sócio história do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

SILVA C., Cesar Castro da. A variação *nós* e *a gente* no português culto carioca. **Revista do GELNE**, Piauí, v. 12, n.1, 2010. Disponível em: < <file:///E:/Downloads/9354-Texto%20do%20artigo-25436-1-10-20160504.pdf> >. Acesso em 26 Abr. 2018.

SILVA E., Vianna da. Bancos de dados sociolinguísticos em português. **Idioma**, Rio de Janeiro, n.º. 29, p. 168-180, 2015. Disponível em: < http://www.institutodeletras.uerj.br/idioma/numeros/29/Idioma29_a04.pdf >. Acesso em 26 Abr. 2018.

SILVA A., Cristina Souza da. O passado, o presente e o futuro da língua portuguesa. [S. l.]: [20-]. Disponível em: http://www.filologia.org.br/ijnlflp/textos/O_passado_o_presente_e_o%20futuro%20da%20l%C3%ADngua%20portuguesa%20-%20ANA%20CRISTINA.pdf. Acesso em: 23 Out. 2016.

SILVA V., Lúcia Paredes da. Variação e funcionalidade no uso de pronomes de 2ª pessoa do singular no português carioca. **Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v.7, n.2, p.121-138, jul./dez. 1998. Disponível em: < <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2298> >. Acesso em: 16 Mai. 2018.

SILVA V., Lúcia Paredes da. Relevância das variáveis linguísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf> >. Acesso em: 16 Mai. 2018.

SOUZA, Adriana dos Santos; BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. A variação no uso dos pronomes-sujeito *nós* e *a gente*. **Anais do SILEL**. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009. Disponível em: < http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt_lg06_artigo_4.pdf >. Acesso em 16 Mai. 2018.

TARALLO, Fernando. **Relativization strategies in Brazilian Portuguese**. Tese de doutorado. Universidade da Pensilvânia, EUA, 1983.

_____. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

VIANNA, Juliana Barbosa de Segadas e LOPES, Célia Regina dos Santos. A competição entre nós e a gente nas funções de complemento e adjunto: desvendando outras portas de entrada para o pronome inovador. **Calígrama**, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 137-161, 2012.

VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. Variação nós e a gente na fala culta da cidade de Maceió/al. **Interdisciplinar**; [S. l.], v.24, p. 159 – 172, 2016. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/24756>>. Acesso em: 16 Mai. 2018.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

YACONVECO, Lilian Coutinho; SCARDUA, Juliana Rangel. A variação pronominal de segunda pessoa: contribuições da sociolinguística para o ensino de língua portuguesa. **Work. Pap. Linguíst.**, 18(2): 171-191, Florianópolis, ago./dez., 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/1984-8420.2017v18n2p171>>. Acesso em: 26 Dez. 2018.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa**. 2. ed. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2013.

ANEXOS

ANEXO A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGEL
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PETRÔNIO PORTELA/TERESINA- PI
CEP: 64.049-550- FONE: (86) 3215-5942**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TÍTULO DO PESQUISA: “Na fala de nós não se usa nosso: uma análise variacionista do possessivo de primeira pessoa do plural na comunidade Baixio/São José do Piauí-PI”;

INSTITUIÇÃO PROPONENTE: Universidade Federal do Piauí/UFPI

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Valdisnéia Lucia de Sousa;

ORIENTADORA: Prof^ª. Dr^ª. Iveuta de Abreu Lopes;

CONTATO DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL: (089) 98812-6637/(089) 99993-8675;

CONTATO DA ORIENTADORA: (086) 99953-4774;

E-MAIL: neinha.lc.sousa@gmail.com e iveuta@uol.com.br

Prezado(a) Senhor(a)

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “Na fala de nós não se usa nosso: uma análise variacionista do possessivo de primeira pessoa do plural na comunidade Baixio/São José do Piauí-PI”, que está sendo desenvolvida por Valdisnéia Lucia de Sousa, aluna do Curso de Pós-graduação em Letras (Linguística), da Universidade Federal do Piauí – UFPI, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Iveuta de Abreu Lopes.

Esclarecemos que a sua participação na pesquisa é voluntária e, portanto, o (a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer nenhum tipo de informação e colaborar com as atividades

solicitadas pelo pesquisador, mas caso aceite participar, asseguramos-lhe que a sua identidade será preservada, por questões éticas.

Após os esclarecimentos sobre a pesquisa e a aceitação da participação, você deve assinar duas vias deste documento, uma para você e a outra para os pesquisadores. Em caso de recusa ou de desistência, você não será penalizado(a) de forma alguma.

Os pesquisadores estarão à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa, poderão, inclusive, entrar em contato com o Comitê de Ética da Universidade Federal do Piauí.

DESCRIÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa tem como objeto de estudo uma marca presente na variedade linguística da comunidade Baixio em São José do Piauí-PI, trata-se, pois, da presença da expressão “de nós” substituindo o possessivo de primeira pessoa do plural “nosso”. Daremos um trato Sociolinguístico no que diz respeito aos fatores linguísticos e extralinguísticos, considerando os fatores que tornam a variedade linguística utilizada pela comunidade diferente da de outras comunidades. Pretendemos, com esta pesquisa, levantar e compreender quais são os motivos que condicionam a presença desse fenômeno variável em Baixio.

QUANTO À SUA PARTICIPAÇÃO

Você foi selecionado(a), inicialmente, pelo fato de ser residente na comunidade de pesquisa e ainda por se encaixar na faixa etária, selecionada por nós como relevante para o estudo. Assim, a realização da pesquisa só será possível de se realizar, a partir de sua autorização para participar, voluntariamente, como informante do trabalho, você pode se negar a participar, bem como poderá desistir e retirar seu consentimento, a qualquer momento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Dado o seu consentimento, sua participação consiste em participar de entrevistas que serão gravadas por um aplicativo de gravação de voz, disponível para *Android*. Essas entrevistas serão realizadas em sua própria moradia ou outro lugar solicitado por você. Nas entrevistas teremos um diálogo guiado por um roteiro, um questionário que deverá ser respondido, oralmente. Tal questionário consiste de perguntas relativas a aspectos da comunidade Baixio, bem como a aspectos relacionados a você e outros moradores.

Sua participação não será remunerada, nem implicará em gastos, mas no caso de havendo algum tipo de despesa, essa será custeada ou ressarcida pela pesquisa.

INFORMAÇÕES RELEVANTES

Garantia de acesso

O acesso de cada etapa da pesquisa está completamente garantido. Este contato está abertamente livre por intermédio dos pesquisadores: Valdisnéia Lucia de Sousa ((089) 98812-6637 e (089) 99993-8675) e Iveuta de Abreu Lopes ((086) 99953-4774). E-mails: neinha.lc.sousa@gmail.com e iveuta@uol.com.br

Ainda em caso de dúvida ou sugestões sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade Federal do Piauí, através do contato: (086) 3237-2332 ou e-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br.

Garantia de sigilo

Caso aceite contribuir com a pesquisa, os dados obtidos serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo quanto ao seu nome e identidade. Assim, você, através de solicitação, o pesquisador, a orientadora, e o CEP terão acesso às informações concedidas para verificar o andamento e os resultados do estudo.

O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes, assim, você e todos os outros participantes terão um código, alfabético ou numérico, criado por nós, a fim de manter o sigilo de identidade. Os registros recolhidos serão analisados e publicados na dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGEL) da Universidade Federal do Piauí-UFPI, contudo, comprometemo-nos de resguardar de qualquer exposição pública todas as gravações e transcrições de fala realizadas.

Riscos e benefícios

A presente proposta de pesquisa na comunidade de Baixio em São José do Piauí-PI apresenta riscos mínimos aos informantes. Os riscos propensos a suceder é o fato de que eles serão convidados a realizar as atividades propostas nos instrumentos de coleta de dados, e, neste momento podem apresentar aspectos pessoais e frequentemente íntimos de sua vida particular, de modo a construir certo constrangimento e desconforto entre pesquisador e informante.

Contudo, apresentamos preocupação de contornar tais riscos procurando promover a compreensão prévia de todos os sujeitos participantes acerca dos objetivos e instrumentos a serem utilizados no estudo, bem como fazer análise prévia das questões a serem utilizadas nos

instrumentos, atentando-se para a presença de tópicos de sensibilidade, de sigilo, de confidencialidade e de anonimato dos sujeitos envolvidos, revisando criteriosamente as questões que possam trazer algum tipo de incômodo aos participantes do estudo e preparando um local adequado para a aplicação dos instrumentos de pesquisa.

A investigação está pautada no respeito ao participante, assegurando-lhe sua vontade de contribuir e permanecer ou não na pesquisa, por meio da manifestação expressa, livre e esclarecida. Assim, nenhum informante será submetido a qualquer tipo de procedimento que viole sua integridade física, moral e ética, preservando sua inteireza e dignidade durante e depois da pesquisa.

No entanto, a realização do trabalho também trata benefícios, como contribuir com o mínimo que seja para a comunidade acadêmica e sua formação sociolinguística, de forma a fomentar debates e incitar novas pesquisas na presente área, sob o viés da sociolinguística variacionista. Também trará visibilidade acerca da variedade linguística utilizada pela comunidade que será realizada a pesquisa.

CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIMENTO

Seguem os contatos do pesquisador responsável e da orientadora, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

CONTATOS DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Valdisnéia Lucia de Sousa, (89) 98812-6637, e-mail: neinha.lc.sousa@gmail.com.

CONTATOS DA ORIENTADORA: Prof^a. Dr.^a Iveuta de Abreu Lopes, (086) 99953-4774, e-mail: iveuta@uol.com.br

Você ainda poderá receber esclarecimentos adicionais sobre a pesquisa ou encaminhar eventuais dúvidas que possa ter sobre a realização do estudo a qualquer momento de sua realização, entrando em contato com o:

CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – UFPI

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA – PROPESQ / CAMPUS UNIVERSITÁRIO

MINISTRO PETRÔNIO PORTELA – CMPP

CEP: 64.049-550 - TERESINA - PI. BAIRRO ININGA.

E-MAIL: cep.ufpi@ufpi.edu.br

TEFEFONE: (086) 3237-2332

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável.

Desde já, agradeço sua contribuição.

Eu, _____,
li e discuti com o investigador responsável pelo presente estudo os detalhes descritos neste documento. Entendo que eu sou livre para aceitar ou recusar, e que posso interromper a minha participação a qualquer momento sem dar uma razão. Eu concordo que os dados coletados para o estudo sejam usados para o propósito acima descrito.

Eu entendi as informações apresentada neste termo de consentimento, tive a oportunidade para fazer perguntas e todas as minhas perguntas foram respondidas. De modo que, aceitei participar da pesquisa “Na fala de nós ão se usa nosso: uma análise variacionista do possessivo de primeira pessoa do plural na comunidade Baixio/São José do Piauí-PI”.

Teresina, PI, _____ / _____ / 2018.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador Responsável

Valdisnéia Lucia de Sousa

ANEXO B: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGEL
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PETRÔNIO PORTELA/TERESINA- PI
CEP: 64.049-550- FONE: (86) 3215-5942**

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

TÍTULO DO PESQUISA: “Na fala de nós não se usa nosso: uma análise variacionista do possessivo de primeira pessoa do plural na comunidade Baixio/São José do Piauí-PI”;

INSTITUIÇÃO PROPONENTE: Universidade Federal do Piauí/UFPI

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Valdisnéia Lucia de Sousa;

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Iveuta de Abreu Lopes;

CONTATO DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL: (089) 98812-6637/(089) 99993-8675;

CONTATO DA ORIENTADORA: (086) 99953-4774;

E-MAIL: neinha.lc.sousa@gmail.com e iveuta@uol.com.br

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Na fala de nós não se usa nosso: uma análise variacionista do possessivo de primeira pessoa do plural na comunidade Baixio/São José do Piauí-PI”, desenvolvida por Valdisnéia Lucia de Sousa, aluna do Curso de Pós-graduação em Letras (Linguística), da Universidade Federal do Piauí – UFPI, orientada pela Prof^a. Dr^a. Iveuta de Abreu Lopes. Já conversei com os seus responsáveis eles permitiram que você participe.

Queremos saber porque as pessoas da sua comunidade, Baixio em São José do Piauí, substituem o pronome possessivo de primeira pessoa do plural “nosso” pela expressão “de nós”, ou seja, queremos saber o porquê das pessoas daqui falarem “Os primos de nós moram aqui perto” ao invés de “Os nossos primos moram aqui perto”, por exemplo.

Os menores que irão participar desta pesquisa têm idade acima de 06 anos. Você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e caso aceite, não terá nenhum problema se desistir.

Aceitando em participar, a pesquisa com você será feita na sua própria casa ou local indicado por seus responsáveis, na presença dos mesmos. Na ocasião, eu irei realizar entrevistas que serão gravadas por um aplicativo de gravação de voz, disponível para *Android* (Ou seja, celular). Você irá responder algumas perguntas feitas por mim, caso não saiba responder alguma, não terá nenhum problema. Assim, nós vamos ter uma conversa, que terá por base um questionário, que deverá ser respondido, por meio da fala, que será gravada. As perguntas do questionário serão sobre a comunidade mesmo ou sobre você e outros moradores.

Garantimos que a participação na pesquisa será segura, apresentando riscos mínimos a quem for participar. Os riscos que correrá é o fato de que os participantes serão convidados a realizar as atividades propostas nos questionários e, neste momento podem apresentar aspectos pessoais e íntimos de sua vida particular, podendo construir certo constrangimento e desconforto entre pesquisador e informante.

Mas, nós apresentamos preocupação de contornar esses riscos, procurando fazer com que o participante entenda os objetivos e os instrumentos que serão utilizados no estudo, bem como faremos uma análise das perguntas que serão feitas, revendo as questões que possam trazer algum tipo de incômodo aos participantes do estudo e preparando um local adequado para a aplicação dos instrumentos de pesquisa.

Nenhum informante estará sujeito a qualquer tipo de procedimento que viole sua integridade física, moral e ética, preservando sua inteireza e dignidade durante e depois da pesquisa.

No entanto, a realização do trabalho também trata benefícios, como contribuir com o mínimo que seja para a comunidade acadêmica e sua formação sociolinguística, de forma a fomentar debates e incitar novas pesquisas na presente área, sob o viés da sociolinguística variacionista. Também trará visibilidade acerca da variedade linguística utilizada pela comunidade que será realizada a pesquisa.

Você, bem como seus responsáveis, não receberá nenhum valor por sua participação, mas também não terão gastos, mas no caso de havendo algum tipo de despesa, essa será custeada ou ressarcida pela pesquisa.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser

publicados na dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGEL) da Universidade Federal do Piauí-UFPI, mas você, assim como as outras crianças e adolescentes, não será identificado, pois vamos criar um código para cada participante afim de garantir o sigilo. Nós nos comprometemos em guardar todas as gravações e transcrições de fala realizadas.

A seguir, estão os contatos do pesquisador responsável e da orientadora, onde você, ou seus responsáveis, poderá tirar suas dúvidas sobre a pesquisa e sua participação nela, agora ou a qualquer momento.

CONTATOS DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Valdisnéia Lucia de Sousa, (89) 98812-6637, e-mail: neinha.lc.sousa@gmail.com.

CONTATOS DA ORIENTADORA: Prof^a. Dr.^a Iveuta de Abreu Lopes, (086) 99953-4774, e-mail: iveuta@uol.com.br

As dúvidas sobre a pesquisa ainda poderão ser tiradas, a qualquer momento de sua realização, entrando em contato com o:

**CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA – PROPESQ / CAMPUS UNIVERSITÁRIO
MINISTRO PETRÔNIO PORTELA – CMPP**

CEP: 64.049-550 - TERESINA - PI. BAIRRO ININGA.

E-MAIL: cep.ufpi@ufpi.edu.br

TEFEFONE: (086) 3237-2332

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável. Juntamente com esse termo, você e seu responsável ainda irão receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que também será assinado em duas vias, pelo seu responsável, e de igual modo ficará uma com vocês e outra com o pesquisador responsável

Desde já, agradeço sua contribuição.

Eu, _____,
aceito participar da pesquisa “Na fala de nós não se usa nosso: uma análise variacionista do possessivo de primeira pessoa do plural na comunidade Baixio/São José do Piauí-PI”.

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar com raiva de mim. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

Teresina, PI, _____ / _____ / 2018.

Assinatura do menor

Assinatura do Pesquisador Responsável
Valdisnéia Lucia de Sousa

ANEXO C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Para os Responsáveis



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGEL
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PETRÔNIO PORTELA/TERESINA- PI
CEP: 64.049-550- FONE: (86) 3215-5942**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS RESPONSÁVEIS

TÍTULO DO PESQUISA: “Na fala de nós não se usa nosso: uma análise variacionista do possessivo de primeira pessoa do plural na comunidade Baixio/São José do Piauí-PI”;

INSTITUIÇÃO PROPONENTE: Universidade Federal do Piauí/UFPI

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Valdisnéia Lucia de Sousa;

ORIENTADORA: Prof^ª. Dr^ª. Iveuta de Abreu Lopes;

CONTATO DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL: (089) 98812-6637/(089) 99993-8675;

CONTATO DA ORIENTADORA: (086) 99953-4774;

E-MAIL: neinha.lc.sousa@gmail.com e iveuta@uol.com.br

Prezado(a) Senhor(a)

O menor de idade pelo qual o(a) senhor(a) é responsável está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a), da pesquisa intitulada “Na fala de nós não se usa nosso: uma análise variacionista do possessivo de primeira pessoa do plural na comunidade Baixio/São José do Piauí-PI”, que está sendo desenvolvida por Valdisnéia Lucia de Sousa, aluna do Curso de Pós-graduação em Letras (Linguística), da Universidade Federal do Piauí – UFPI, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Iveuta de Abreu Lopes.

Esta pesquisa tem como objeto de estudo uma marca presente na variedade linguística da comunidade Baixio em São José do Piauí-PI, trata-se, pois, da presença da expressão “de nós” substituindo o possessivo de primeira pessoa do plural “nosso”. Daremos um trato

Sociolinguístico no que diz respeito aos fatores linguísticos e extralinguísticos, considerando os fatores que tornam a variedade linguística utilizada pela comunidade diferente da de outras comunidades. Pretendemos, com esta pesquisa, levantar e compreender quais são os motivos que condicionam a presença desse fenômeno variável em Baixio.

Ele(a) foi selecionado(a), inicialmente, pelo fato de ser residente na comunidade de pesquisa e ainda por se encaixar na faixa etária, selecionada por nós como relevante para o estudo. Assim, a realização da pesquisa só será possível de se realizar, a partir de sua autorização, juntamente com a dele(a), expressa pelo Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para participar, voluntariamente, como informante do trabalho. Ele(a), bem como o senhor(a) pode negar a participação, bem como poderá desistir e retirar seu consentimento, a qualquer momento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Dado o seu consentimento, a participação do menor pelo qual o senhor(a) é responsável consiste em participar de entrevistas que serão gravadas por um aplicativo de gravação de voz, disponível para *Android*. Essas entrevistas serão realizadas na sua presença ou outra pessoa indicada por você, em sua própria moradia ou outro lugar solicitado por você. Nas entrevistas teremos um diálogo guiado por um roteiro, um questionário que deverá ser respondido, oralmente. Tal questionário consiste de perguntas relativas a aspectos da comunidade Baixio, bem como a aspectos relacionados a você e outros moradores.

A participação dele(a) não será remunerada, nem implicará em gastos, mas no caso de havendo algum tipo de despesa, essa será custeada ou ressarcida pela pesquisa.

Tudo foi planejado para minimizar os riscos da participação dele(a), porém, os riscos propensos a suceder é o fato de que ele(a) será convidado(a) a realizar as atividades propostas nos instrumentos de coleta de dados, e, neste momento poderá apresentar aspectos pessoais e frequentemente íntimos de sua vida particular, de modo a construir certo constrangimento e desconforto entre pesquisador e informante.

Contudo, apresentamos preocupação de contornar tais riscos procurando promover a compreensão prévia de todos os sujeitos participantes acerca dos objetivos e instrumentos a serem utilizados no estudo, bem como fazer análise prévia das questões a serem utilizadas nos instrumentos, atentando-se para a presença de tópicos de sensibilidade, de sigilo, de confidencialidade e de anonimato dos sujeitos envolvidos, revisando criteriosamente as questões que possam trazer algum tipo de incômodo aos participantes do estudo e preparando um local adequado para a aplicação dos instrumentos de pesquisa.

A investigação está pautada no respeito ao participante, assegurando-lhe sua vontade de contribuir e permanecer ou não na pesquisa, por meio da manifestação expressa, livre e esclarecida. Assim, nenhum informante será submetido a qualquer tipo de procedimento que viole sua integridade física, moral e ética, preservando sua inteireza e dignidade durante e depois da pesquisa.

No entanto, a realização do trabalho também trata benefícios, como contribuir com o mínimo que seja para a comunidade acadêmica e sua formação sociolinguística, de forma a fomentar debates e incitar novas pesquisas na presente área, sob o viés da sociolinguística variacionista. Também trará visibilidade acerca da variedade linguística utilizada pela comunidade que será realizada a pesquisa.

Caso permita a participação do menor, os dados obtidos serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo quanto ao nome dele(a) e identidade. Assim, você, através de solicitação, o pesquisador, a orientadora, e o CEP terão acesso às informações concedidas para verificar o andamento e os resultados do estudo.

O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes, assim, ele(a) e todos os outros participantes terão um código, alfabético ou numérico, criado por nós, a fim de manter o sigilo de identidade. Os registros recolhidos serão analisados e publicados na dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGEL) da Universidade Federal do Piauí-UFPI, contudo, comprometemo-nos de resguardar de qualquer exposição pública todas as gravações e transcrições de fala realizadas.

CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIMENTO

Seguem os contatos do pesquisador responsável e da orientadora, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e a participação do menor, agora ou a qualquer momento.

CONTATOS DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Valdisnéia Lucia de Sousa, (89) 98812-6637, e-mail: neinha.lc.sousa@gmail.com

CONTATOS DA ORIENTADORA: Prof^a. Dr.^a Iveuta de Abreu Lopes, (086) 99953-4774, e-mail: iveuta@uol.com.br

Você ainda poderá receber esclarecimentos adicionais sobre a pesquisa ou encaminhar eventuais dúvidas que possa ter sobre a realização do estudo a qualquer momento de sua realização, entrando em contato com o:

CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – UFPI

**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA – PROPEAQ / CAMPUS UNIVERSITÁRIO
MINISTRO PETRÔNIO PORTELA – CMPP**

CEP: 64.049-550 - TERESINA - PI. BAIRRO ININGA.

E-MAIL: cep.ufpi@ufpi.edu.br

TELEFONE: (086) 3237-2332

Caso você concorde com a participação do menor pelo qual é responsável nesta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável. Juntamente com esse termo, você ainda irá receber uma cópia do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), que também será assinado em duas vias, pelo menor, e de igual modo ficará uma com você e outra com o pesquisador responsável.

Desde já, agradeço sua contribuição.

Eu, _____,
li e discuti com o investigador responsável pelo presente estudo os detalhes descritos neste documento. Entendo que eu sou livre para concordar ou não quanto à participação de _____, menor de idade pelo qual sou responsável. Entendi também que posso interromper a participação dele(a) a qualquer momento sem dar uma razão. Eu concordo que os dados coletados para o estudo sejam usados para o propósito acima descrito. Entendi as informações apresentadas neste termo de consentimento, tive a oportunidade para fazer perguntas e todas as minhas perguntas foram respondidas. De modo que, permiti a participação do menor acima na pesquisa “Na fala de nós não se usa nosso: uma análise variacionista do possessivo de primeira pessoa do plural na comunidade Baixio/São José do Piauí-PI”.

Teresina, PI, _____ / _____ / 2018.

Assinatura do responsável pelo menor

Assinatura do Pesquisador Responsável
Valdisnéia Lucia de Sousa

ANEXO D: Termo de Confidencialidade



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGEL
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PETRÔNIO PORTELA/TERESINA- PI
CEP: 64.049-550- FONE: (86) 3215-5942**

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

TÍTULO DO PESQUISA: “Na fala de nós não se usa nosso: uma análise variacionista do possessivo de primeira pessoa do plural na comunidade Baixio/São José do Piauí-PI”;

LOCAL DA COLETA DE DADOS: Baixio/São José do Piauí-PI

INSTITUIÇÃO PROPONENTE/DEPARTAMENTO: Universidade Federal do Piauí/UFPI-CCHL

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Valdisnéia Lucia de Sousa;

ORIENTADORA: Prof^ª. Dr^ª. Iveuta de Abreu Lopes;

CONTATO DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL: (089) 98812-6637/(089) 99993-8675;

CONTATO DA ORIENTADORA: (086) 99953-4774;

E-MAIL: neinha.lc.sousa@gmail.com e iveuta@uol.com.br

A pesquisadora compromete-se a resguardar a confidencialidade e integridade dos sujeitos participantes da pesquisa, cujos dados serão coletados através de ficha de campo, questionários e gravações de entrevistas, de pessoas residentes na comunidade Baixio, em São José do Piauí-PI. Assegura que o caráter anônimo dos participantes envolvidos na pesquisa será mantido, conservando suas identidades protegidas. Assim, todo o material a ser utilizado e todos os documentos submetidos NÃO serão identificados por nome do participante, mas sim por um código, seja alfabético ou numérico.

A pesquisadora assegura ainda que manterá os registros coletados de maneira preservada e sigilosa, contendo códigos, nomes e endereços, para uso próprio. Como também,

os formulários de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como o de Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, assinados pelos participantes, serão juntamente mantidos pela pesquisadora em confidência estrita, em um único arquivo, pelo período de dois anos, após este período, os dados serão destruídos.

Assegura-se ainda que, os participantes da pesquisa, receberão uma via original do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (quando for o caso) assinada e rubricada.

Teresina, _____ de _____ de 2018.

Valdisnéia Lucia de Sousa
Pesquisadora Responsável

ANEXO E: Instrumento de Coleta de Dados



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGEL
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PETRÔNIO PORTELA/TERESINA- PI
CEP: 64.049-550- FONE: (86) 3215-5942

TÍTULO DO PESQUISA: “Na fala de nós não se usa nosso: uma análise variacionista do possessivo de primeira pessoa do plural na comunidade Baixio/São José do Piauí-PI”;

INSTITUIÇÃO PROPONENTE: Universidade Federal do Piauí/UFPI

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Valdisnéia Lucia de Sousa;

ORIENTADORA: Prof^ª. Dr^ª. Iveuta de Abreu Lopes;

CONTATO DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL: (089) 98812-6637/(089) 99993-8675;

CONTATO DA ORIENTADORA: (086) 99953-4774;

E-MAIL: neinha.lc.sousa@gmail.com e iveuta@uol.com.br

PERFIL DO INFORMANTE

Número do informante:

Sexo:

Idade:

Local de nascimento:

Você estudou/estuda? Se não, porque? Se sim, até que ano?

Você é casado(a)? Seu esposo(a) é da comunidade Baixio? (Para os adultos)

Você já se ausentou da comunidade por um grande período de tempo? Se sim, quanto tempo?

Você tem filhos? Quantos? (Para os adultos)

QUESTIONÁRIO

Você tem irmãos? O que você(s) costumavam fazer quando eram crianças e seus pais saiam para trabalhar? (Caso o pai e a mãe trabalhasse)

Quantas pessoas moram na casa?

Essa casa que vocês moram é de quem?

Você trabalha? Se sim, em que? Quem mais trabalha das pessoas que moram com você?

E essa roça que vocês plantam? Também é de vocês? (No caso de quem é agricultor)

O que vocês plantam? E qual a maior produção agrícola de vocês? (No caso de quem é agricultor)

Quais as principais criações de vocês? E na comunidade em geral?

Como é a escola de vocês aqui? É boa?

E a professora é daqui mesmo da comunidade ou é de fora?

Qual a principal diversão de vocês aqui?

Os jovens praticam algum esporte? Qual o principal esporte de vocês aqui?

O que os pais de vocês fazem nas horas vagas? (Para as crianças e jovens)

O que os filhos de vocês fazem nas horas vagas? (Para os adultos)

Vocês participam das festividades religiosas da comunidade? Quando é o festejo daqui? Quem é o santo padroeiro de vocês?

Você poderia me contar uma história sobre alguma situação que você passou, da qual lembra até hoje? (Uma história da sua infância ou juventude, no caso dos adultos)

ANEXO F: Declaração dos Pesquisadores



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGEL
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PETRÔNIO PORTELA/TERESINA- PI
CEP: 64.049-550- FONE: (86) 3215-5942**

DECLARAÇÃO DOS PESQUISADORES

Ao Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

Universidade Federal do Piauí

Eu (nós), a Pós-graduanda Valdisnéia Lucia de Sousa e a Prof^ª. Dr^ª. Iveuta de Abreu Lopes, pesquisadora responsável e orientadora, respectivamente, da pesquisa intitulada “Na fala de nós não se usa nosso: uma análise variacionista do possessivo de primeira pessoa do plural na comunidade Baixo/São José do Piauí-PI”, declaramos que:

- Assumimos o compromisso de cumprir os Termos da Resolução nº 466/12 , de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde e demais resoluções complementares à mesma (240/97, 251/97, 292/99 e 340/2004).
- Assumimos o compromisso de zelar pela privacidade e pelo sigilo das informações, que serão obtidas e utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa;
- Os materiais e as informações obtidas no desenvolvimento deste trabalho serão utilizados apenas para se atingir os objetivos previstos nesta pesquisa e não serão utilizados para outras pesquisas sem o devido consentimento dos voluntários;
- Os materiais e os dados obtidos ao final da pesquisa serão arquivados sob a responsabilidade de Valdisnéia Lucia de Sousa; que também será responsável pelo descarte dos materiais e dados, caso os mesmos não sejam estocados ao final da pesquisa;
- Não há qualquer acordo restritivo à divulgação pública dos resultados;

- Os resultados da pesquisa serão tornados públicos através de publicações em periódicos científicos e/ou em encontros científicos, quer sejam favoráveis ou não, respeitando-se sempre a privacidade e os direitos individuais dos sujeitos da pesquisa;
- O CEP-UFPI será comunicado da suspensão ou do encerramento da pesquisa por meio de relatório apresentado anualmente ou na ocasião da suspensão ou do encerramento da pesquisa com a devida justificativa;
- O CEP-UFPI será imediatamente comunicado se ocorrerem efeitos adversos resultantes desta pesquisa com o voluntário;
- Esta pesquisa ainda não foi total ou parcialmente realizada.

Teresina, _____ de _____ de 2018.

Pesquisador responsável
Valdisnéia Lucia de Sousa
CPF: 036.409.593-88

Orientadora
Iveuta de Abreu Lopes
CPF: 097.385.093-00

ANEXO G: Carta de encaminhamento



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGEL
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PETRÔNIO PORTELA/TERESINA- PI
CEP: 64.049-550- FONE: (86) 3215-5942**

CARTA DE ENCAMINHAMENTO

Teresina, ____/____/ 2018

Prof. Dr. Herbert de Sousa Barbosa.

Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI

Caro Prof.,

Estou enviando o projeto de pesquisa intitulado “Na fala de nós não se usa nosso: uma análise variacionista do possessivo de primeira pessoa do plural na comunidade Baixio/São José do Piauí-PI”, para a apreciação por este comitê.

Confirmando que todos os pesquisadores envolvidos nesta pesquisa realizaram a leitura e estão cientes do conteúdo da resolução 466/12 do CNS e das resoluções complementares à mesma (240/97, 251/97, 292/99 e 340/2004).

Confirmando também:

- 1- Que esta pesquisa ainda não foi iniciada,
- 2- Que não há participação estrangeira nesta pesquisa,
- 3- Que comunicarei ao CEP-UFPI os eventuais eventos adversos ocorridos com o voluntário,
- 4- Que apresentarei relatório anual e final desta pesquisa ao CEP-UFPI,
- 5- Que retirarei por minha própria conta os pareceres e o certificado junto à secretaria do CEP-UFPI.

Atenciosamente,

Pesquisadora responsável

Assinatura: _____

Nome: Valdisnéia Lucia de Sousa

CPF: 036.409.593-88

Instituição: Universidade Federal do Piauí - UFPI

Área: Letras (Linguística)

Departamento: Letras

ANEXO H: Autorização Institucional



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGEL
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PETRÔNIO PORTELA/TERESINA- PI
CEP: 64.049-550- FONE: (86) 3215-5942**

AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

TÍTULO DO PESQUISA: “Na fala de nós não se usa nosso: uma análise variacionista do possessivo de primeira pessoa do plural na comunidade Baixio/São José do Piauí-PI”;

INSTITUIÇÃO PROPONENTE: Universidade Federal do Piauí/UFPI

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Valdisnéia Lucia de Sousa;

ORIENTADORA: Prof^ª. Dr^ª. Iveuta de Abreu Lopes;

CONTATO DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL: (089) 98812-6637/(089) 99993-8675;

CONTATO DA ORIENTADORA: (086) 99953-4774;

E-MAIL: neinha.lc.sousa@gmail.com e iveuta@uol.com.br

Eu, Cleonete da Silva Moura de Brito, na função de presidente da Associação de moradores de Baixio, São José do Piauí-PI, declaro está de acordo com a realização do estudo “Na fala de nós não se usa nosso: uma análise variacionista do possessivo de primeira pessoa do plural na comunidade Baixio/São José do Piauí-PI”, na comunidade supracitada, estudo esse a ser conduzido pela pesquisadora Valdisnéia Lucia de Sousa, aluna do Curso de Pós-graduação em Letras (Linguística), da Universidade Federal do Piauí – UFPI, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Iveuta de Abreu Lopes.

Declaro ter sido informado, pela responsável do estudo, sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na comunidade a qual represento, como líder comunitário.

A pesquisa, a qual autorizo, tem como objeto de estudo uma marca presente na variedade linguística da nossa comunidade, trata-se, pois, da presença da expressão “de nós” substituindo o possessivo de primeira pessoa do plural “nosso”. A pesquisadora me informou que dará um trato Sociolinguístico aos dados coletados, no que diz respeito aos fatores linguísticos e extralinguísticos, considerando os fatores que tornam a variedade linguística utilizada pela comunidade diferente da de outras comunidades. Pretendendo, com esta pesquisa, levantar e compreender quais são os motivos que condicionam a presença desse fenômeno variável em Baixo.

Declaro ainda está ciente de que a pesquisadora responsável terá livre acesso à comunidade, bem como, de que para a realização da coleta de dados, será necessária a sua visita às residências dos moradores participantes.

Requeremos da pesquisadora o compromisso de obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, garantindo-lhes segurança e bem-estar, assegurar a privacidade das pessoas citadas nos documentos institucionais e/ou contatadas diretamente, de modo a proteger suas imagens, bem como garantir que não utilizará as informações coletadas em prejuízo dessas pessoas e/ou da instituição, respeitando deste modo as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução 466/12 do CNS e das resoluções complementares à mesma (240/97, 251/97, 292/99 e 340/2004).

Na função por mim ocupada, assumo o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa, pela autorização da coleta de dados durante o período de agosto de 2018 a janeiro de 2019.

São José Piauí (PI), _____ de _____ de _____

Cleonete da Silva Moura de Brito
Presidente da Associação de moradores de Baixo/São José do Piauí-PI